

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Medicina

Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas

Anna Carolina Ferreira Marinho

**Protocolo de autoavaliação da fala em público: Modelo teórico, desenvolvimento
e validação**

Belo Horizonte

2023

Anna Carolina Ferreira Marinho

**PROTOCOLO DE AUTOAVALIAÇÃO DA FALA EM PÚBLICO: MODELO TEÓRICO,
DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas da Faculdade de Medicina – Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências Fonoaudiológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Letícia Caldas
Teixeira

Coorientadores: Profa. Dra. Adriane
Mesquita de Medeiros

Prof. Dr Eduardo de Paula Lima

Belo Horizonte

2023

M338p Marinho, Anna Carolina Ferreira.
Protocolo de autoavaliação da fala em público [recurso eletrônico]: modelo teórico, desenvolvimento e validação. / Anna Carolina Ferreira Marinho. -- Belo Horizonte: 2023.
104f.: il.
Formato: PDF.
Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

Orientador (a): Letícia Caldas Teixeira.
Coorientador (a): Adriane Mesquita de Medeiros; Eduardo de Paula Lima.
Área de concentração: Ciências Fonoaudiológicas.
Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Inquéritos e Questionários. 2. Estudo de Validação. 3. Fala. 4. Psicometria. 5. Dissertação Acadêmica. I. Teixeira, Letícia Caldas. II. Medeiros, Adriane Mesquita de. III. Lima, Eduardo de Paula. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. V. Título.

NLM: WA 900



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FONOAUDIOLÓGICAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

PROTOCOLO DE AUTOAVALIAÇÃO DA FALA EM PÚBLICO: MODELO TEÓRICO, DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO

ANNA CAROLINA FERREIRA MARINHO

Tese de doutorado defendida e aprovada, no dia 18 de agosto de 2023, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós- Graduação Ciências Fonoaudiológicas da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

LETÍCIA CALDAS TEIXEIRA- ORIENTADOR
UFMG

EDUARDO DE PAULA LIMA- COORIENTADOR
CBMMG

ADRIANE MESQUITA DE MEDEIROS
UFMG

AMÉLIA AUGUSTA DE LIMA FRICHE
UFMG

RENATA RANGEL AZEVEDO
UNIFESP

ANNA ALICE FIGUEIRÊDO DE ALMEIDA
UFPB

ELIZABETH DO NASCIMENTO**UFMG**

Belo Horizonte, 18 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Elizabeth do Nascimento, Presidente de comissão**, em 21/08/2023, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leticia Caldas Teixeira, Professora do Magistério Superior**, em 21/08/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Mesquita de Medeiros, Professora do Magistério Superior**, em 21/08/2023, às 13:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo de Paula Lima, Usuário Externo**, em 21/08/2023, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anna Alice Figueirêdo de Almeida, Usuário Externo**, em 21/08/2023, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amélia Augusta de Lima Friche, Professora do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 22:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata Rangel Azevedo, Usuário Externo**, em 19/12/2023, às 20:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2492286** e o código CRC **EE7D1482**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar e iluminar a minha vida, por todas as graças alcançadas.

Aos meus pais Rogério e Maria, pelos valores e princípios que me passaram e que me fizeram quem sou hoje. Pela compreensão e amor incondicional.

Ao meu irmão Rafael, pelo amor, apoio, torcida.

Ao meu marido Rodrigo, pelo incentivo, companheirismo e sua paciência, sempre com amor e acolhimento.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade e atenção.

À minha orientadora Dra. Letícia Caldas Teixeira, minha eterna grande mestra! Obrigada por tudo!!! Por me ensinar tanto, orientar, aconselhar, despertar minha paixão pela área de Voz e Comunicação. Você é meu exemplo, minha inspiração.

Aos meus coorientadores Dr. Eduardo de Paula Lima e Dra. Adriane Mesquita de Medeiros pelos ensinamentos, disponibilidade, gentileza, enriquecedoras contribuições para essa tese e para minha carreira como pesquisadora.

Aos meus amigos, por todo amor, apoio e incentivo sempre

Aos meus colegas da UFMG, pelo apoio, auxílio, compreensão e companheirismo.

As professoras Dra Amélia Augusta de Lima Friche, Dra. Elizabeth do Nascimento, Dra. Anna Alice Figueiredo Almeida, Dra. Renata Rangel Azevedo, Dra. Aline Mansueto Mourão e Dra. Maria Cristina de Menezes Borrego Fernandes, por gentilmente aceitar participar da banca e por suas valiosas contribuições.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Fonoaudiológicas - UFMG, por proporcionar o apoio e conhecimentos essenciais para minha formação acadêmica.

À FAPEMIG, pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Introdução: a comunicação oral em público é uma forma de comunicação que ocorre em situações em que um indivíduo transmite informações, ideias, opiniões ou narrativas presencialmente para uma plateia. Essa forma de comunicação pode ocorrer em contextos acadêmicos, sociais ou profissionais. Nessa atividade comunicativa, o orador enfrenta desafios, como desenvolver um discurso coerente, informar e entreter o público, adaptar a mensagem ao público-alvo e apresentar-se de forma clara e confiante. Grande parte das pessoas se sente desconfortável ou insegura com a exposição pública. Sabe-se que o uso de estratégias de enfrentamento ajuda a lidar com a situação. Contudo, não há na literatura instrumentos validados que avaliem as estratégias autorregulatórias utilizadas por um orador em situações de fala em público. Desta forma, torna-se relevante elaborar e validar um instrumento de autoavaliação sobre o enfrentamento da fala em público. **Objetivos:** realizar uma revisão de literatura dos instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público de indivíduos adultos; elaborar e validar um instrumento de autoavaliação sobre estratégias de enfrentamento da fala em público; desenvolver evidências de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta do instrumento de enfrentamento da fala em público e constatar evidências de validade baseadas na estrutura interna do instrumento de enfrentamento da fala em público. **Métodos:** trata-se de um estudo metodológico de validação de instrumento quanti-qualitativo. Seguiu-se o modelo de elaboração de instrumentos proposto por Luiz Pasquali, que contempla procedimentos teóricos, empíricos e analíticos, atendendo aos critérios de validade orientados pelo nos critérios do *Standards for Educational and Psychological Testing* (SEPT). A tese originou um estudo de revisão integrativa; um estudo de evidências de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta do instrumento e um estudo de evidências de validade

baseadas na estrutura interna. Para a análise de dados do estudo de revisão foi realizada de forma descritiva, incluindo a ficha avaliativa dos estudos de avaliação e autoavaliação da fala em público (autor e ano, local, amostra, delineamento do estudo, formas de avaliação da fala em especificação quanto à validação do instrumento; presença ou ausência de instrumento anexado ao estudo; aspectos avaliados e categorias de respostas dos itens avaliados) e duas nuvens de palavras com a categorização dos aspectos avaliativos da fala em público. No estudo de evidências baseadas nos processos de resposta e no conteúdo do teste foi calculado o índice de validade de conteúdo por itens (IVC-I), para determinar a concordância entre os juízes especialistas. No processo de resposta foram analisadas qualitativamente as reações verbais e não verbais dos respondentes. Para as etapas de evidência de validade baseada na estrutura interna do instrumento foram realizadas análises da consistência interna (alfa de *Cronbach*) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC). **Resultados:** na revisão integrativa: “*Instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público: uma revisão da fala em público*” foram identificados 2539 artigos; após aplicação dos critérios de elegibilidade, 21 artigos foram incluídos na revisão. A maioria dos estudos eram de delineamento transversal, realizados com universitários, de autoavaliação, sem especificação quanto à validação. Não há padronização conceitual dos aspectos avaliativos e categorias de respostas dos instrumentos de investigação. Nos instrumentos de autoavaliação, os aspectos mais avaliados foram ansiedade ao falar em público, voz, velocidade de fala, competência comunicativa, *pitch*, articulação e *loudness*. Os instrumentos de avaliação, contemplaram aspectos avaliativos como a voz, velocidade de fala, articulação, pausas, *loudness*, *pitch* e gestos. No segundo artigo, intitulado “*Escala de Coping para a Fala em Público-ECOFAP: evidências de validade de conteúdo e processos de resposta*”, o processo de obtenção das evidências

de validade baseadas no conteúdo foi realizado em duas etapas incluindo definição conceitual do construto, elaborado com base nos preceitos teóricos da fala em público e da Teoria Motivacional do *Coping* (TMC); formulação dos itens e chaves de respostas, estruturação do instrumento, avaliação por um comitê de dez especialistas, reestruturação dos itens da escala e elaboração da versão piloto da ECOFAP. As evidências baseadas no processo de resposta foram investigadas com uma amostra de conveniência de 30 pessoas, com e sem dificuldades de fala em público, sendo 20 mulheres e 10 homens, com idade média de 25 anos, no campus de uma universidade brasileira, pertencentes a diferentes extratos sociais e profissões. A primeira versão da ECOFAP foi elaborada com 46 itens, divididos pelas 12 famílias de *coping*. Já a segunda versão da ECOFAP teve 60 itens e após a avaliação dos especialistas e aplicação da versão piloto na amostra de 30 pessoas a ECOFAP ficou composta por 48 itens. No terceiro artigo: *“Escala de Coping para a Fala em Público-ECOFAP: evidências baseadas na estrutura interna”* realizou-se as análises do coeficiente de Alfa de Cronbach, Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Os resultados indicaram uma boa consistência interna do instrumento, com estrutura de dois fatores, totalizando 30 itens. A ECOFAP demonstrou ter uma estrutura interna sólida e propriedades psicométricas adequadas. O instrumento é confiável e válido para avaliar estratégias de *coping* relacionadas à fala em público. Recomenda-se seu uso como uma ferramenta de autopercepção para indivíduos adultos que enfrentam situações de fala em público em contextos acadêmicos e profissionais. **Considerações finais:** a ECOFAP mostra-se uma ferramenta promissora para a área de estudos sobre a comunicação, fornecendo insights significativos sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelos indivíduos ao enfrentar situações de fala em público. A escala contribui para o desenvolvimento de intervenções eficazes e personalizadas, visando melhorar a

habilidade de comunicação oral e reduzir o impacto negativo da ansiedade e do estresse nas apresentações públicas.

PALAVRAS-CHAVE: inquéritos e questionários; estudo de validação; fala em público, psicometria

ABSTRACT

Introduction: Public speaking is a form of communication that occurs in situations where an individual transmits information, ideas, opinions or narratives in person to an audience. This form of communication can occur in academic, social or professional contexts. In this communicative activity, the speaker faces challenges such as developing a coherent speech, informing and entertaining the audience, adapting the message to the target audience and presenting oneself clearly and confidently. Many people feel uncomfortable or insecure with public exposure. It is known that the use of coping strategies helps to deal with the situation. However, there are no validated instruments in the literature that assess the self-regulatory strategies used by a speaker in public speaking situations. Thus, it becomes relevant to develop and validate a self-assessment instrument on coping with public speaking. **Objectives:** to conduct a literature review of assessment and self-assessment instruments for public speaking of adult individuals; to develop and validate a self-assessment instrument on coping strategies for public speaking; to develop evidence of validity based on content and response processes of the public speaking coping instrument and to ascertain evidence of validity based on the internal structure of the public speaking coping instrument. **Methods:** this is a methodological study of quantitative-qualitative instrument validation. The instrument development model proposed by Luiz Pasquali was followed, which includes theoretical, empirical and analytical procedures, meeting the validity criteria guided by the Standards for Educational and Psychological Testing (SEPT) criteria. The thesis originated an integrative review study; a study of evidence of validity based on content and response processes of the instrument and a study of evidence of validity based on internal structure. For data analysis of the review study, it was carried out descriptively, including the evaluative sheet of studies on assessment and self-

assessment of public speaking (author and year, location, sample, study design, forms of evaluation of speech in specification regarding validation of the instrument; presence or absence of instrument attached to the study; aspects evaluated and categories of responses to evaluated items) and two word clouds with categorization of evaluative aspects of public speaking. In the study of evidence based on response processes and test content, the content validity index per item (IVC-I) was calculated to determine agreement among expert judges. In the response process, verbal and non-verbal reactions from respondents were analyzed qualitatively. For stages of evidence of validity based on internal structure of instrument were performed internal consistency analyses (Cronbach's alpha) and Confirmatory Factor Analysis (CFA) **Results:** in integrative review: "Assessment and self-assessment instruments for public speaking: a review of public speaking" the objective was to describe and analyze studies that used instruments to assess and self-assess public speaking by adult individuals. The guiding question was "What are the types, aspects evaluated and response categories of instruments that assessed public speaking by adult individuals in the last ten years?" PubMed, LILACS and SciELO databases were used; 2539 articles were identified; after applying eligibility criteria, 21 articles were included in review. Most studies were cross-sectional design, conducted with university students, self-assessment, without specification regarding validation. There is no conceptual standardization of evaluative aspects and response categories for instruments. In self-assessment instruments, the most evaluated aspects were anxiety when speaking in public, voice, speech rate, communicative competence, pitch, articulation and loudness. The evaluation instruments included evaluative aspects such as voice, speech rate, articulation, pauses, loudness, pitch and gestures. In the second article, entitled Coping Scale for Public Speaking-ECOFAP: evidence of content validity and response processes. The objective

was to develop evidence of validity based on content and response processes of a self-assessment coping instrument for public speaking, the Coping Scale for Public Speaking (ECOFAP). The process of obtaining evidence of validity based on content was carried out in two stages including conceptual definition of the construct, elaborated based on the theoretical precepts of public speaking and the Motivational Theory of Coping (TMC); formulation of items and response keys, structuring of the instrument, evaluation by a committee of ten specialists, restructuring of scale items and elaboration of ECOFAP pilot version. Evidence based on response process was investigated with a convenience sample of 30 people, with and without difficulties in public speaking, being 20 women and 10 men, with an average age of 25 years, on the campus of a Brazilian university, belonging to different social strata and professions. The first version of ECOFAP was elaborated with 46 items, divided by 12 coping families. The second version of ECOFAP had 60 items and after evaluation by specialists and application of pilot version in sample of 30 people ECOFAP was composed by 48 items. In the third article: Coping Scale for Public Speaking-ECOFAP: evidence based on internal structure”, the objective was to investigate the psychometric properties of ECOFAP, and for that purpose analyses were performed using Cronbach’s alpha coefficient, Confirmatory Factor Analysis (CFA) and. Results indicated good internal consistency of instrument with structure of twelve factors with 30 items being three items in each factor. ECOFAP demonstrated to have a solid internal structure and adequate psychometric properties. The instrument is reliable and valid to assess coping strategies related to public speaking. Its use is recommended as a self-perception tool for adult individuals facing public speaking situations in academic and professional contexts. **Final considerations:** ECOFAP proves to be a promising tool for the field of communication studies providing significant insights into coping strategies used by individuals when facing public speaking situations. The scale

contributes to development of effective and personalized interventions aimed at improving oral communication skills and reducing negative impact of anxiety and stress on public presentations.

KEYWORDS: surveys and questionnaires; validation study; public speaking; psychometrics

Lista de Abreviaturas e siglas

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

ACR- *Audiology Communication Research*

COEP- Comitê de ética em pesquisa

ECOFAP- Escala de Coping para a Fala em Público

Medline- *Medical Literature Analysis and Retrieval System*

Lilacs- *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde*

TMC- Teoria Motivacional do *Coping*

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SSPS- Escala de Autoavaliação da Fala em Público

SPSS- *Statistical Package for Social Sciences*

STATA-*Software for Statistics and Data Science*

EAFP- Escala de Ansiedade ao Falar em Público

PRCS-*Personal Report of Confidence as a Speaker*

PRPSA-*Personal Report of Public Speaking Apprehension*

PSAS-*Public Speaking Anxiety Scale*

Lista de figuras

Figura 1. Linhas de abordagem do processo de <i>coping</i>	33
Figura 2. Modelo estrutural hierárquico de <i>coping</i>	37
Figura 3. Teoria Motivacional do <i>coping</i>	38
Figura 4. Processo adaptativo 1.....	39
Figura 5. Processo adaptativo 2.....	40
Figura 6. Processo adaptativo 3.....	40
Figura 7. Evidências de vaidade baseadas no SEPT.....	42
Figura 8. Percurso metodológico de elaboração e validação da ECOFAP.....	62

Sumário

1.Introdução.....	18
2. Referencial teórico e metodológico.....	25
2.1 Modelos Teóricos de <i>Coping</i>	25
2.1.1 Teoria Motivacional do <i>Coping</i> (TMC).....	27
2.2 Fala em público	32
2.2.1 Estratégias para falar em público.....	34
2.2.2 Rastreamento de instrumentos de autoavaliação da fala em público	38
3. Objetivos	51
3.1 Objetivo geral.....	51
3.2 Objetivos específicos.....	51
4. Método.....	52
5. Resultados e discussão	53
6.Considerações finais.....	79
Apêndice Escala <i>Coping</i> para Fala em Público- ECOFAP	80
ANEXOS.....	82
Anexo 1 Normas do Colegiado do Programa de Pós- Graduação em Ciências Fonoaudiológicas.....	82
Anexo 2 Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.....	84

1.INTRODUÇÃO

A fala em público é um tipo de comunicação oral em que o orador fica face a face diante de uma audiência¹⁻⁵. Essa forma de comunicação pode ser utilizada em diversos contextos, tanto formais quanto informais, por oradores com objetivos distintos¹⁻⁶. Oradores que falam bem em público são capazes de informar, entreter e inspirar sua audiência^{1,3-5,7}, alinhando o discurso verbal com elementos não verbais, como voz, gestos, postura corporal e expressões faciais^{1,2,7,10,11}. Essa harmonia entre o conteúdo da mensagem e a forma como ela é transmitida é fundamental para o sucesso da comunicação em público^{4,9,10,11}.

Contudo, falar em público é um medo prevalente entre a população mundial^{7,12,13,14}, considerado um estressor psicossocial^{12,13,14,15} que pode levar a sentimentos de desconforto e insegurança durante a exposição pública^{7,10,15,16,17}. Muitos oradores temem ser avaliados negativamente, o que pode aumentar os níveis de ansiedade^{7,12,13,15-17}.

A maneira como uma pessoa lida com adversidades pode afetar sua vulnerabilidade ao estresse e, conseqüentemente, sua saúde e bem-estar^{18,19}. Em situações de fala em público, o uso de estratégias de enfrentamento positivas ajuda o orador a lidar com a situação^{10,15,20,21}. Algumas dessas estratégias incluem, estudar o conteúdo a ser apresentado, praticar a fala sozinho e com outras pessoas, familiarizar-se com o ambiente e o público, buscar apoio^{1,2,3,4,11}, desenvolver o autoconhecimento, fortalecer a autoconfiança e investir em assessorias comunicativas^{10,20-25}.

O conjunto de estratégias que uma pessoa utiliza como resposta para se adaptar e enfrentar situações estressoras é denominado *coping*²⁶. Essas estratégias podem ajudar as pessoas a se prepararem e terem sucesso em diversas situações^{18,26,27}.

Entre os modelos teóricos de *coping*, destaca-se tradicionalmente o modelo de Lazarus e Folkman²⁶, utilizado como referencial teórico por muitos estudos sobre o tema^{28,29}. Este modelo compreende duas categorias: *coping* focado no problema (estratégias que visam atuar na situação que originou o evento estressor) e *coping* focado na emoção (estratégias regulatórias para modificar a resposta emocional do indivíduo em relação à situação estressora) e que podem ser utilizadas isolada ou simultaneamente, para enfrentamento da situação estressora^{18,21}. A partir do modelo de *Lazarus e Folkman*, outros modelos surgiram, entre eles, destaca-se a Teoria Motivacional do *Coping* (TMC)³⁰⁻³³. A TMC é uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse, que se baseia na abordagem do *coping* como uma ação regulatória dos próprios padrões de comportamentos, motivações e emoções diante de situações estressantes^{30,31,32}. O evento é percebido como um desafio ou uma ameaça às necessidades psicológicas básicas de relacionamento, competência e autonomia. A teoria descreve 12 categorias/famílias de enfrentamento, segundo um desfecho adaptativo positivo: autoconfiança, busca de suporte, resolução de problemas, busca de informações, acomodação e negociação; ou um desfecho negativo: delegação, isolamento, desamparo, fuga, submissão e oposição³⁰⁻³³.

A literatura ainda não apresenta instrumentos que avaliem de forma abrangente as estratégias autorregulatórias empregadas por um orador durante situações de fala em público. Nesse sentido, a elaboração e validação de uma ferramenta inédita de autorregulação pode representar um importante avanço para auxiliar as pessoas a lidarem com maior eficácia em contextos de comunicação oral. Ao preencher essa lacuna na pesquisa, será possível oferecer uma abordagem mais abrangente e orientada para o autodesenvolvimento dos indivíduos que desejam aprimorar suas habilidades de falar em público, proporcionando-lhes maior confiança e domínio sobre

a expressão verbal diante de audiências. Essa nova ferramenta também poderá ampliar o conhecimento sobre as estratégias autorregulatórias utilizadas em situações de fala em público, contribuindo para a evolução da área de comunicação, fonoaudiologia e psicologia social. Com uma compreensão mais profunda dessas estratégias, poderá se desenvolver técnicas de treinamento mais eficazes, orientadas para capacitar os indivíduos a se tornarem comunicadores mais assertivos, persuasivos e impactantes.

O estudo seguiu os critérios de validade orientados pela diretriz *Standards for Educational and Psycho/Logical Testing- SEPT*: 1) evidência de validade do conteúdo 2) evidência de validade baseada no processo de resposta e 3) evidência de validade baseada na estrutura interna¹⁵ e todas as etapas estão detalhadas ao longo deste manuscrito.

As atividades planejadas para a elaboração desta tese foram direcionadas à linha de pesquisa em Saúde Funcional em Voz e Desempenho Comunicativo, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas da Universidade Federal de Minas Gerais. A tese foi elaborada de acordo com as normas regulamentadas pelo programa, conforme a Resolução 09/20 de 04 de junho de 2020 (Anexo 1).

A estrutura da tese inclui um resumo expandido, introdução, objetivos, referencial teórico e metodológico, resultados e discussão e considerações finais. O capítulo do referencial teórico e metodológico está dividido em três partes. A primeira é denominada de “Fala em Público” contextualiza o construto da fala em público e os estudos relevantes com a temática. A segunda, “Modelos Teóricos de *Coping*” apresenta uma revisão sobre os modelos teórico- metodológicos de estratégias autorregulatórias, e se aprofunda na Teoria Motivacional de *Coping*, modelo adotado, nessa pesquisa, para a construção do instrumento de autorregulação da fala em público: Escala de *Coping* para Fala em Público-ECOFAP. A quarta e última parte do referencial foi intitulada de

“Diretrizes para o Desenvolvimento e Validação de Instrumentos”, ela apresenta as diretrizes para o desenvolvimento e validação de instrumentos, baseados nos critérios do SEP.

O capítulo dos resultados e discussão é apresentado em forma de três artigos científicos: Artigo 1: *“Instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público: uma revisão da fala em público”*, publicado na revista *Audiology Communication Research - ACR*; Artigo 2: *“Escala de Coping para a Fala em Público -ECOFAP: evidências de validade de conteúdo e processos de resposta”*, submetido à revista *CoDAS*; e o Artigo 3: *“Escala de Coping para a Fala em Público-ECOFAP: evidências baseadas na estrutura interna”*, que será submetido à revista *CoDAS*.

Nas considerações finais são apresentadas as limitações do estudo e perspectivas para novas pesquisas.

Referências

1. Lucas SE. The art of public speaking. 12^a ed. New York. McGraw-Hill Education; 2015: p 447
2. Behlau M, Bárbara M. Comunicação Consciente: o que comunico quando eu comunico. 1^a ed. Rio de Janeiro. Thieme Revinter; 2022: p 160.
3. Miller TC, Stone DN. Public speaking apprehension (PSA), motivation, and affect among accounting majors: A proof-of-concept intervention. *Accounting Education*. 2009;24(3), 265-298.
4. Shyam SS, Elizabeth IJ. *Public Speaking Skills*. In: Training Manual on Theeranaipunya - Equipping Fisherwomen Youth for Future. ICAR-Central Marine Fisheries Research Institute, Kochi, 2016 pp. 129-132.
5. Banwart M. Communication studies: effective communication leads to effective leadership. *New Dir Stud Leadersh*. 2020;(165):87-97. <http://dx.doi.org/10.1002/yd.20371>. PMID:32187871.
6. Grieve R, Woodley J, Hunt SE, McKay A. Student fears of oral presentations and public speaking in higher education: a qualitative survey. *Journal of Further and Higher Education*. 2021; 45 (9): 1281–1293. <https://doi.org/10.1080/0309877X.2021.1948509>
7. Raja F. Anxiety Level in Students of Public Speaking: Causes and Remedies. *Journal of Education and Educational Development*. 2017;4(1): 94-110.
8. Grilo APS, Oliveira AAP, Puggina ACG. Public speaking: relationship with competency in communication, anxiety and student oratory experiences. *Rev Eferm Cent Oeste Min*. 2019;9:e3534. [10.19175/reccom.9i0.3534](https://doi.org/10.19175/reccom.9i0.3534)
9. Abella RC, Cutamora JC Approach to public speaking skills development in an educational organization: a grounded theory. *European Journal of education Studies* 2019;6(1)232-259 [10.5281/zenodo.3261608](https://doi.org/10.5281/zenodo.3261608)
10. Lira AAM, Marchand DLP, Carvalho LSR, Cassol M. Efeito de um programa de aprimoramento das habilidades de comunicação oral na ansiedade e no estresse autorreferidos. *Audiol Commun Res*. 2021;26:e2545. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2545>
11. Kovalick Roberto, Kyrillos L, Gonçalves R, Borsato C. Seja inesquecível: Acabe com o medo, domine a linguagem corporal e verbal e use a neurociência. 1^a ed. São Paulo. Editora Gente; 2020:p 25.

12. Osório FL, Crippa JA, Loureiro SR. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. *Rev Psiq Clín.* 2012;39(2):48-53.
<https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000200002>
13. D'El Rey GJ, Pacini CA. Medo de falar em público em uma amostra da população: prevalência, impacto no funcionamento pessoal e tratamento. *Psic Teor e Pesq.* 2005;21(2):237-42. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000200014>.
14. Angélico AP, Bauth MF, Andrade AK. Estudo Experimental do Falar em Público Com e Sem Plateia em Universitários. *Psico-USF.* 2018;23(2):347-59.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712018230213>
15. American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. Standards for Educational and Psychological Testing. New York: American Educational Research Association; 2014
16. Oliveira BLD, Sales HFS, Lima KS, Santos NA, Galdino MKC. Adaptation of the Public Speaking Anxiety Scale (PSAS) for Brazil. *Contextos Clín.* 2020;13(1):19-35 [10.4013/ctc.2020.131.02](https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.02)
17. Faria MF, Fernandes SG, Pirolo SM, Silva MJP. Public speaking: view from master's students in nursing. *Rev. esc. enferm. USP.* 1998; 32(1):59-66 • <https://doi.org/10.1590/S0080-62341998000100009>
18. Skinner EA, Edge K, Altman J, & Sherwood H. Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 2003; 129(2):216-269. [10.1037/0033-2909.129.2.216](https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.216)
19. Skinner EA, & Wellborn JG. Coping during childhood and adolescence: A motivational perspective. *Life-span development and behavior.* 1994; 12,.91-133
20. Marinho ACF, Medeiros AM, Pantuza JJ, Teixeira LC. Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público. *CoDAS.* 2020;32(5):e20190097. <http://dx.doi.org/10.1590/23171782/20202019097>.
21. Maldonado I, Reich M. Estrategias de afrontamiento y medo a hablar em público en estudiantes universitários a nível de grado. *Cienc Psicol (Montev).* 2013;7(2):165-8. <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v7i1.1058>.
22. Hancock AB, Stone MD, Brundage SB, Zeigler MT. Public speaking attitudes: does curriculum make a difference? *J Voice.* 2010;2(3):302-7.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2008.09.007>. PMID:19481418

23. Romano CC, Alves LA, Secco IA, Ricz LN, Robazzi ML. The expressiveness of a university professor in his classroom performance: analysis of verbal resources and implications for nursing. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2011;19(5):1188-96.
<https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500017>
24. Borrego MCM, Behlau M. Mapeamento do eixo condutor da prática fonoaudiológica em expressividade verbal no trabalho de competência comunicativa. *CoDAS*. 2018;30(6):1-4. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20182018054>. PMID:30517272
25. Pedrotti C A, Behlau M. Recursos comunicativos de executivos e profissionais em função operacional. *CoDAS*. 2017;29(3):e2015-0217.
<http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172015217>
26. Lazarus RS, & Folkman S. *Stress, appraisal and coping*. 1194. New York: Springer Publishing Company
27. Skinner EA, & Zimmer-Gembeck, M. *Coping and the development of regulation: New directions for child and adolescent development*. San Francisco: Jossey-Bass. 2009. pp. 5-17.
28. Pimentel CE, Vargas MM, Almeida TO, Maynard VAP, Figueiredo SMCT. Evidências de validade e precisão da Escala de Coping através de Ouvir Música. *Psico-USF* 2012; 179(1) 141-151.
<https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100015>
29. Oliveira G, Zambon F, Vaiano T, Costa F, Behlau M. Versões reduzidas para protocolo clínico de enfrentamento das disfonias. *CoDAS*. 2016; 28(6):828-32. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015177>
30. Skinner EA, & Wellborn JG. Coping during childhood and adolescence: A motivational perspective. *Life-span development and behavior*. 1994; 12,.91-133
31. Skinner EA, & Edge K. *Parenting, motivation, and the development of coping*. Lincoln NB: University of Nebraska Press. 2002 a; pp. 77-143.
32. Skinner EA, & Zimmer- Gembeck MJ. The development of coping. *Annual Review of Psychology*. 2007;58: 119-144.
[10.1146/annurev.psych.58.110405.085705](https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085705)
33. Skinner EA, Edge K, Altman J, & Sherwood H. Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, 2003; 129(2):216-269. [10.1037/0033-2909.129.2.216](https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.216)

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 Modelos Teóricos de *Coping*

Coping é o termo utilizado para descrever o conjunto de estratégias autorregulatórias empregadas para uma pessoa se adaptar e lidar com situações estressantes^{56,57,58,59,60}. Vários modelos teóricos foram desenvolvidos para explicar o processo de *coping* e como as pessoas lidam com as adversidades da vida^{61,62}. Esses modelos podem ser agrupados em três abordagens principais: *coping* como estilos hierárquicos, *coping* como um processo cognitivo de interação entre o indivíduo e o ambiente e *coping* como ação regulatória^{59,63,64,65}.

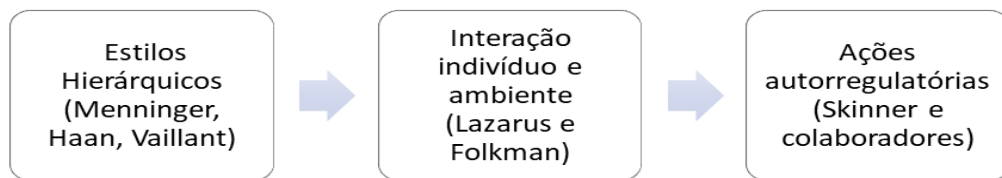


Figura 1-Linhas de abordagem teóricas do processo de *coping*

O *coping* foi definido como estilos hierárquicos, entre os anos de 1960 e 1970, por autores da Psicologia do Ego, como K. Menninger, N. Haan e G. E. Vaillant⁵⁶. Esse modelo apresenta uma visão estrutural do *coping* incluindo o uso de mecanismos de defesa motivados inconscientemente e internamente⁶⁶ como comportamentos de adaptação saudáveis e também defesas neuróticas e psicóticas, destacando traços de personalidade. Essa perspectiva psicanalítica sofreu algumas críticas⁶⁷ devido o *coping* não ser analisado como um processo e sim como um estilo do indivíduo, onde as respostas de *coping* não poderiam ser modificadas de acordo com os contextos da situação⁵⁶. Os autores dessa abordagem defendem que o enfrentamento é uma

característica da personalidade, essa linha de pensamento não é mais utilizada na literatura contemporânea⁶⁸.

A segunda abordagem teórica para compreender o *coping* foi preconizada por Lazarus e seus colaboradores, que apresentaram uma nova proposta conceituando o *coping* não mais como um estilo hierárquico e sim com um processo de relação entre o indivíduo e o ambiente, enfatizando seus determinantes cognitivos e situacionais^{56,58,67,69}. Nessa perspectiva cognitivista o *coping* foi definido como um processo adaptativo, um conjunto de esforços com uso de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas para lidar com demandas internas ou externas, avaliadas como sobrecarga ou excessivas aos recursos pessoais do indivíduo⁵⁶. De acordo com os autores, a classificação de *coping* tem como base duas dimensões, a primeira com foco no problema e a segunda focada na emoção. O *coping* focado no problema refere-se ao uso de estratégias adaptativas para controlar ou alterar a situação que deu origem ao evento estressor⁵⁶. O *coping* focado na emoção tem como objetivo usar estratégias regulatórias para modificar a resposta emocional do indivíduo em relação à situação estressora que ele enfrenta^{70,71}. As estratégias de *coping* com foco na emoção e no problema podem ser utilizadas simultaneamente nas respostas para resolução da situação estressora⁷⁰.

O modelo de Lazarus e Folkamn recebeu críticas referentes à classificação do *coping* em apenas duas categorias, focadas no problema e na emoção; por incluir apenas respostas que requerem esforços consciente⁵⁸ e por não abordar aspectos desenvolvimentais do enfrentamento^{64,79}. A partir da teoria cognitiva de Lazarus e Folkam, outros autores criaram modelos teóricos de *coping* ampliando suas dimensões, incluindo na análise do enfrentamento aspectos relacionados à regulação emocional.

Dentre os modelos propostos está o modelo de Elen Skinner e seus colaboradores: a Teoria Motivacional do *Coping*(TMC)^{58,59,73,74}.

2.1.1 Teoria Motivacional do *Coping* (TMC)

No Modelo TMC a estratégia de enfrentamento é desencadeada quando a situação estressora é avaliada cognitivamente pela pessoa como uma ameaça ou um desafio. Na avaliação da situação como uma ameaça a pessoa prevê algum prejuízo ou perda iminente. Na avaliação da situação como um desafio o indivíduo sente ou se percebe capaz de lidar com o evento estressor^{57,59}. Essas avaliações são realizadas por processos autorreferenciais, que são percepções sobre si e sobre o mundo, influenciando como a pessoa pode regular o seu comportamento^{57,59}.

O comportamento humano é motivado para atender três necessidades psicológicas básicas: necessidade de ter competência, necessidade de estabelecer vínculos e necessidade de ter autonomia^{57,59,86}.

A necessidade de ter competência relaciona-se ao desejo de ser efetivo nas interações sociais e alcançar resultados positivos, evitando resultados indesejados⁷⁵. A necessidade de possuir vínculos engloba o desejo de sentir seguro, estabelecer relacionamentos interpessoais confiáveis, nas quais o indivíduo sente-se valorizado⁷⁵. A necessidade de ter autonomia refere-se ao desejo inato de realizar escolhas nas interações com o ambiente^{59,75}.

A partir desses pressupostos teóricos sobre o processo de enfrentamento, Skinner e seus colaboradores elaboraram um modelo de *coping*, estruturado em três níveis diferentes, composto por respostas de *coping*, estratégias de enfrentamento e as famílias de *coping*; utilizadas para atender necessidades psicológicas básicas através

de processos adaptativos^{58,59,73,74}. O organograma do Modelo de Coping da TMC está representado abaixo:

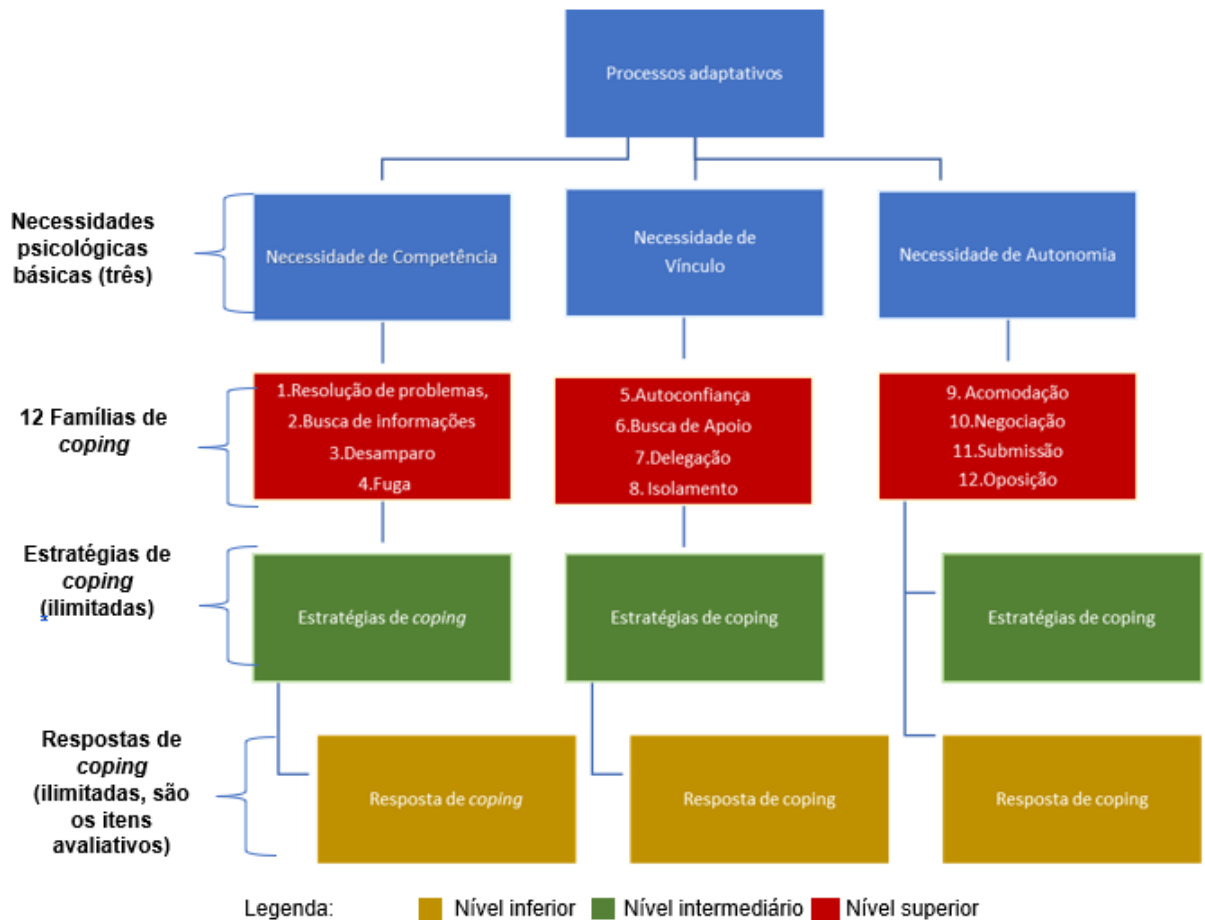


Figura 2- Modelo estrutural hierárquico de Coping

No nível inferior do modelo estrutural hierárquico estão incluídas as respostas de *coping*, ou seja, aquilo que ele faz ou pensa diante dessa situação; incluindo comportamentos, cognições, aspectos fisiológicos e emoções^{77,78}, descritos em instrumentos de autorrelato como itens avaliativos^{62,79}.

No nível intermediário do modelo estão apresentadas as estratégias de enfrentamento que agrupam respostas comportamentais semelhantes utilizadas como o meio para lidar com o estressor, *por exemplo*, “ler livros sobre o assunto” e “ler textos

na internet” são respostas de *coping* reunidas na mesma estratégia de enfrentamento: leitura^{77,78,79}.

No nível superior do modelo hierárquico estão as famílias de *coping*, reunidas em 12 categorias: resolução de problemas, busca de informações, desamparo, fuga, autoconfiança, busca de apoio, delegação, Isolamento, acomodação, negociação, submissão, oposição⁸⁰. As estratégias de enfrentamento são alocadas na mesma família de *coping* quando possuem uma mesma finalidade para enfrentar o estressor, por exemplo “leitura” e “estudo” são estratégias de enfrentamento que tem o mesmo propósito: buscar informações^{77,78}.

Cada uma das 12 famílias de *coping* se relacionam à avaliação cognitiva do estressor como ameaça ou desafio, a uma das três necessidades básicas do comportamento humano (competência, vínculo ou autonomia), a um dos três processos adaptativos (coordenação das ações e das contingências no ambiente; coordenação da confiança e dos recursos sociais disponíveis; coordenação das preferências e opções disponíveis para fazer escolhas) e desfechos adaptativos negativos (fatores de vulnerabilidade cognitiva para sintomas psicopatológicos) ou positivos^{77,79}.

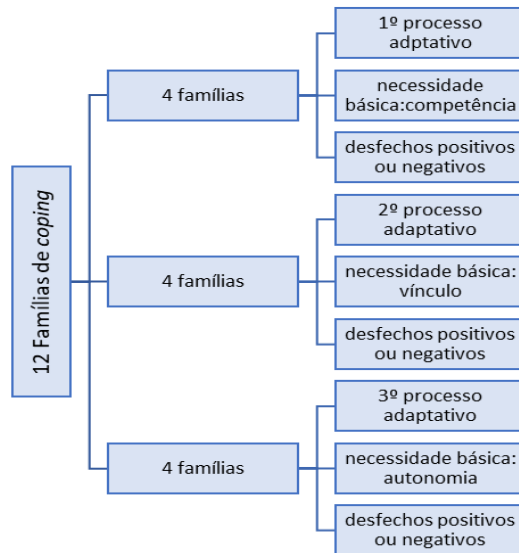


Figura 3-Teoria Motivacional do Coping

O primeiro processo adaptativo, Coordenação das ações e das contingências no ambiente é formado por quatro famílias de *coping*: resolução de problemas, busca de informações, desamparo e fuga, que reúnem estratégias de enfrentamento utilizadas para atender à necessidade de competência. Quando o estressor é visto como um desafio, duas categorias de *coping* são desencadeadas: resolução de problemas e busca de informações, utilizadas pelo indivíduo na tentativa de controlar a situação. Quando o estressor é percebido como ameaça, as famílias de *coping* de desamparo e fuga são utilizadas, pois a pessoa não se percebe como competente para manter o controle^{58,76,77}.

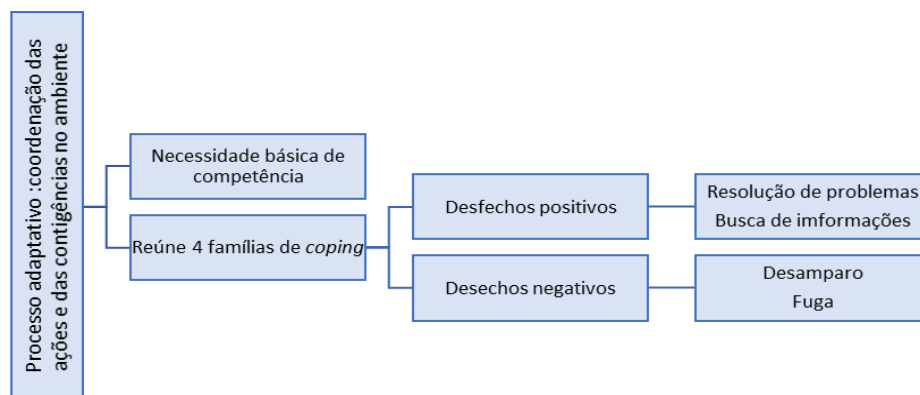


Figura 4 - Processo adaptativo 1: Coordenação das ações e das contingências no ambiente

O segundo processo adaptativo, denominado Coordenação da confiança e dos recursos sociais reúne as famílias de *coping* autoconfiança, busca de apoio, delegação, isolamento, usadas para atender à necessidade básica de vínculo. Quando o estressor é avaliado como desafio as famílias de *coping* de autoconfiança e busca de apoio são predominantes. Se o estressor for avaliado como ameaça à necessidade de vínculo as famílias de delegação e isolamento são acionadas ^{58,76,77,78}.

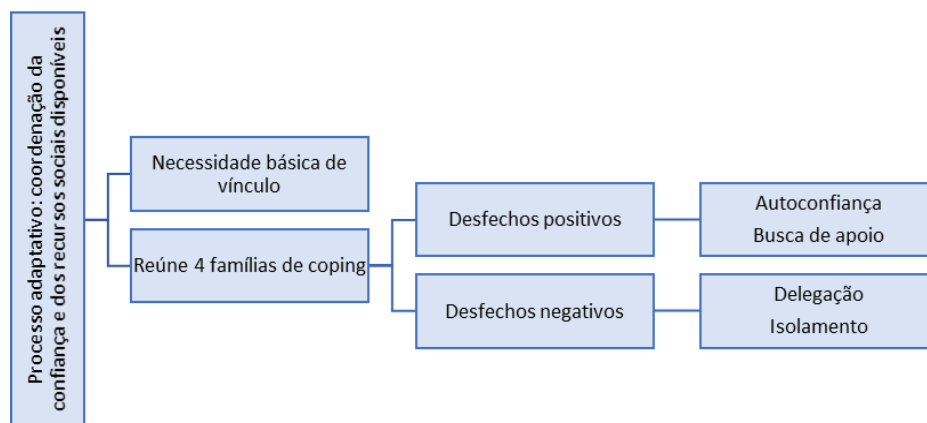


Figura 5- Processo adaptativo 2: Coordenação da confiança e dos recursos sociais

O terceiro processo adaptativo, nomeado Coordenação das preferências e opções disponíveis para fazer escolhas agrupa outras quatro famílias de *coping* para atender à necessidade básica de autonomia: acomodação, negociação, submissão e oposição. Quando a avaliação do estressor é considerada um desafio as famílias de *coping* acomodação e negociação são desencadeadas. E quando o estressor é avaliado como uma ameaça, as famílias de submissão e oposição são utilizadas pelo indivíduo ^{58,76,77,78}.

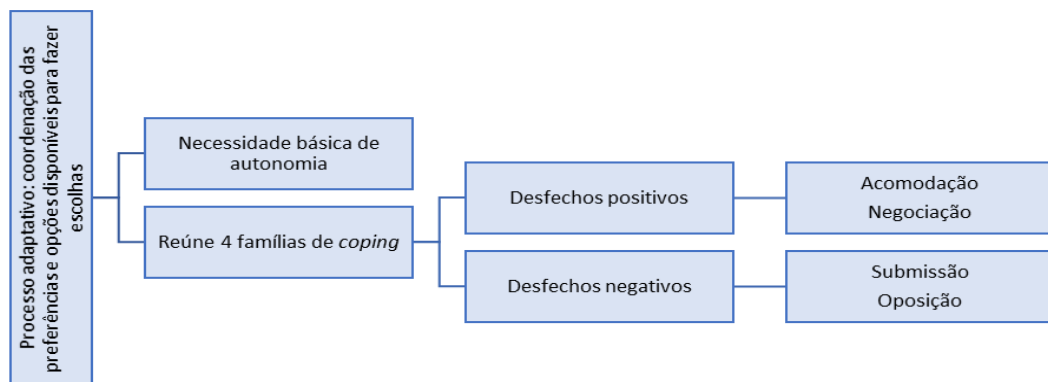


Figura 6 Processo adaptativo 3: Coordenação das preferências e opções disponíveis para fazer escolhas

Nesta tese optamos por utilizar a TMC como base teórica—metodológica para elaboração dos itens do instrumento de autoavaliação da fala em público. A escolha se deve à abrangência da TMC para os mecanismos de autorregulação, uma vez que o construto da fala em público é compreendido como resultado da confluência de processos genéticos, fisiológicos e sociais específicos dos ciclos vitais.

2.2 Fala em público

A fala em público é uma forma estruturada de comunicação oral, na qual o orador transmite sua mensagem face a face para uma audiência, com objetivos distintos, formal ou informalmente¹⁻⁶. Essa habilidade é utilizada em diversos contextos acadêmicos, profissionais e sociais, como apresentações científicas, aulas, reuniões executivas, palestras, audiências, discursos políticos e eventos sociais^{1,3,7,8,9}.

A habilidade de falar em público, tradicionalmente conceituada como oratória, foi difundida durante o período clássico, desempenhando um papel central na vida cívica e na educação. Na cidade de Atenas, oradores demonstravam suas habilidades de falar em assembleias públicas, tribunais e eventos culturais. Na Grécia e Roma grandes

oradores como Aristóteles e Cícero escreveram obras sobre a arte de falar e público, estabelecendo princípios que influenciam os discursos na atualidade^{1,3,10,11}.

Nessa atividade comunicativa, o indivíduo é desafiado a ter um bom discurso, informar, entreter o ouvinte, adaptar a mensagem ao público-alvo, apresentar-se de forma clara e transmitir credibilidade^{1,2,12,13}. Esse processo envolve alinhar o discurso, elemento central da fala em público (comunicação verbal), com a voz, gestos, postura corporal e expressões faciais (comunicação não verbal), estabelecendo uma harmonia entre o que é dito, e o como é dito.^{2,14-17}.

Contudo, falar em público é um estressor psicossocial^{18,19,20}, um dos maiores medos da população mundial^{21,22,23}, conhecido por desencadear reações somáticas, cognitivas e comportamentais que geram desconforto no orador. Essas reações podem se manifestar antes ou durante a exposição oral^{21,23,24,25}.

As reações somáticas são desencadeadas pela liberação de neurotransmissores, como noradrenalina e adrenalina. Elas se manifestam por meio de tremores corporais e vocais, sudorese nas palmas das mãos, rubor, aumento dos batimentos cardíacos, boca seca, mudança no padrão respiratório, gagueira e falhas na memória^{18,24,25,27,28,29}.

As reações cognitivas são manifestadas pelos pensamentos que o orador tem antes e durante a fala em público. Pessoas com dificuldades para falar em público apresentam a tendência de se preocupar excessivamente com a opinião da audiência, temem ser avaliadas negativamente^{12,25}, podem ter pensamentos negativos sobre si mesmas, como se sentir fracassadas, tolas ou desajeitadas^{21,25} e medo de serem rejeitadas²⁵.

Um estudo investigou as causas do medo de falar em público e identificou fatores como falta de confiança, medo de parecer tolo ou inexperiente, medo de esquecer palavras durante o discurso e uso de vocabulário inadequado¹¹.

Outro estudo comparou a autoavaliação da fala em público, através da Escala de Autoavaliação da Fala em Público (SPSS), com a autoavaliação de aspectos da comunicação e timidez constatou que aqueles que apresentavam boas habilidades para se expressar e eram pouco tímidos se autoavaliavam mais positivamente ao falar em público³⁰. Autores verificaram que quanto maior o repertório de habilidades interpessoais, mais os participantes se autoavaliavam positivamente ao falar em público^{19,31}.

As respostas comportamentais estão relacionadas à maneira como a pessoa age diante da situação de fala em público^{21, 32}. Indivíduos que temem falar em público percebem a situação como ameaçadora e tendem a evitá-la^{4,5,7,25}. Por outro lado, aqueles que dispõem de um bom repertório de habilidades para falar em público têm menos chances de evitar situações de fala em público³¹.

2.2.1 Estratégias para falar em público

Falar em público requer o uso da combinação de estratégias para auxiliar o orador a ter um bom desempenho comunicativo diante das vivências de fala em público. Essas estratégias incluem a preparação^{1,15,16,33,34}, uso de recursos verbais e não verbais, técnicas para lidar com ansiedade gerada na atividade e treinamentos/assessorias comunicativas^{29,35}.

A preparação da fala em público inclui estratégias como domínio do conteúdo, organização do discurso, familiarização com o ambiente e a audiência e treinamento da

fala^{1,2,8,10,12,33}, O domínio do conteúdo confere autoridade ao orador sobre a temática, possibilitando a transmissão de sua mensagem como credibilidade e segurança^{1,2,3,10,15}. A organização do discurso permite que as ideias sejam estruturadas de maneira, lógica, clara e coerente facilitando o entendimento para o público^{1,2,10,12,15}. Conhecer o perfil da audiência é importante para adaptar o conteúdo do discurso e o estilo de comunicação ao público alvo, permitindo que o orador se comunique de forma assertiva, conquistando a atenção e o interesse do público. Familiarizar-se com o ambiente físico ou virtual que ocorrerá a fala em público, ajuda a diminuir a ansiedade e o nervosismo, referentes ao uso de tecnologias e materiais didáticos^{1,10,12-15,33}.

O treinamento da fala em público oferece inúmeros benefícios ao orador e existem diversas formas de realizá-lo, como falar em voz alta, praticar diante do espelho, gravar vídeos ou até mesmo ensaiar com pessoas conhecidas.^{1,3,6,12,14,15} Essas práticas têm como resultado vantagens importantes para o orador como gerenciamento do tempo da fala, evitando ser prolixo e mantendo uma apresentação mais concisa; preparação para responder a possíveis perguntas que a audiência possa fazer durante a apresentação, administração adequada do uso de recursos verbais e não verbais para transmitir credibilidade e confiança ao ouvinte. Ao incorporar essas técnicas de treinamento o orador tem a oportunidade de identificar pontos de melhoria em sua performance, possibilitando o aprimoramento contínuo da habilidade de falar em público.^{1,13,15,33}

Os recursos verbais e não verbais manifestados pela voz, gestos, postura corporal, expressões faciais, prosódia e linguagem^{36,37} precisam ser usados com equilíbrio. A voz confere emoções positivas ou negativas à fala, e pode transmitir clareza, credibilidade ou insegurança^{7,15,27,33,37,38}. Os elementos prosódicos como a ênfase e pausa facilitam a compreensão da mensagem^{2,15,37,38} e conferem ao orador

controle sobre o que diz²⁹. A articulação das palavras ajuda a transmitir a mensagem de forma clara, evitando que as informações sejam mal interpretadas. Quando o orador pronuncia as palavras de maneira precisa e bem definida, a comunicação se torna mais acessível e compreensível ao público. A velocidade de fala desempenha um papel crucial na comunicação oral. Uma fala muito rápida pode dificultar o acompanhamento da mensagem pelo ouvinte, causando confusão e perda de interesse^{2,15,14,16,18,29,33}.

A expressão facial, os gestos e a postura corporal, são também recursos comunicativos e de expressividade que transmitem informações comportamentais do falante^{5,15,38,39,40}. Contudo, muitas pessoas que apresentam dificuldades para falar em público utilizam gestos adaptadores e descontextualizados, que transmitem nervosismo e insegurança para o interlocutor^{39,40}.

Em relação às técnicas para lidar com a ansiedade ao falar em público, o autoconhecimento desempenha um papel extremamente relevante. Quando uma pessoa possui um bom nível de autoconsciência sobre suas emoções e reações, ela consegue identificar os gatilhos desencadeadores da sua ansiedade relacionados à comunicação oral^{1,2,14,15,30,34}. Ao compreender suas inseguranças e medos específicos, o indivíduo pode trabalhar de forma mais eficaz para superá-los^{1,12,18,24,34}. O autoconhecimento também permite que o orador reconheça seus pontos fortes e áreas de melhoria na fala em público. Esse entendimento pode aumentar a autoconfiança, pois a pessoa se sente mais preparada para enfrentar o desafio de se expressar diante de uma plateia. Além do autoconhecimento, o uso de exercícios respiratórios é outra técnica valiosa para controlar a ansiedade ao falar em público^{1,33,34,38}.

Treinamentos e assessorias comunicativas auxiliam no desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades para falar em público^{4,13,14,18,16,27,31,34,38,41}. 89,3% de

estudantes universitários de uma instituição pública brasileira identificaram treinamentos voltados ao desenvolvimento desta habilidade como uma oportunidade para aprimorar seu desempenho ao falar em público⁴². Programas de aprimoramentos de comunicação oral promoveram a diminuição da ansiedade e aumentaram a autopercepção positiva ao falar em público^{14,18,31,34}.

O uso da realidade virtual na fala em público tem se mostrado uma abordagem promissora para auxiliar indivíduos a enfrentarem o desafio de se comunicar diante de uma plateia. A tecnologia oferece um ambiente simulado e imersivo que permite ao orador praticar suas habilidades de fala em cenários virtuais, criando uma experiência próxima da realidade, mas segura e controlada. Através de simulações em ambientes virtuais, os oradores podem praticar suas apresentações repetidamente, enfrentando diferentes tipos de público, cenários e situações desafiadoras.^{35,43,44,45}

Essa prática repetida contribui para aumentar a confiança e familiaridade do orador com a exposição pública. Muitas plataformas de realidade virtual oferecem recursos de feedback em tempo real. Isso permite que o orador receba avaliações objetivas sobre sua linguagem corporal, expressão facial, entonação e outros aspectos importantes da comunicação. Esse feedback personalizado ajuda o orador a identificar áreas de melhoria e a aprimorar sua performance. Embora o uso da realidade virtual na fala em público seja uma ferramenta poderosa, é importante ressaltar que ela não substitui completamente a experiência de falar em público diante de uma audiência real. A prática com público ao vivo continua sendo essencial para desenvolver habilidades interpessoais e se adaptar a reações e interações genuínas. No entanto, a realidade virtual oferece um valioso complemento para o treinamento e preparação de oradores, proporcionando uma oportunidade única de aprimorar suas habilidades em um ambiente seguro e controlado.^{35,43,44,45}

2.2.2 Rastreamento de instrumentos de autoavaliação da fala em público

Os instrumentos que investigam o construto da fala em público em sua maioria são protocolos de autoavaliação⁴⁶. A autoavaliação auxilia o sujeito a se questionar sobre determinado aspecto que muitas vezes não é relatado espontaneamente em intervenções e influenciam na prontidão para mudança em relação ao seu problema^{18,47}. Entre os estudos apresentados não há nenhum instrumento que investigue como os oradores enfrentam as situações de fala público e quais estratégias são utilizadas

Os instrumentos disponíveis na literatura são a *Personal Report of Confidence as a Speaker* (PRCS)⁴⁸, *Personal Report of Public Speaking Apprehension* (PRPSA)⁴⁹, *Personal Report of Communication Apprehension* (PRCA)⁵⁰, *Self-Statements During Public Speaking* (SSPS)⁵¹ e a *Public Speaking Anxiety Scale* (PSAS)⁵².

A *Personal Report of Confidence as a Speaker* (PRCS) é um instrumento desenvolvido para mensurar o grau de autoconfiança que uma pessoa possuiu em relação às suas habilidades de comunicação oral diante de uma audiência. O instrumento é composto, por 104 questões⁴⁸. Hook, Smith e Valentiner, apresentaram uma versão reduzida desse instrumento, contendo 12 questões⁵³. Essa versão mais compacta visa fornecer uma medida mais rápida e prática da confiança do indivíduo como comunicador, tornando mais fácil sua aplicação em pesquisas e contextos práticos. A PRCS é frequentemente usada em pesquisas relacionadas à comunicação e à psicologia social, bem como em contextos de treinamento e terapia, para avaliar a eficácia de intervenções destinadas a aumentar a autoconfiança e reduzir a ansiedade em relação à fala em público.

A *Personal Report of Public Speaking Apprehension* (PRPSA) é uma escala desenvolvida para medir a apreensão ou ansiedade ao falar em público. Seu objetivo é avaliar o nível de desconforto ou nervosismo que os indivíduos experimentam ao enfrentar situações de fala diante de uma audiência, incluindo o medo de ser julgado pela audiência, a preocupação com erros e gagueira, entre outros aspectos relevantes para a apreensão nesse contexto. O protocolo é composto por 34 questões, e os participantes são solicitados a responder a cada uma delas utilizando uma escala *Likert* de 5 pontos⁴⁹. Essa escala é frequentemente utilizada em pesquisas acadêmicas e em contextos de treinamento de habilidades de comunicação, bem como em estudos que buscam compreender a ansiedade relacionada à fala em público.

A *Personal Report of Communication Apprehension* (PRCA)⁵⁰ analisa o nível de apreensão ou ansiedade que uma pessoa experimenta em situações de comunicação interpessoal e em público. Uma versão brasileira desse questionário foi proposta Relatório Pessoal de Apreensão Comunicacional (RePAC-24)⁵³. As duas versões da escala avaliam o grau de desconforto e nervosismo que o sujeito sente antes e durante a comunicação em situações específicas, como falar em público, discutir ideias com superiores e conversar com amigos e familiares.

O *Self-Statements During Public Speaking*(SSPS)⁵¹, validado para o português brasileiro como Escala para Autoavaliação ao Falar em Público(SSPS)²¹, é uma escala frequentemente utilizada nos estudos sobre fala em público. O instrumento é fundamentado em teorias cognitivas, no qual o medo e a ansiedade associados à fala em público são influenciados pela percepção negativa que a pessoa tem de si mesma e dos outros em relação a si. A SSPS apresenta uma subescala com afirmações positivas e outra com afirmações negativas. Portanto, os tipos de pensamentos ou

autoafirmações que alguém possui enquanto fala em público podem afetar diretamente seus níveis de ansiedade e desempenho.

A *Public Speaking Anxiety Scale* (PSAS)⁵² adaptada para o português brasileiro como Escala de Ansiedade ao Falar em Público (EAFp) aborda componentes comportamentais, cognitivos e fisiológicos da ansiedade ao falar e público⁵⁴. Ao abordar esses três componentes, a Escala de Ansiedade ao Falar em Público (EAFP) pode fornecer uma avaliação mais abrangente e detalhada da ansiedade vivenciada por indivíduos em situações de fala em público.

2.4. Referências

1. Lucas SE. The art of public speaking. 12^a ed. New York. McGraw-Hill Education; 2015: p 447
2. Behlau M, Bárbara M. Comunicação Consciente: o que comunico quando eu comunico. 1^a ed. Rio de Janeiro. Thieme Revinter; 2022: p 160.
3. Miller TC, Stone DN. Public speaking apprehension (PSA), motivation, and affect among accounting majors: A proof-of-concept intervention. *Accounting Education*. 2009;24(3), 265-298.
4. Shyam SS, Elizabeth IJ. *Public Speaking Skills*. In: Training Manual on Theeranaipunya - Equipping Fisherwomen Youth for Future. ICAR-Central Marine Fisheries Research Institute, Kochi; 2016 pp. 129-132.
5. Banwart M. Communication studies: effective communication leads to effective leadership. *New Dir Stud Leadersh*. 2020;(165):87-97. <http://dx.doi.org/10.1002/yd.20371>. PMID:32187871.
6. Grieve R, Woodley J, Hunt SE, McKay A. Student fears of oral presentations and public speaking in higher education: a qualitative survey. *Journal of Further and Higher Education*. 2021; 45 (9): 1281–1293. <https://doi.org/10.1080/0309877X.2021.1948509>
7. Raja F. Anxiety Level in Students of Public Speaking: Causes and Remedies. *Journal of Education and Educational Development*. 2017;4(1): 94-110.
8. Wörtwein T, Chollet M, Schauerte B, Morency LP., Stiefelhagen RSS.. Multimodal public speaking performance assessment Proceedings of the 2015 ACM on International Conference on Multimodal Interaction 4350. <https://doi.org/10.1145/2818346.2820762>
9. Ginkel SV, Gulikers J, Biemans H. Mulder M. Towards a set of design principles for developing oral presentation competence: A synthesis of research in higher education, *Educational Research Review*. 2015; 14: 62–80. Towards a set of design principles for developing oral presentation competence: A synthesis of research in higher education. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2015.02.002>
10. Valenzano, Joseph M. III and Braden, Stephen W., "The Speaker: The Tradition and Practice of Public Speaking" (2015). Communication Faculty Publications. Pp16. http://ecommons.udayton.edu/cmm_fac_pub/16

- 11.Miranda H, Angiolillo GD, Esteves ML, Magalhães J. Medo de falar em público: estudo piloto da glossofobia em contexto de alunos universitários. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. 2020;1(1):263-272. [10.17060/ijodaep.2020.n1.v1.1783](https://doi.org/10.17060/ijodaep.2020.n1.v1.1783)
- 12.Grilo APS, Oliveira AAP, Puggina ACG. Public speaking: relationship with competency in communication, anxiety and student oratory experiences. *Rev Enferm Cent Oeste Min*. 2019;9:e3534. [10.19175/reccom.9i0.3534](https://doi.org/10.19175/reccom.9i0.3534)
- 13.Abella RC, Cutamura JC Approach to public speaking skills development in an educational organization: a grounded theory. *European Journal of education Studies*2019;6(1)232-259[10.5281/zenodo.3261608](https://doi.org/10.5281/zenodo.3261608)
- 14.Lira AAM, Marchand DLP, Carvalho LSR, Cassol M. Efeito de um programa de aprimoramento das habilidades de comunicação oral na ansiedade e no estresse autorreferidos. *Audiol Commun Res*. 2021;26:e2545. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2545>
- 15.Kovalick Roberto, Kyrillos L, Gonçalves R, Borsato C. Seja inesquecível: Acabe com o medo, domine a linguagem corporal e verbal e use a neurociência. 1ª ed. São Paulo. Editora Gente; 2020:p 25.
- 16.Romano CC, Alves LA, Secco IA, Ricz LN, Robazzi ML. The expressiveness of a university professor in his classroom performance: analysis of verbal resources and implications for nursing. *Rev Lat Am Enfermagem*.2011;19(5):1188-96. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500017>
- 17.Lira AAM, Borrego MC, Behlau. Self-assessment of communication resources used by sales representatives and its relation with sales performance. *CoDAS* 2019;31(6):e20190067 [DOI:10.1590/2317-1782/20192019067](https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192019067)
- 18.Batista DJ, Conceição AS. Autopercepção dos efeitos de um treinamento de comunicação oral em situações de fala em público. *Distúrb Comum*. 2022;34(4):e57797. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i4e57797>
- 19.Faria MF, Fernandes SG, Pirolo SM, Silva MJP. Public speaking: view from master's students in nursing.*Rev. esc. enferm. USP*.1998; 32(1):59-66 • <https://doi.org/10.1590/S0080-62341998000100009>
- 20.García-Fernández CM, Raya-Trenas A, Herruzo J. Temor a hablar em público en una muestra de estudiantes universitarios españoles. *Ansiedad y estrés*. 2015; 21(2-3): 157-67.

- 21.Osório FL, Crippa JA, Loureiro SR. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. *Rev Psiq Clín.* 2012;39(2):48-53.
- 22.D'El Rey GJ, Pacini CA. Medo de falar em público em uma amostra da população: prevalência, impacto no funcionamento pessoal e tratamento. *Psic Teor e Pesq.* 2005;21(2):237-42.
- 23.Walton JD. Your fears are appreciated here: Exploring a humanistic approach to public speaking instruction. *American International Journal of Humanities and Social Science Research.* 2018;8(1):28-47. [DOI: 10.5929/2018.8.1.1](https://doi.org/10.5929/2018.8.1.1)
- 24.Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Pantuza, JJ, Teixeira LC. Prevalência e fatores associados ao medo de falar público. *CoDAS* 2019;31(6):e20180266. [DOI:10.1590/2317-1782/20192018266](https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192018266)
- 25.American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing. 2013.
- 26.Bodie GD. A racing heart, rattling knees, and ruminative thoughts: defining, explaining, and treating public speaking anxiety. *Communication Education* 2010; 59(1), 70–105.
- 27.Barbosa RA, Friedman S. Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público. *Distúrb Comum.* 2007;19(3): 325-36
- 28.Almeida AAF. Alterações psicofisiológicas e vocais em indivíduos submetidos ao teste de simulação de falar em público. [Tese em Ciências]. São Paulo (SP): Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP; 2009
- 29.Oliveira M.A, Duarte AMM. Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. *Rev Brasil Ter. Compor. Cogn.* 2004;(6):183-200. <http://doi.org/10.31505/RBTCC.V6I2.56ID do Corpus: 143040990>
- 30.Lira AAM, Marchand DLP, Carvalho LSR, Cassol M. Efeito de um programa de aprimoramento das habilidades de comunicação oral na ansiedade e no estresse autorreferidos. *Audiol Commun Res.* 2021;26:e2545. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2545>
- 31.Angélico AP, Bauth MF, Andrade AK. Estudo Experimental do Falar em Público Com e Sem Plateia em Universitários. *Psico-USF.*2018;23(2):347-59. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230213>

- 32.Burato KRS, Crippa JAS, Loreiro SR. Transtorno de ansiedade social e comportamentos de evitação e segurança revisão sistemática. *Estud.psicol.* 2009;14(2):167-174
- 33.Romano C. COACHING Communication: aprenda a falar em público e assuma o palestrante que há em você. 1ª ed. Barueri SP. Novo Século. 218
- 34.Hancock AB, Stone MD, Brundage SB, Zeigler MT. Public speaking attitudes: does curriculum make a difference? *J Voice.* 2010;2(3):302-7. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2008.09.007>.
- 35.Chen L, Feng G, Leong CW, Joe J, Kitchen C, Lee CM. Designing an automated assessment of public speaking skills using multimodal cues. *Journal of Learning Analytics.* 2016 Sep 17;3(2):261-81.
- 36.Penteado, RZ, Pechula, MR. Expresividad em Periodismo: interfaces entre Comunicación, Fonoaudiología y Educación. *Intercom, Rev.Bras. Ciênc. Comum.* 2018; 41(1)153-166. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201818>
- 37.Santos TD, Andrada e Silva MA. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. *Rev CEFAC.*2016;18(6):1447- 55. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161865116>
- 38.Celeste LC, Lima AM, Seixas JMA, Silva MA, Silva EM. Treinamento da performance comunicativa em universitários da área da saúde. *Audiol Commun Res.* 2018;23:e1879 <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6431-2017-1879>.
- 39.Marinho ACF, Medeiros AM, Pantuza JJ, Teixeira LC. Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público *CoDAS* 2020;32(5):e20190097 [doi:10.1590/2317-1782/2020201909](https://doi.org/10.1590/2317-1782/2020201909)
- 40.Vasconcellos L, Otta E. Comparação do comportamento gestual entre maus e bons oradores durante a comunicação em público. *Psicologia em Revista.* 2003; v. 9, p. 153-158. <https://doi.org/10.5752/174>
- 41.Borrego MCM, Behlau M. Mapeamento do eixo condutor da prática fonoaudiológica em expressividade verbal no trabalho de competência comunicativa. *CoDAS.* 2018;30(6):1-4.<http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20182018054>. [PMid:30517272](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30517272/)
- 42.Marinho ACF, Medeiros AM, Gama ACC, Teixeira LC. Fear of public speaking: perception of college students and correlates. *J Voice.* 2016;31(1):127.e7-127.e11. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.12.01>

43. Kryston K, Goble H, Eden A. Incorporating virtual reality training in an introductory public speaking course. *Journal of Communication Pedagogy*. 2021;4:133-51. [doi:10.31446/JCP.2021.1.1](https://doi.org/10.31446/JCP.2021.1.1)
44. Daniels MM, Palaoag TD, Daniels M. Efficacy of virtual reality in reducing fear of public speaking: A systematic review. *IOP Conference Series Materials Science and Engineering*. 2020;803(1):01200.
45. Gorinelli S, Gallego A, Lappalainen P, Lappalainen R. Virtual reality acceptance and commitment therapy intervention for social and public speaking anxiety: A randomized controlled trial. *Journal of Contextual Behavioral Science*. 2023;28(1):289-299 [10.1016/j.jcbs.2023.05.004](https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2023.05.004)
46. Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Teixeira LC. Instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público: uma revisão integrativa da literatura. *Audiol Commun Res*. 2022;27:e2539. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2539>
47. Almeida AA, Behlau M. Adaptação cultural do Questionário Reduzido de Autorregulação: sugestões de aplicação para área de voz. *CoDAS* 2017;29(5):e20160199 <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20172016199>
48. Philips GC, Jones GE, Rieger EJ, Snell JB. Normative data for the personal report of confidence as a speaker. *Journal of Anxiety Disorders*. 1997; 11(2):215-220. DOI:[https://doi.org/10.1016/S0887-6185\(97\)00007-8](https://doi.org/10.1016/S0887-6185(97)00007-8).
49. Mc Croskey JC. Measures of communication-bound anxiety. *Speech Monographs*. 1970;37:269–277.
50. Mc Croskey JC, Beatty MJ, Kearney P, Plax TG. The content validity of the PRCA24 as a measure of communication apprehension across communication contexts. *Commun Q*. 1985;33(3):165-73 <https://doi.org/10.1080/01463378509369595>
51. Hofmann SG, Dibartolo PM. An instrument to assess self-statements during public speaking: scale development and preliminary psychometric properties. *Behav Ther*. 2000;31(3):499-515. [doi: 10.1016/s0005-7894\(00\)80027-1](https://doi.org/10.1016/s0005-7894(00)80027-1)
52. Bartholomay EM, Houlihan DD. Public Speaking Anxiety Scale: Preliminary psychometric data and scale validation. *Personality and Individual Differences*. 2016; 94, 211-215. [doi: 10.1016/j.paid.2016.01.026](https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.01.026)
53. Hook JN, Smith CA, Valentiner DP. A short-form of the Personal Report of Confidence as a Speaker. *Personality and individual differences*. 2008; 44(6): 1306– 1313. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.paid.2007.11.021>

- 54.Araújo DCSA, Pereira SN, Santos WM, Menezes PWS, Rocha KSS, Cerqueira Santos. Brazilian version of the Personal Report of Communication Apprehension: Cross-cultural adaptation and psychometric evaluation among healthcare students. PLoS One. 2021; 16(2):e0246075. DOI: <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0246075>
- 55.Oliveira, BLD, Sales HFS, Lima KS, Santos NA, Galdino, MKC. Adaptação da Escala de Ansiedade de Falar em Público (PSAS) para o Brasil. Contextos Clínicos.2020;3(1):20-35 [10.4013/ctc.2020.131.02](https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.02)
- 56.Lazarus RS, Folkman S. Stress, appraisal and coping. New York: Springer Publishing Company. 1984
- 57.Skinner, E. A., & Edge. Self-determination, coping and development. Em E. L. Deci, & R. M. Ryan (Eds.), Handbook of selfdetermination research Rochester, NY: University of Rochester Press.2002b:297-337.
- 58.Skinner EA, Edge K, Altman J, Sherwood H. Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. Psychological Bulletin, 2003;129(2),216-269.
- 59.Skinner EA, Wellborn JG. Coping during childhood and adolescence: A motivational perspective. Em D. Featherman, R. Lerner & M. Perlmutter (Eds.) Life-span development and behavior .1994;12: 91-133.
- 60.Skinner EA, Edge K. Parenting, motivation, and the development of coping. Em L. J. Crockett (Ed.).The Nebraska Symposium on Motivation: Motivation, agency, and the life course.2002b:77-143. Lincoln NB: University of Nebraska Press
- 61.Dias EN, Ribeiro JLP. O modelo de coping de Folkman e Lazarus: aspectos históricos e conceituais. Revista Psicologia e Saúde. 2019;1(2): 55-66. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v1i1i2.64>
- 62.Ramos FP, Enumo SR, Paula KM. Teoria Motivacional do Coping: uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse. Estud. Psicol. 2015;32(2):269-79
- 63.Aldwin CM. Stress, coping, and development: An integrative approach. 2nd ed. New York: Guilford. 2007
- 64.Compas BE, Smith JKC, Saltzman H, Thomsen A H, Wadsworth ME. Coping with stress during childhood and adolescence: Problems, progress, and potential in theory and research. Psychological Bulletin; 2001;(1)87-127. 242. [PMID: 11271757](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11271757/)
- 65.Folkman S, Lazarus RL, Schetter CD, Longis A, Gruen R. Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. Journal of

- Personality and Social Psychology.1986; 50(5):992-1003. [doi: 0.1037/0022-3514.50.5.992](https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.5.992)
- 66.Vaillant, G. Ego mechanisms of defense and personality psychopathology. Journal of abnormal psychology.1994;03,44-50. [doi:10.1037/0021-843X.103.1.44](https://doi.org/10.1037/0021-843X.103.1.44)
 - 67.Folkman S. Stress, health, and coping: Synthesis, commentary, and future directions. In S. Folkman (Ed.), The Oxford handbook of stress, health, and coping. New York: Oxford University Press. 2011:453-462
 - 68.Weiss H. Growing up in poverty as a developmental risk: Challenges for early intervention. Educational and Child Psychology,2004;21(1):8-19.
 - 69.Lazarus RS. Coping theory and research: Past, present, and future. Psychosomatic Medicine, 1993;(55):234-247.
 - 70.Folkman S, Moskowitz JT. Coping: Pitfalls and promise. Annual Review of Psychology. 2004;55:745-74.
 - 71.Folkman S, Lazarus R. If it changes must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. Journal of Personality and Social Psychology, 1985;48(1):150-170. [doi:10.1037/0022-3514.48.1.150](https://doi.org/10.1037/0022-3514.48.1.150)
 - 72.Compas, B. E. Coping with stress during childhood and adolescence. Psychological Bulletin, 1987;10(3):393-403.
 - 73.Skinner EA, Gembeck, MJZ. Challenges to the developmental study of coping,regulation. 2009. 5-17. [doi 10.1002/cd.239](https://doi.org/10.1002/cd.239)
 74. Skinner EA, Zimmer-Gembeck MJ. Perceived Control and the Development of Coping. In: Folkman S, editor. The Oxford Handbook of Health, Stress and Coping. New York: Oxford University; 2011.p. 35-62.
 - 75.Skinner EA, Wellborn JG. Children's coping in the academic domain. In S. A. Wolchik & I. N. Sandler (Eds.), Handbook of children's coping: Linking theory and intervention. Plenum Press. 1997:387–422. https://doi.org/10.1007/978-1-4757-2677-0_14
 - 76.Skinner EA, Gembeck MJz. The development of coping. Annual Review of Psychology.2007;58,119-144.
 - 77.Vasconcelos AG, Nascimento E. Teoria Motivacional do Coping: um modelo hierárquico e desenvolvimental. Aval. Psicol. 2016; 15:(n.esp); 77-87. <http://doi.10.15689/ap.2016.15ee.08>
 - 78.Maertens M, Vasconcelos AG, Nascimento E. Estratégias de enfrentamento (coping) frente à eventos traumáticos ocupacionais e saúde mental em bombeiros militares. Vigiles. 2019;2(1):61–73.

- 79.Silva AMB, et al. Scale of Coping with Pain for Dancers (COPAIN-Dancer): Construction and validity evidences. Revista de Psicologia. 2019;37. 159193. <https://dx.doi.org/10.18800/psico.201901.006>
- 80.Skinner EA, Chapman M, Baltes PB. Beliefs about control, means-ends, and agency: A new conceptualization and its measurement during childhood. Journal of Personality and Social Psychology. 1988;54(1)\;117-13
- 81.Pasquali, L. Testes referentes a construto: Teoria e modelo de construção. Em L. Pasquali (Org.). Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas 1999. Porto Alegre: Artmed, pg 37-157
- 82.Pasquali L. Teoria de Resposta Ao Item: Teoria, Procedimentos e Aplicações. 2018. 1st ed. Curitiba: Appris; 20.
- 83.Bellucci Júnior JA, Matsuda LM. Construção e validação de instrumento para avaliação do Acolhimento com Classificação de Risco. Rev. Bras. Enferm.2012;65(5):751-7.<https://doi.org/10.1590/s003471672012000500006>
- 84.Pasquali L. Psicometria. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2009;43(spe):992-9.<https://doi.org/10.1590/s008062342009000500002>
- 85.Pernambuco LA, Espelt A, Magalhães HV Jr, Cavalcanti RVA Lima KC. Recommendations for elaboration, transcultural adaptation and validation process of tests in Speech, Hearing and Language Pathology. CoDAS. 2017;29(3):e20160217.<http://dx.doi.org/10.1590/23171782/2017201621>.
- 86.American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. Standards for Educational and Psychological Testing. New York: American Educational Research Association; 2014
- 87.Sireci S, Bond MF Validity evidence based on test content. Psicothema. Psicothema.2014;26(1): p. 100-107. [doi: 10.7334/psicothema2013.25](https://doi.org/10.7334/psicothema2013.25)
- 88.Alexandre NMC, Coluci MZO. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. Cien Saúde Colet. 2011;16(7):3061-68
- 89.Abad FJ, Olea J, Ponsonda V, Garcia C. Measurement in social sciences and health. Madrid: Sintesis; 2011.
- 90.Polit D, Beck CT, Owen S. Is the CVI an acceptable indicator of content validity? Appraisal and recommendations. Res Nurs Health. 30(4):459-67. [10.1002/nur.20199](https://doi.org/10.1002/nur.20199)
- 91.Padilla JL, Benítez I. Validity evidence based on response processes. Psicothema.2014;26:136-144.

- 92.Rios J, Wells Validity evidence based on internal structure. *Psicothema*. 2014; 26:108-116. <https://doi.org/10.7334/psicothema2013.260>
- 93.Streiner DL. Starting at the beginning: an introduction to coefficient alpha and internal consistency. *J Pers Assess*. 2003 Feb;80(1):99-103
- 94.Balbinotti MAA, Barbosa MLL. Análise da consistência interna e fatorial confirmatório do IMPRAFE-126 com praticantes e atividades físicas gaúchos. *Psico-USF*. 2008 jan-jun;13(1):1-12. 28.
- 95.Hair Junior JF, Black WC, Babin BJ, Anderson RE, Tathan RL. Análise multivariada de dados. 6 ed. Porto Alegre: Bookman; 2009.
- 96.Pasquali L. Análise fatorial para pesquisadores. Brasília (DF): LabPAM/Um.2012.
- 97.Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização. 7 ed. Porto Alegre: Artmed; 2011
- 98.Damásio BF. Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multi-grupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF*.2013;18:211–22. <https://doi.org/10.1590/s141382712013000200005>.
- 99.Mokkink LB, Terwee CB, Patrick DL, Alonso J, Stratford PW, Knol DL, et al. The COSMIN study reached international consensus on taxonomy, terminology, and definitions of measurement properties for health-related patient-reported outcomes. *J Clin Epidemiol*. 2010 Jul;63(7):737-45. [10.1016/j.jclinepi.2010.02.006](https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2010.02.006)
- 100.Squires J, Estabrooks CA, et al. Validation of the conceptual research utilization scale: an application of the standards for educational and psychological testing in healthcare. *BMC Health Services Research*.2011; 11: 107.
- 101.Pasquali L. Análise fatorial para pesquisadores. Porto Alegre: Artmed; 2005.
- 102.Hair J, Anderson R, Babin B. *Multivariate Data Analysis*. 6th ed. Upper Saddle River: Pearson Prentice Hall; 2006.
- 103.Pasquali L. *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- 104.Pasquali L, Primi R. Basic theory of item response theory - IRT. *Aval Psicol*. 2003;2:99–110. <https://doi.org/10.22347/2175-2753v1i2.38>.
- 105.Klein R. Alguns aspectos da teoria de resposta ao item relativos à estimação das proficiências. *Aval.pol.públ. Educ*. 2013; 21(78): 35-56.
- 106.Sartes LMA, Souza-Formigoni MLO. Avancos na psicometria: da teoria clássica dos testes a teoria de resposta ao item. *Psicol Reflex Crit*. 2013;26:241–250. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200004>.

- 107.Andrade D, Tavares H, Valle R. Teoria da Resposta ao Item: Conceitos e Aplicações. São Paulo: ABE, 2000.
- 108.Almeida LN, Nascimento JA, et al. Validation process of voice selfassessment instruments in Brazil. *Audiol Comm Res.* 2021;26:e2364. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2364>
- 109.Gulliksen, H. Theory of mental tests. New York: Wiley 1950
- 110.Embretson, S. E., & Reise, S. P. Item response theory for psychologists. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates 2000.
- 111.Hambleton, R. K., & Slater, S. C. Item Response Theory Models and Testing Practices: Current international status and future directions. [*European Journal of Psychological Assessment.* 1997;13\(1\), 21-2](#)
- 112.Pasquali L. TRI–Teoria de resposta ao item: Teoria, procedimentos e aplicações. Editora Appris, 2020
- 113.Albuquerque AS, Troccoli BT. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia Teoria Pesquisa.*2004;20:153–164.
- 114.Baker FB, Kim SH. The basics of item response theory. Washington: Eric Clearing house on Assessment and Evaluation, 2001
- 115.Araújo EAC, Andrade DF, Bortolotti SLV. Teoria da resposta ao item. *Rev Escola Enfermagem USP.* 2009;43:1000-10008.
- 116.Reeves T. Marbach-ad G. Contemporary Test Validity in Theory and Practice: A Primer for Discipline-Based Education Researchers. *CBE—Life Sciences Education.* v. 15, p.1–9, 2016
- 117.Castro, SM. Trentini CJ, Riboldi, J. Teoria da resposta ao item aplicada ao Inventário de Depressão Beck. *Revista Brasileira de Epidemiologia,*2010;13(3): 487–501.
- 118.Ribeiro VV, Santos MAC, Ameida AAF, Behlau M. Validation of the Self-assessment of Communication Competence (SACCom) in Brazilian Portuguese Through Item Response Theory *Journal of Voice.*2022; S0892:1-14. <https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2022.07.013>
- 119.Barbosa I, Behlau M, AlmeidaLR, RamosN, Lopes L, Almeida AA. Validation of the Brazilian Scale of Perceived Control Over Voice in the Present using Item Response Theory. *Journal Of Voice.*2023;1S0892-199700028-0. [doi:10.1016/j.jvoice.2023.01.027](https://doi.org/10.1016/j.jvoice.2023.01.027)

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

- Elaborar e validar um instrumento de autoavaliação sobre estratégias de enfrentamento para fala em público.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar e analisar, por meio de revisão de literatura, instrumentos e itens utilizados para avaliação da fala em público de indivíduos adultos (Artigo 1)
- Desenvolver evidências de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta do instrumento de enfrentamento para fala em público. (Artigo 2)
- Constatar evidências de validade baseadas na estrutura interna do instrumento de enfrentamento para fala em público (Artigo 3)

4. Método

Trata-se de um estudo metodológico de elaboração e validação de instrumento estudo do tipo transversal, com uma abordagem qualitativa e quantitativa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG/ CAAE 597633122.0.0000.5149 parecer de aprovação: 5.735.670 (Anexo 2).

O processo de desenvolvimento da tese foi dividido em três etapas, cada uma delas focada em responder a um objetivo específico da pesquisa. Todos os detalhes sobre os materiais e métodos utilizados estão disponíveis nos artigos e no capítulo de resultados da tese, para evitar repetições desnecessárias.

O instrumento de investigação foi desenvolvido seguindo o modelo proposto por Luiz Pasquali, que incluiu procedimentos teóricos, empíricos e analíticos. Essa abordagem metodológica visa garantir a confiabilidade e validade do instrumento, assegurando que ele seja capaz de coletar dados de forma precisa e consistente. A Figura 7 apresenta o caminho metodológico seguido para elaboração e validação do instrumento

ECOFAP.

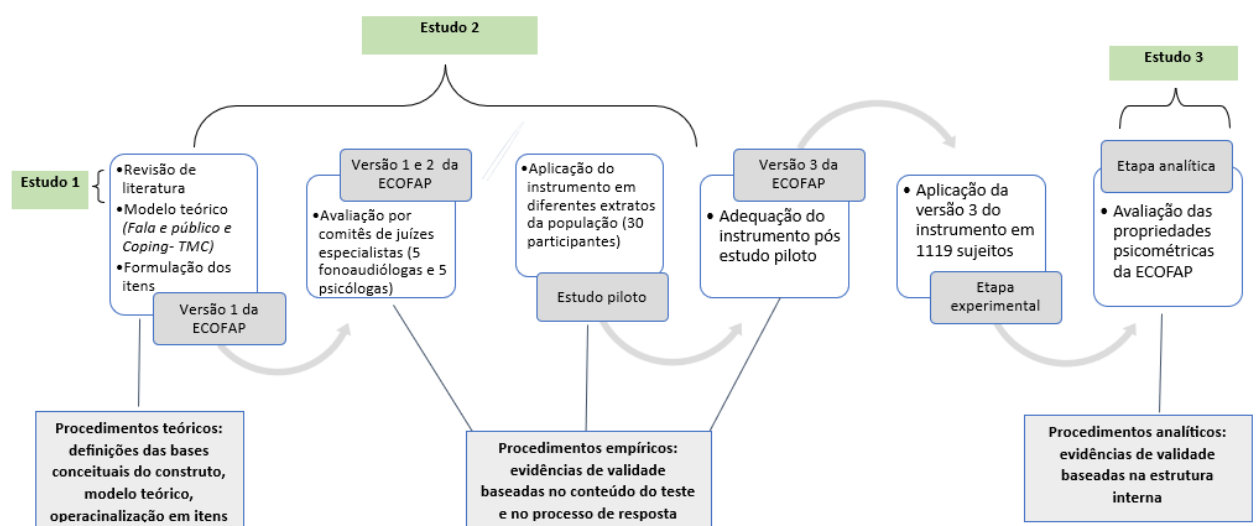


Figura 7- Percurso metodológico de elaboração e validação da ECOFAP

5. Resultados e Discussão

5.1 Artigo 1: Revisão de literatura rastreamento de instrumentos avaliativos da fala em público

Revisão de Literatura

<https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2539>

Audiology
Communication
Research
ISSN 2317-6431

Instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público: uma revisão integrativa da literatura

Public speaking assessment and self-assessment instruments: an integrative literature review

Anna Carolina Ferreira Marinho¹ , Adriane Mesquita de Medeiros¹ , Eduardo de Paula Lima¹ ,
Letícia Caldas Teixeira¹ 

RESUMO

Objetivo: revisar e descrever os estudos que utilizaram instrumentos para avaliar e autoavaliar a fala em público de indivíduos adultos, no período de 2011 a 2020. **Estratégia de pesquisa:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A busca dos estudos ocorreu nas bases de dados SciELO, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde, que abrange as bases de dados MEDLINE e LILACS. A questão norteadora desta revisão foi: "Quais os tipos, aspectos avaliados e categorias de resposta dos instrumentos que avaliaram a fala em público de indivíduos adultos nos últimos dez anos?". **Crterios de seleço:** Foram selecionados artigos originais, disponveis na integra, publicados nos últimos dez anos, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que apresentassem instrumentos de avaliação da fala em público, em adultos. Foram excluídos da revisão teses, dissertações, monografias, anais de congressos, estudos com análise do discurso e artigos de revisão de literatura. **Resultados:** foram localizados 2539 artigos, dos quais 21 foram incluídos nesta revisão. A maioria dos estudos foi desenvolvida no Brasil, realizada com universitários e utilizou instrumentos de autoavaliação para investigar a fala em público. **Conclusão:** os instrumentos de investigação para avaliação da fala em público são distintos e não há padronização conceitual dos aspectos avaliativos e das categorias de respostas. Nos instrumentos de autoavaliação, os aspectos mais avaliados são ansiedade ao falar em público, voz, velocidade de fala, competência comunicativa, *pitch*, articulação e *loudness*. Nos instrumentos de avaliação, os aspectos avaliativos mais abordados são voz, velocidade de fala, articulação, pausas, *loudness*, *pitch* e gestos.

Descritores: Fala; Voz; Comunicação; Inquéritos e questionários; Escalas

ABSTRACT

Purpose: To review and describe studies that used assessment and selfassessment instruments, investigating public speaking by adults from 2011 to 2020. **Research strategy:** This was an integrative literature review. Studies were searched on SciELO, PubMed and Virtual Health Library databases, which included databases from MEDLINE and LILACS. This study proposed to answer the following question: What kind of instruments assessed public speaking by adults over the last 10 years? **Selection criteria:** Original articles that presented instruments for assessing public speaking by adults were selected. The articles were available in full format and published over the last 10 years in English, Portuguese, or Spanish. Theses, dissertations, monographs, conference proceedings, studies with discourse analysis and literature review articles were excluded from the review. **Results:** A total of 2,539 articles were found, of which 21 were included in this review. Most of the studies were from Brazil carried out by college students. Studies included self-assessment instruments to investigate public speaking. **Conclusion:** The investigation instruments used to assess public speaking were all different (from each other) and there was no assessment or conceptual response category standardization. The most self-assessed aspects were public speaking anxiety, voice, speech rate, communicative competence, pitch, articulation, and loudness. The most addressed aspects in the assessment instruments were voice, speech rate, articulation, pauses, loudness, pitch, and gestures.

Keywords: Speech; Voice; Communication; Surveys and questionnaires; Scale

Trabalho realizado no Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas (Doutorado), Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte (MG), Brasil.

¹Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas (Doutorado), Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte (MG), Brasil.

Conflito de interesses: Não.

Contribuição dos autores: ACFM participou da idealização do estudo, coleta, concepção, delineamento, análise, interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada; AMM e EPL participaram, na condição de coorientadores, da idealização, estudo, análise, interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica e aprovação da versão a ser publicada; LCT participou, na condição de orientadora, da idealização, estudo, análise, interpretação dos dados, revisão crítica e aprovação da versão a ser publicada.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). 5.24/2021.13706.

Autor correspondente: Anna Carolina Ferreira Marinho. E-mail: anna.marinho9@gmail.com

Recebido: Julho 15, 2021; **Aceito:** Dezembro 13, 2021

INTRODUÇÃO

Falar em público é uma habilidade desafiadora para grande parte das pessoas⁽¹⁻³⁾. Atualmente, é uma das exigências do mercado de trabalho, que procura pessoas com qualificações profissionais e competências multifuncionais^(2,4). Um orador que fala bem em público é alguém que compartilha ideias de forma eficiente e é capaz não só de informar, mas de influenciar e inspirar outras pessoas^(1,5).

Para tanto, a mensagem, elemento central da fala em público, precisa estar alinhada com a voz e o corpo, estabelecendo-se uma harmonia entre o que é dito (comunicação verbal) e o modo como algo é dito, voz, gestos, postura corporal e expressões faciais (comunicação não verbal)^(6,7).

Contudo, tendo em vista que a fala em público envolve a exposição do falante perante uma audiência desconhecida, na qual o orador fica em destaque, ela é considerada um estressor psicossocial⁽⁸⁾. Nesse contexto, quanto mais habilidades e estratégias de enfrentamento positivas o indivíduo tiver a seu dispor, mais possibilidades terá para aprimorar seu desempenho comunicativo e controlar o estresse da exposição em público.

Dentre essas habilidades e estratégias, estão o desenvolvimento do autoconhecimento^(4,9), o fortalecimento da autoconfiança^(9,10) o domínio do discurso, a prática da fala em público^(3,5,11,12) e a busca por assessorias comunicativas que contribuirão para que o falante enfrente esse desafio^(2,4,10,11).

A fala em público é alvo de estudo por diferentes áreas de conhecimento^(8,11,13-15). Aspectos da voz, fala, linguagem, gestos, estratégias de enfrentamento e manifestações de ansiedade ao falar em público são investigados, de forma distintas, e sob referenciais conceituais também diversificados.

Considerando que os instrumentos de avaliação da fala em público se constituem um alicerce para compreender a performance do falante, acredita-se que a identificação e descrição dos aspectos avaliativos dos instrumentos existentes podem fundamentar um modelo teórico para o construto da fala em público e auxiliar na construção de um instrumento de avaliação amplo, que venha a favorecer a temática da fala em público e as assessorias e pesquisas científicas sobre o tema.

OBJETIVO

Revisar e descrever os estudos que utilizaram instrumentos para avaliar e autoavaliar a fala em público de indivíduos adultos, no período de 2011 a 2020.

ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, baseada em recomendações nacionais^(16,17), que buscou responder à seguinte pergunta: “Quais os tipos, aspectos avaliados e categorias de resposta dos instrumentos que avaliaram a fala em público de indivíduos adultos nos últimos dez anos?”.

Para busca dos assuntos na literatura, foram utilizados os descritores (MeSH - Medical Subject Headings e DeCS - Descritores em Ciências da Saúde): comportamento verbal, comunicação não verbal, barreiras de comunicação, inquéritos e questionários, fonoaudiologia, voz, protocolos clínicos, estudos de avaliação,

autoavaliação; bem com as palavras-chave: arte de falar em público, discurso público, fala pública, falar em público, fala em público, oratória, expressividade, levantamentos e questionários, métodos de inquérito e questionários. Os descritores e as palavras-chave foram combinados entre si com a utilização dos operadores booleanos AND e OR. A equação de busca utilizada foi: (tw (“Arte de Falar em Público” OR “Discurso Público” OR “Fala Pública” OR “Falar em Público” OR “Fala em Público” OR oratória OR “Public Speaking” OR “Speaking, Public” OR “Verbal Behavior” OR “Conducta Verbal” OR “Comportamento Verbal” OR “Nonverbal Communication” OR “Comunicación no Verbal” OR “Comunicação não Verbal” OR “Communication Barriers” OR “Barreras de Comunicación” OR “Barreiras de Comunicação” OR “Expressividade” OR “expressiveness” OR “Speech, Language and Hearing Sciences” OR fonoaudiologia OR “Voice” OR “Voz”) AND (“Surveys and Questionnaires” OR “Encuestas y Cuestionarios” OR “Inquéritos e Questionários” OR inquéritos OR “Levantamentos e Questionários” OR “Métodos de Inquérito” OR questionários OR “Clinical Protocols” OR “Protocolos Clínicos” OR “Self-Assessment” OR autoevaluación OR “Estudo de avaliação” OR “autoavaliação” OR autoapreciação OR “Autoavaliação (Psicologia)” AND (db: (“LILACS” OR “INDEXPSI” OR “BINCIS” OR “IBCS” OR “BBO” OR “SES-SP”))).

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Os critérios de inclusão foram: artigo original, disponível na íntegra, publicado no período de 2011 a 2020, nos idiomas inglês, português ou espanhol, que apresentasse instrumentos de avaliação da fala em público em adultos. Foram excluídos da revisão teses, dissertações, monografias, anais de congressos, estudos com análise do discurso e artigos de revisão de literatura. Após a busca, uma pesquisa manual também foi realizada nas referências entre os artigos encontrados, a fim de complementá-los.

Realizou-se levantamento da literatura científica publicada, utilizando as bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud* (IBCS) e ISI (*Web of Science*) e considerou-se o período entre os anos de 2011 de 2020.

Na busca inicial, foram encontradas 2539 produções de 2011 a 2020. Os artigos foram analisados por duas pesquisadoras de forma independente, quanto à pertinência, ou não, da seleção e inclusão no estudo. A seleção dos artigos foi desenvolvida a partir da leitura prévia dos títulos e resumos. Após a análise do título, resumo e palavras-chave e da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 38 artigos foram selecionados para leitura na íntegra. Houve discordância entre as pesquisadoras em três artigos, que foram incluídos, após análise por consenso. Após a leitura na íntegra, foram incluídos 21 artigos e excluídos 17.

O percurso realizado para seleção e análise dos textos está representado na Figura 1.

ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi realizada de forma descritiva, em duas etapas. Na primeira etapa, os dados dos estudos foram compilados

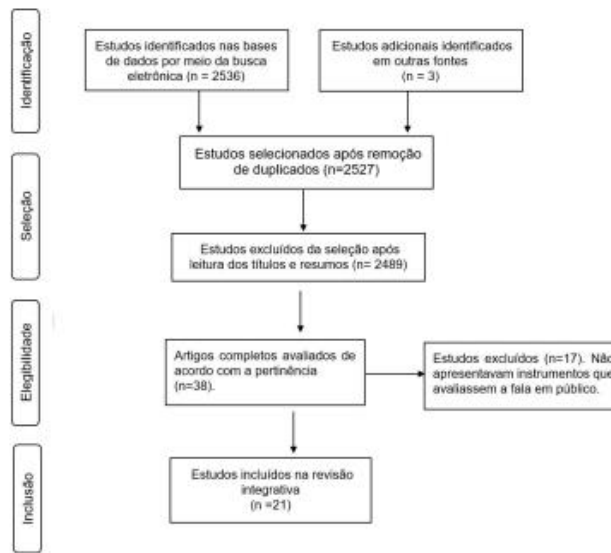


Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos.
Legenda: n = número de estudos

e posteriormente divididos em dois quadros. O primeiro quadro incluiu os estudos exclusivamente de autoavaliação da fala em público. O segundo quadro foi dividido em dois seguimentos: no primeiro, apresentação dos estudos com instrumentos de avaliação da fala em público e, no segundo, os estudos que contemplaram as duas propostas associadas.

Os quadros foram estruturados nos seguintes eixos: autor e ano, local, amostra, delineamento do estudo, formas de avaliação da fala em público (autoavaliação, avaliação por juízes fonoaudiólogos ou leigos), especificação quanto à validação do instrumento; presença ou ausência de instrumento anexado ao estudo; aspectos avaliados e categorias de respostas dos itens avaliados.

A segunda etapa da análise constou da elaboração de duas nuvens de palavras com a categorização dos aspectos avaliativos da fala em público, presentes nos estudos incluídos na revisão. A nuvem de palavras é um recurso gráfico que permite visualizar a frequência com que as palavras aparecem em hipertextos⁽¹⁸⁾. As dimensões das palavras inseridas na nuvem são variadas e proporcionais à frequência e relevância temática em meio às outras palavras do texto⁽¹⁸⁾. Para construção das nuvens, foi utilizado o programa *Wordcloud*. A primeira nuvem apresenta as palavras que mais apareceram nos instrumentos de autoavaliação da fala em público. A segunda nuvem é referente às palavras mais frequentes nos instrumentos de avaliação da fala em público.

RESULTADOS

O Quadro 1 retrata a síntese dos 14 estudos de autoavaliação da fala em público. A concentração desses estudos foi maior no

período entre 2016 e 2020 (71,4%), desenvolvidos no Brasil (85,7%), todos de delineamento transversal, 71,4% realizados com estudantes universitários e com instrumentos validados. Em 7 estudos os autores propuseram instrumentos de autoavaliação e destes, 4 não estavam anexados ao estudo. Quanto às categorias de resposta dos aspectos avaliados, a escala Likert foi a mais utilizada (64,28%).

O Quadro 2 apresenta a síntese dos 4 estudos que utilizaram instrumentos exclusivamente de avaliação da fala em público, seguida dos 3 estudos que incluíram avaliação e autoavaliação da fala em público. A concentração dos estudos foi maior no período entre 2016 e 2020 (57,1%), desenvolvidos no Brasil, 57,1% eram estudos transversais, com estudantes universitários, e 71,4% não utilizaram instrumentos validados e não apresentaram anexo do instrumento proposto. Quanto às categorias de resposta dos aspectos avaliados, as perguntas dicotômicas foram as mais utilizadas (57,1%) e as opções de respostas eram distintas.

Os itens avaliados em cada instrumento foram diversificados. A Figura 2 mostra uma nuvem de palavras com a maior ocorrência dos aspectos avaliados nos instrumentos de autoavaliação. Os termos *ansiedade ao falar em público*, *voz*, *articulação*, *pitch*, *loudness*, *velocidade de fala* e *competência comunicativa* foram os que mais apareceram nos instrumentos.

A Figura 3 retrata uma nuvem de palavras com a maior ocorrência dos aspectos avaliados por juízes dos instrumentos de avaliação. *Voz*, *velocidade de fala*, *articulação*, *pausas*, *loudness*, *pitch* e *gestos* foram os termos que mais se repetiram nos instrumentos.

Quadro 1. Síntese dos dados dos estudos de autoavaliação sobre fala em público incluídos na revisão de literatura

Autor (Ano)	País/Ano	Amostra	Delineamento	Instrumento validado	Aspectos avaliados pelo instrumento	Categorias de respostas dos aspectos avaliados
Osório et al. (2012) ⁽⁶⁾ e Osório et al. (2013) ⁽¹⁰⁾	Brasil/ São Paulo	Universitários	Transversal Psicométrico validação	Validado	Ansiiedade ao falar em público (reações cognitivas): pensamentos que o sujeito costuma ter sobre si mesmo, em situação em que tenha que falar em público. Exemplos: "Sou um fracasso"; "Tudo que eu disser vai parecer bobagem".	Likert
Chodkiewicz e Miniszewska (2015) ⁽²¹⁾	Polónia/ Lódz	Universitários	Transversal Validação	Validado	Ansiiedade ao falar em público (reações comportamentais, fisiológicas). Exemplos: "Eu estou nervoso"; "Tenho dúvidas se o público entende o que eu quero dizer"; "Eu sinto meu coração batendo".	Likert
García-Fernández et al. (2015) ⁽²¹⁾	Espanha/ Córdoba	Universitários	Transversal	Validado	1. Ansiiedade ao falar em público (reações comportamentais e fisiológicas). <i>Escala de Ansiiedad ante una Audiencia</i> , <i>Inventario de Reações habituais do sujeito ao falar diante de uma audiência</i> . Exemplos: "Eu gosto de falar em público"; 2. <i>Inventario de Ansiiedad</i> : grau de ansiiedade das pessoas em diferentes situações sociais. Exemplos: "Expressei minha opinião com facilidade"; "Sou aberto e franco sobre meus sentimentos"; 3. <i>Inventario de Situaciones y Respuestas de Ansiiedad</i> : ansiiedade em diferentes situações do cotidiano. Exemplos: "Mudar mãos tremem"; "Sinto náuseas"; "Sinto minha boca seca".	Likert
Ferreira Marinho et al. (2016) ⁽²⁾	Brasil/ Minas Gerais	Universitários	Transversal	1. Não validado e sem anexo do instrumento proposto 2. Validado	1. Medo de falar em público. Influência da voz no modo de falar em público. Interesse por treinamento fonocardiológico. Frequência de participação em atividades de fala em público. Auto percepção vocal: adequada, rouca, aguda, volume baixo, grossa ou nasal. 2. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSP-S). Quatro eixos de avaliação: Comportamento vocal: Qualidade vocal: normal, alterada. Tom de voz: grossa, fina, regular. Volume da voz: forte, fraco, regular. Velocidade de fala: aumentada, reduzida, regular. Modo respiratório: nariz, boca, ambos. Entonação vocal: monótona, expressiva, regular. Recursos comunicativos: Sotaque, Articulação, Gestos, Contato visual, Desfibrilção, Recursos audiovisuais. Objetividade no discurso. Recursos de influência positiva no discurso: Tom de voz. Sotaque, Vocabulário adequado. Objetividade. Respiração. Dicoção. Projeção de voz. Velocidade de fala. Pausas. Postura corporal. Gestos. Contato visual. Desfibrilção. Domínio do assunto. Uso adequado dos recursos audiovisuais. Clareza. Atualização. Uso correto do microfone. Recursos de influência negativa no discurso: Voz monótona. Voz fraca. Vocabulário inadequado. Polidez. Problema de dilação. Nervosismo. Timidez. Fala rápida. Excesso de pausas. Incoerência fala-respiração. Postura corporal inadequada. Gestos inadequados. Ausência de contato visual. Falta de didática. Falta de domínio do assunto. Uso inadequado do tempo no discurso. Utilização inadequada dos recursos audiovisuais. Falta de criatividade. Uso de gírias. Críticas e preconceitos.	Dicotômico, Múltipla escolha, Likert
Pedrotti e Behlau (2017) ⁽¹⁴⁾	Brasil/ Rio Grande do Sul	Executivos e operadores	Transversal	Não validado e com anexo do instrumento proposto		Dicotômico, Múltipla escolha, Analógico-Visual
Sales et al. (2016) ⁽²¹⁾	Brasil/ Sergipe	Promotores de Justiça	Transversal	Não validado e com anexo do instrumento proposto	Tais eixos de avaliação: Percebe piora da comunicação ao longo dos anos de exercício profissional. Auto percepção da comunicação em público: Exemplos: "Você percebe voz alterada?" "Você é motivado para falar?" "Você investe na intenção interpessoal?" Reação do ouvinte na impressão do falante: Exemplos: "Você percebe que persuadi?" "Você é percebido que atraí?"	Dicotômico
Marinho et al. (2019) ⁽¹¹⁾	Brasil/ Minas Gerais	Universitários	Transversal	1. Validado 2. Não validado e sem anexo do instrumento proposto	1. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS): reações cognitivas da ansiiedade ao falar em público. 2. Autoavaliação da comunicação oral: Sintomas somáticos do medo de falar em público: tremores, rubor facial, respiração ofegante e tiquetada. Auto percepção vocal: muito ruim, ruim, boa, muito boa. Capacidade de captar e manter a atenção do ouvinte; Capacidade de influenciar o outro com a sua comunicação. Mesmo instrumento utilizado em Pedrotti e Behlau, 2016.	Likert Dicotômico
Lima et al. (2019) ⁽²²⁾	Brasil/ Santa Catarina	Vendedores	Transversal	Não validado e com anexo do instrumento proposto		Dicotômico Analógico-visual

Quadro 1. Continuação...

Autor (Ano)	País/Ano	Amostra	Delineamento	Instrumento validado	Aspectos avaliados pelo instrumento	Categorias de respostas dos aspectos avaliados
Bault et al. (2019) ²⁴	Brasil/ Minas Gerais	Universitários	Transversal	Validado	1. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS): reações cognitivas de ansiedade ao falar em público. Inventário de Habilidades Sociais (IHSOI-Peiris); repertório de habilidades sociais.	Li/ert
Gallo et al. (2019) ²⁴	Brasil/São Paulo	Universitários	Transversal	Validado	1. Estado de ansiedade. Exemplo: "Fico tenso e preocupado quando penso em meus problemas de momento"; "Sinto-me agitado". 2. Escala de Competência em Comunicação e Interação (ECOCI). Competência comunicativa interpersonal. 3. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS). Cognições ao falar em público.	Li/ert
Tonon et al. (2020) ²⁴	Brasil/Minas Gerais	Professores	Transversal	Não validado e sem anexo do instrumento proposto	Quatro eixos de avaliação: Perfil comportamental comunicativo: pragmático, analítico, expressivo e afetivo. Recursos vocais: qualidade vocal: negativa - muito ruim ou ruim, ou positiva - boa ou muito boa. Tom de voz: fino demais, grosso demais ou adequado. Intensidade da voz: fraca, forte ou adequada. Articulação: ruim, boa. Velocidade de fala: lenta, rápida ou adequada. Ritmo de fala: mesma cadência, variado. Síntomas vocais: rouquidão, cansaço da voz, dificuldade de projetar a voz, voz monótona, esforço para falar, garganta seca e pigarro. Aspectos comunicativos: captação da atenção do aluno, necessidade de repetição do discurso.	Múltipla escolha Dicotômico
Marinho et al. (2020) ²⁴	Brasil/Minas Gerais	Universitários	Transversal	1 e 2. Validados 3. Não validado e sem anexo do instrumento proposto	1. Escala Revisada de Timidez: 13 perguntas. Exemplos: "Eu sou socialmente desajeitado"; "Eu fico nervoso(a) quando estou falando com uma autoridade". 2. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS): reações cognitivas ao falar em público. 3. Questionário de autoavaliação da comunicação oral em público: Frequência de participação em atividades de fala em público: pouca, muita. Autoavaliação do medo de falar em público. Tom de voz: adequado ao sexo e idade, grave, agudo. Velocidade de fala: adequada, rápida, lenta. Intensidade da voz: adequada, forte, fraca. Contato visual. Uso das mãos nas apresentações em público: fica sem saber onde colocar as mãos, usa as mãos com naturalidade durante o discurso.	Li/ert Múltipla escolha
Oliveira et al. (2020) ²⁴	Brasil/Pernambuco	Universitários	Transversal	Validado	Ansiedade ao falar em público (reações fisiológicas, cognitivas e comportamentais). Exemplos: "Minha voz treme quando eu dou um discurso"; "Se eu cometer um erro no discurso,arei incapaz de retomar meu foco".	Li/ert

Quadro 2. Síntese dos dados dos estudos de autoavaliação e avaliação sobre fala em público incluídos na revisão de literatura

Estudos de avaliação da fala em público						Aspectos avaliados pelo instrumento		Categorias de respostas dos aspectos avaliados
Autor (Ano)	País/Estado	Amostra	Delineamento	Autoavaliação	Avaliação por juízes	Instrumento validado	Aspectos avaliados pelo instrumento	Categorias de respostas dos aspectos avaliados
Romano et al. (2011) ²⁵	Brasil/São Paulo	Professores Universitários	Transversal	Não	Sim Fonodólogos e universitários	Não validado e sem anexo do instrumento proposto	Tipo de voz: neutra, alterada. Loudness: tipo, médio, forte ou normal. Pitch: grave, médio, agudo. Articulação: adequada, normal, imprecisa. Velocidade de fala: lenta, média, rápida, normal.	Múltipla escolha
Ferreira et al. (2012) ²⁶	Brasil/São Paulo	Professores Universitários	Transversal	Não	Sim Fonodólogos e universitários	Não validado e com anexo do instrumento proposto	Paradigmática vocal. Pausas: resista, média, frequente. Velocidade de fala: rápida, média, lenta. Articulação: precisa imprecisa. Entonação: resista, média, frequente. Natureza da ênfase: valoração de pitch, aumento do loudness e alongamento das sílabas. Repetição de padrões métricos: resista, médio, frequente. Enroscado: mascarado quanto à direção de pitch, curva descendente para sinalização de não continuidade e sentenças declarativas e curva ascendente para sinalização de continuidade e sentenças interrogativas.	Dicotômico Análise visual

Quadro 2. Continuação....

Estudos de avaliação da fala em público						
Autor (Ano)	País / Estado	Amostra	Desenho	Autoavaliação	Avaliação por juízes	Instrumento validado
Santos e Fariello (2003) ⁽⁴⁾	Brasil/São Paulo	Profissionais da voz	Prospectivo	Não	Sim	Não validado e sem anexo do instrumento proposto
Aspectos avaliados pelo instrumento						
Dois eixos de avaliação: impacto inicial da comunicação: exemplos: "O profissional/fala naturalmente?" Expressividade: Aspectos vocais: qualidade vocal, pitch, loudness: se atendem à situação laboral do profissional. Ressonância: equilíbrio, timbragem, timbre, fôlego, hipernasal, hiponasal. Aspectos verbais: Articulação: precisão, imprecisão, hesitação, hesitação. Pausas: estílo, média, frequência. Duração das pausas: breves, média, prolongada. Velocidade de fala: aumentada, média, diminuída. Recursos de ênfase: naturais, excessivos, poucos, destacados. Natureza dos recursos de ênfase: elevação de loudness, modulação ascendente/descendente, alongamento das sílabas. Tarcos da oralidade. Uso de jargões. Planejamento e organização da fala. Aspectos não verbais: Exemplos: "Os movimentos de olhos, lábios e sobrancelhas estão presentes?" "Mantém contato visual natural durante a diferentes situações de fala?"						
Marquesini et al. (2015) ⁽⁶⁾	Brasil/São Paulo	Executivos	Transversal	Não	Sim Fonaudiólogos	Não validado e sem anexo do instrumento proposto
Dois eixos de avaliação: 1. Avaliação perceptivo-auditiva da expressividade da fala de executivos: Estilos corporativos: seguro, empático, objetivo e convincente. Qualidade vocal: normal ou alterada. Ressonância: equilibrada, desequilibrada. Articulação: precisa, imprecisa. Pitch e loudness: variação, taxa de elocução e suporte respiratório. Pausas: estrutura, silêncios, preenchidas, sinalizadas; função: pausas respiratórias, discursivas, expressivas; tempo: regulares, irregulares; comprimento das pausas: longas, curtas. 2. Análise acústica: frequência fundamental (F0); A0 mínimo, A0 máximo e extensão de 10 em Hertz.						
Diatômico Multíplica escolha						
Estudos com as duas propostas avaliativas: autoavaliação e avaliação da fala em público						
Nakata et al. (2016) ⁽⁴⁾	Brasil/ Minas Gerais	Universitários	Longitudinal	Sim	Sim Fonaudiólogos	Não validado e sem anexo do instrumento proposto
1. Avaliação perceptiva dos recursos verbais e avaliação dos recursos gestuais por fonaudiólogos: Recursos verbais: Expressividade geral. Curva melódica. Ênfases. Pausas. Pitch. Loudness. Velocidade de fala. Ressonância. Articulação. Recursos gestuais: Postura corporal. Gestos. Movimentos de cabeça e expressão facial. 2. Autoavaliação da expressividade.						
Celeste et al. (2018) ⁽³¹⁾	Brasil/ Distrito Federal	Universitários	Longitudinal	Sim	Sim Fonaudiólogos e não universitários	Não validado e sem anexo do instrumento proposto
Avaliação e autoavaliação da expressividade geral dos seguintes aspectos: Expressão corporal: postura, andar, diversidade gestual, relação gestos/discursos, amplitude gestual. Expressão facial: contato visual, relação olho/distinções, expressividade. Fala: Voz: articulação, velocidade de fala, pausas, melodia, intensidade de voz, ênfases. Vestuário.						
Angélico et al. (2018) ⁽⁴⁾	Brasil, Minas Gerais	Universitários	Transversal	Sim	Sim Psicólogos	1 e 2 Validados 3. Não validado e sem anexo do instrumento proposto
1. Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SAF-P) reações cognitivas da ansiedade ao falar em público. 2. Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Or-Pêlo). Repertório de habilidades sociais. Exemplos: "Em uma aula de aula ou reunião, se o professor ou dirigente faz uma afirmação incorreta, eu expreso meu ponto de vista". "Em um grupo de pessoas conhecidas, se não concordo com a maioria, expreso verbalmente minha discordância". 3. Questionário de avaliação da ansiedade ao falar em público. Três eixos de avaliação: Marcadores comportamentais de ansiedade ao falar em público: Marcadores verbais: uso de jargões e outros eufros negativos: sim, não. Marcadores paralinguísticos: pausas silênciosas, velocidade de fala, apropriação, inapropriação. Marcadores não verbais: inquietação e barreiras corporais.						
Análógica visual						
Líder						
Diatômico						



Figura 2. Nuvem de palavras gerada com base nos aspectos avaliativos dos instrumentos de autoavaliação da fala em público



Figura 3. Nuvem de palavras gerada com base nos aspectos avaliativos dos instrumentos de avaliação da fala em público

DISCUSSÃO

Os artigos que compuseram esta revisão foram predominantemente realizados no Brasil, apresentavam delineamento transversal, foram realizados com universitários e usaram instrumentos de autoavaliação da fala em público. A amostra de universitários pode ser justificada pelo fato de que, no ensino superior, os discentes participam de inúmeras atividades científicas, desafiadoras e que exigem, constantemente, atividades de fala em público^(3,5,24,36,31,32). A autopercepção é uma análise subjetiva que traz benefícios positivos para o indivíduo^(23,30,31), auxilia o sujeito a mensurar ou se questionar sobre determinado aspecto, que pode influenciar na prontidão para mudança em relação ao seu problema^(23,24,31,33). Acredita-se que a percepção do sujeito sobre a sua comunicação favorece o autoconhecimento e auxilia na construção de estratégias de enfrentamento para falar em público.

Nos instrumentos de autoavaliação, os aspectos avaliados são mais voltados para a ansiedade ao falar em público^(5,9,15,19-21,24), o que pode ser justificado por motivo de a área de concentração desses estudos incluir mais instrumentos construídos sob o referencial da Psicologia^(5,9,15,19-21,24), que investigam reações cognitivas, somáticas e comportamentais ao falar em público. As reações somáticas se referem a alterações fisiológicas desencadeadas sob efeito de estresse, como tremores corporais e vocais, sudorese nas palmas das mãos, rubor, aceleração dos

batimentos cardíacos e sensação de boca seca^(34,35). As reações cognitivas são os pensamentos, positivos ou negativos, que o orador tem antes ou durante a situação da fala em público^(8,19). As reações comportamentais estão relacionadas à maneira como a pessoa age diante a situação de fala em público^(35,36), ou seja, o que faz para resolver a situação.

Por outro lado, observou-se que os estudos com instrumentos de avaliação da fala em público investigaram mais especificadamente aspectos da voz, fala e prosódia^(14,27-31), sendo produzidos sob o referencial da Fonoaudiologia. Acredita-se que isso tenha ocorrido em razão de a Fonoaudiologia, em meados da década de 1990, ter ampliado o seu olhar para além da prevenção e reabilitação dos distúrbios da comunicação, com inserção dos seus profissionais atuando, também, no aprimoramento da comunicação oral^(7,14).

A intervenção fonoaudiológica auxilia no aperfeiçoamento da fala em público, fornece estratégias para que o indivíduo possa construir um discurso expressivo, desenvolver uma boa performance comunicativa e criar estratégias de enfrentamento ao medo de falar em público^(2,3,9). Ressalta-se, assim, o modo como a interdisciplinaridade auxilia a compreender o fenômeno da fala em público em sua totalidade, e o quanto diferentes olhares se somam no entendimento da temática, que, sob óticas diferentes, se complementam.

Observou-se, ainda, que nos instrumentos de avaliação por juízes, os aspectos avaliados de ênfase, pausas e gestos, além da qualidade vocal, foram os mais frequentes. Os elementos prosódicos, como a ênfase e pausa, facilitam a compreensão da fala e são recursos utilizados para expressar atitudes, selecionar informações e transmitir a mensagem oral⁽³¹⁾. Com a ausência da ênfase, a fala torna-se monótona, podendo desinteressar o ouvinte^(31,37). As pausas fornecem um tempo ao orador para refletir sobre o assunto e lhe conferem controle sobre o que diz⁽³⁷⁾. Os gestos são elementos importantes no processo comunicativo⁽²⁶⁾, que complementam a mensagem verbal^(32,38,39) e transmitem informações comportamentais do falante^(26,31,39). Muitas vezes, pessoas que apresentam dificuldades para falar em público não sabem como usar os gestos com naturalidade na sua comunicação, utilizando, assim, gestos adaptadores e descontextualizados, que transmitem nervosismo e insegurança^(26,39).

Os aspectos avaliativos dos instrumentos de avaliação e autoavaliação foram distintos entre si, mas com itens semelhantes nas duas propostas avaliativas, como a voz, *pitch*, *loudness*, velocidade de fala e articulação. Acredita-se que houve uma preocupação em investigar a voz por seu aspecto funcional, como instrumento de trabalho e como recurso não verbal poderoso, que fornece sentido e confere emoções⁽²³⁾ positivas ou negativas à fala, como a agradabilidade, clareza, credibilidade ou insegurança^(23,30,31,37).

Outro aspecto bastante avaliado foi a competência comunicativa. Essa competência é contemplada com habilidades, como captar e manter a atenção do ouvinte, influenciar o outro com a sua comunicação^(11,13,15,24), persuasão e dar e receber *feedbacks*⁽⁴⁰⁾. Esses elementos reforçam a importância da autoavaliação no processo comunicativo, permitindo que o orador se conheça melhor e busque auxílio para aprimorar suas habilidades interpessoais.

Ao observar os instrumentos utilizados, independentemente do tipo de proposta avaliativa, constatou-se que a maior parte instrumentos não era válida. A validação é um processo importante para se desenvolver um instrumento com legitimidade⁽⁴¹⁻⁴³⁾ e

permite realizar a fiel mensuração do fenômeno que se pretende avaliar⁽³⁹⁾.

Nos estudos desta revisão, observou-se, ainda, que não houve um alinhamento conceitual dos aspectos avaliativos, dificultando a generalização dos resultados. Outro aspecto verificado foi o de que nenhum estudo contemplou a multidimensionalidade da fala em público, em que a linguagem, os recursos vocais e corporais e as estratégias de enfrentamento fazem parte do construto. Além da inclusão dos pontos referidos acima, observou-se a necessidade de elaborar instrumentos validados que aprofundem a temática.

As limitações deste estudo estão relacionadas com a delimitação dos idiomas português, inglês e espanhol, o que pode ter excluído estudos em outros idiomas. Outra limitação foi a dificuldade em identificar quais eram os itens de avaliação dos instrumentos não validados, uma vez que os autores não os descreveram detalhadamente.

Esta revisão apresenta importantes considerações que poderão auxiliar a avaliação nas assessorias fonoaudiológicas para a fala em público. Acredita-se que a descrição exposta fundamentará novos modelos teóricos sobre o construto “fala em público”. Tal sistematização guiará a elaboração de um protocolo multidimensional de avaliação da fala em público, que favorecerá a comparação de resultados em estudos futuros e oferecerá parâmetros para avaliação de intervenções visando à comunicação em público.

CONCLUSÃO

Os estudos desta revisão, em sua maioria, são de delineamento transversal, realizados com amostra de universitários, utilizando instrumentos de investigação baseados na autoavaliação do falante, sem especificação quanto à validação. Não há padronização conceitual dos aspectos avaliativos e categorias de respostas dos instrumentos de investigação. Nos instrumentos de autoavaliação, os aspectos mais avaliados são ansiedade ao falar em público, voz, velocidade de fala, competência comunicativa, *pitch*, articulação e *loudness*. Nos instrumentos de avaliação, os aspectos avaliativos mais abordados são voz, velocidade de fala, articulação, pausas, *loudness*, *pitch* e gestos.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo auxílio à pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Lucas SE. The art of public speaking. 12nd ed. New York: McGraw-Hill Education; 2015. 447 p.
- Borrego MCM, Behlau M. Mapeamento do eixo condutor da prática fonoaudiológica em expressividade verbal no trabalho de competência comunicativa. *CoDAS*. 2018;30(6):e20180054. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20182018054>. PMID:30517272.
- Ferreira Marinho AC, Mesquita de Medeiros A, Côrtes Gama AC, Caldas Teixeira L. Fear of public speaking: perception of college students and correlates. *J Voice*. 2017;31(1):127.e7-11. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.12.012>. PMID:26898522.
- Pedrotti CA, Behlau M. Recursos comunicativos de executivos e profissionais em função operacional. *CoDAS*. 2017;29(3):e20150217. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172015217>. PMID:28538820.
- Grilo APS, Oliveira AAP, Puggina ACG. Public speaking: relationship with competency in communication, anxiety and student oratory experiences. *Rev Eferm Cent Oeste Min*. 2019;9:e3534.
- Penteado RZ, Pechula MR. Expressividade em jornalismo: interfaces entre Comunicação, Fonoaudiologia e Educação. *Intercom-RBCC*. 2018;41(1):153-66. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201818>.
- Santos TD, Andrada e Silva MA. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. *CEFAC*. 2016;18(6):1447-55. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161865116>.
- Osório FL, Crippa JA, Loureiro SR. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. *Rev Psiq Clin*. 2012;39(2):48-53. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000200002>.
- Hancock AB, Stone MD, Brundage SB, Zeigler MT. Public speaking attitudes: does curriculum make a difference? *J Voice*. 2010;24(3):302-7. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvoice.2008.09.007>. PMID:19481418.
- Cuddy AJ, Wilmuth CA, Yap AJ, Carney DR. Preparatory power posing affects nonverbal presence and job interview performance. *J Appl Psychol*. 2015;100(4):1286-95. <http://dx.doi.org/10.1037/a0038543>. PMID:25664473.
- Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Pantuza JJ, Teixeira LC. Prevalência e fatores associados ao medo de falar público. *CoDAS*. 2019;31(6):e20180266. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192018266>. PMID:31644711.
- Maldonado I, Reich M. Estrategias de afrontamiento y miedo a hablar en público en estudiantes universitarios a nivel de grado. *Cienc Psicol (Montev)*. 2013;7(2):165-8. <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v7i1.1058>.
- Angélico AP, Bauth MF, Andrade AK. Estudo experimental do falar em público com e sem plateia em universitários. *Psico-USF*. 2018;23(2):347-59. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230213>.
- Santos TD, Ferreira LP. Expressividade do profissional da voz: processo de construção de um roteiro fonoaudiológico de observação. *CoDAS*. 2020;32(2):e20190121. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192019121>.
- Oliveira BL, Sales HF, Lima KD, Santos NA, Galdino MK. Adaptação da Escala de Ansiedade de Falar em Público (PSAS) para o Brasil. *Contextos Clin*. 2020;13(1). <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2020.131.02>.
- Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (Sao Paulo)*. 2010 Mar;8(1):102-6. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>. PMID:26761761.
- Mendes KD, Silveira RC, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2008;17(4):758-64. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- Silva PV, Jorge TA. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. *Investigação Qualitativa em Saúde*. 2019;2:41-8.
- Osório FL, Crippa JA, Loureiro SR. Validation of the State Version of the Self-statement during Public Speaking Scale. *Rev Bras Psiquiatr*. 2013;35(1):63-6. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbp.2012.02.009>. PMID:23567602.

20. Chodkiewicz J, Miniszewska J, Strzelczyk D, Gąsior K. Polish adaptation of the Psychache Scale by Ronald Holden and co-workers. *Psychiatr Pol*. 2017;51(2):369-81. <http://dx.doi.org/10.12740/PP/OnlineFirst/59448>. PMID:28581544.
21. García-Fernández CM, Raya-Trenas A, Herruzo J. Temor a hablar en público en una muestra de estudiantes universitarios españoles. *Ansiedad y estrés*. 2015;21(2-3):157-67.
22. Sales NJ, Castaneda DF, Barreto ID, Paoliello M, Campanha SM. Autoavaliação da comunicação em promotores de justiça em um estado do nordeste, Brasil. *CoDAS*. 2016;28(6):678-86. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20162015238>. PMID:27849215.
23. Lira AAM, Borrego MC, Behlau M. Autoavaliação dos recursos comunicativos por representantes comerciais e sua relação com o desempenho em vendas. *CoDAS*. 2019;31(6):e20190067. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192019067>. PMID:31721891.
24. Bauth MF, Angélico AP, Oliveira DCR. Association between social skills, sociodemographic factors and self-statements during public speaking by university students. *Trends Psychol*. 2019;27(3):677-92.
25. Tonon IG, Gomes NR, Teixeira LC, Medeiros AM. Perfil de comportamento pessoal autorreferido por professores universitários: associação com a autoavaliação comunicativa e vocal. *CoDAS*. 2020;32(2):e20180141. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192018141>. PMID:32049096.
26. Marinho ACF, Medeiros AM, Pantuza JJ, Teixeira LC. Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público. *CoDAS*. 2020;32(5):e20190097. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20202019097>. PMID:33053085.
27. Romano CC, Alves LA, Secco IA, Riez LN, Robazzi ML. The expressiveness of a university professor in his classroom performance: analysis of verbal resources and implications for nursing. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2011;19(5):1188-96. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000500017>. PMID:22030584.
28. Ferreira LP, Arruda AF, Marquezin DMSS. Expressividade oral de professoras: análise de recursos vocais. *Distúrb Comun*. 2012;24(2):223-37.
29. Marquezin DM, Viola I, Ghirardi AC, Madureira S, Ferreira LP. Executives' speech expressiveness: analysis of perceptive and acoustic aspects of vocal dynamics. *CoDAS*. 2015;27(2):160-9. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20152014188>. PMID:26107082.
30. Neiva TM, Gama AC, Teixeira LC. Expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. *Rev CEFAC*. 2016;18(2):498-507. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161829415>.
31. Celeste LC, Lima AM, Seixas JMA, Silva MA, Silva EM. Treinamento da performance comunicativa em universitários da área da saúde. *Audiol Commun Res*. 2018;23:e1879. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6431-2017-1879>.
32. Azevedo RAS, Fernandes ACN, Ferreira LP. Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários. *Distúrb Comun*. 2013;25(3):458-76.
33. Lopes LW, Vilela EG. Autoavaliação e prontidão para mudança em pacientes disfônicos. *CoDAS*. 2016;28(3):295-301. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20162015111>. PMID:27383225.
34. Barbosa RA, Friedman S. Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público. *Distúrb Comun*. 2007;19(3):325-36.
35. Burato KR, Crippa JA, Loureiro SR. Transtorno de ansiedade social e comportamentos de evitação e de segurança: uma revisão sistemática. *Estud Psicol*. 2009;14(2):167-74. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2009000200010>.
36. D'El Rey GJ, Pacini CA. Medo de falar em público em uma amostra da população: prevalência, impacto no funcionamento pessoal e tratamento. *Psic Teor e Pesq*. 2005;21(2):237-42. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000200014>.
37. Oliveira MH, Gargantini MB. Comunicação e gagueira. *Estud Psicol*. 2003;20(1):51-60. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103166X2003000100005>.
38. Bellucci JA Jr, Matsuda LM. Construção e validação de instrumento para avaliação do Acolhimento com Classificação de Risco. *Rev Bras Enferm*. 2012;65(5):751-7. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000500006>. PMID:23338578.
39. Vasconcellos L, Otta E. Comparação do comportamento gestual entre maus e bons oradores durante a comunicação em público. *Psicol Rev*. 2003;9:153-1.
40. Puggina AC, Silva MJP. Validação e adaptação cultural para o português da *Interpersonal Communication Competence Scale*. *Acta Paul Enferm*. 2014;27(2):108-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400020>.
41. Alexandre NMC, Coluci MZO. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Cien Saude Colet*. 2011;16(7):3061-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>. PMID:21808894.
42. Pernambuco L, Espelt A, Magalhães HV Jr, Lima KC. Recommendations for elaboration, transcultural adaptation and validation process of tests in Speech, Hearing and Language Pathology. *CoDAS*. 2017;29(3):e20160217. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172016217>. PMID:28614460.
43. Pasquali L. Psicometria. *Rev Esc Enferm USP*. 2009;43(spe):992-9.

5.2 Artigo 2: Evidências de validade baseadas no conteúdo do teste e processos de resposta



Artigo Original

Anna Carolina Ferreira Marinho¹
 Adriane Mesquita de Medeiros²
 Eduardo de Paula Lima³
 Letícia Caldas Teixeira²

Descritores

Fala
 Estudo de Validação
 Adaptação Psicológica
 Inquéritos e Questionários
 Autoteste

Keywords

Speech
 Validation Study
 Adaptation Psychological
 Surveys and Questionnaires
 Self-Testing

Endereço para correspondência:

Anna Carolina Ferreira Marinho
 Departamento de Fonoaudiologia,
 Universidade Federal de Minas
 Gerais – UFMG
 Av. Professor Alfredo Balena, 190, sala
 251, Santa Efigênia, Belo Horizonte
 (MG), Brasil, CEP: 30130-100.
 E-mail: anna.marinho9@gmail.com

Escala de Coping para Fala em Público (ECOFAP): evidências de validade de conteúdo e processos de resposta

Speaking in Public Coping Scale (ECOFAP): content and response process validity evidence

RESUMO

Objetivo: Apresentar as evidências de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta da Escala de Coping para a Fala em Público (ECOFAP). **Método:** Estudo metodológico de elaboração e validação de instrumento. Seguiu-se o modelo de elaboração de instrumentos com procedimentos teóricos, empíricos e analíticos, baseados nos critérios de validade do Standards for Educational and Psychological Testing (SEPT). O processo de obtenção das evidências de validade baseadas no conteúdo foi realizado em duas etapas: 1) definição conceitual do construto, elaborado com base nos preceitos teóricos da fala em público e da Teoria Motivacional do Coping (TMC); 2) elaboração dos itens e chave de respostas, estruturação do instrumento, avaliação por comitê de dez especialistas, reestruturação dos itens da escala, realizada em três momentos, até a elaboração da versão piloto da ECOFAP. O processo de resposta foi realizado com amostra de conveniência de 30 indivíduos, com e sem dificuldades de fala em público, no campus de uma universidade brasileira, pertencentes a diferentes extratos sociais e profissões. Nesse processo, foram analisadas qualitativamente as reações verbais e não verbais dos respondentes. **Resultados:** A primeira versão da ECOFAP, composta por 46 itens, foi avaliada pelos juízes e posteriormente reformulada, resultando em uma segunda versão com 60 itens. Essa segunda versão foi novamente submetida à análise de especialistas e calculado o índice de validade de conteúdo por item. Foram excluídos 18 itens, originando uma terceira versão de 42 itens. As evidências de validade com base nos processos de resposta da versão de 42 itens foram aplicadas em uma amostra de 30 indivíduos, resultando na reescrita de um item e inclusão de mais seis itens, originando a versão piloto da ECOFAP de 48 itens. **Conclusão:** A versão piloto da ECOFAP apresenta itens bem estruturados semanticamente e sintaticamente que representam estratégias de enfrentamento para a fala em público.

ABSTRACT

Purpose: To present the content and response process validity evidence of the Speaking in Public Coping Scale (ECOFAP). **Methods:** A methodological study to develop and validate the instrument. It followed the instrument development method with theoretical, empirical, and analytical procedures, based on the validity criteria of the Standards for Educational and Psychological Testing (SEPT). The process of obtaining content validity evidence had two stages: 1) conceptual definition of the construct, based on theoretical precepts of speaking in public and the Motivational Theory of Coping (MTC); 2) developing items and response keys, structuring the instrument, assessment by a committee with 10 specialists, restructuring scale items, and developing the ECOFAP pilot version. Item representativity was analyzed through the item content validity index. The response process was conducted in a single stage with a convenience sample of 30 people with and without difficulties speaking in public, from the campus of a Brazilian university, belonging to various social and professional strata. In this process, the respondents' verbal and nonverbal reactions were qualitatively analyzed. **Results:** The initial version of ECOFAP, consisting of 46 items, was evaluated by judges and later reformulated, resulting in a second version with 60 items. This second version was again submitted for expert analysis, and the content validity index per item was calculated. 18 items were excluded, resulting in a third version of 42 items. The validity evidence based on the response processes of the 42-item version was applied to a sample of 30 individuals, resulting in the rewriting of one item and the inclusion of six more items, resulting in the pilot version of ECOFAP with 48 items. **Conclusion:** ECOFAP pilot version has items with well-structured semantics and syntactic, representing strategies to cope with speaking in public.

Trabalho realizado no Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas (Doutorado), Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Belo Horizonte (MG), Brasil.

¹ Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Belo Horizonte (MG), Brasil.

² Departamento de Fonoaudiologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Belo Horizonte (MG), Brasil.

³ Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais – Belo Horizonte (MG), Brasil.

Fonte de financiamento: FAPEMIG (5.24/223.137/6).

Conflito de interesse: nada a declarar

INTRODUÇÃO

Falar em público é uma forma de comunicação oral, na qual o falante fica face a face com uma audiência com a intenção de compartilhar ideias, informar, entreter ou persuadir um grupo de pessoas⁽¹⁾. Falar bem em público envolve ter o que dizer e a habilidade comunicativa de saber o como dizer⁽²⁻⁴⁾. Muitos oradores, diante de situações de fala em público, se sentem desconfortáveis ou ficam estressados⁽⁵⁾ reforçando o quanto essa atividade é um dos temores mais prevalentes entre a população mundial⁽⁶⁻⁸⁾. Em contrapartida, sabe-se que a maneira como a pessoa lida com as adversidades reduz ou aumenta a vulnerabilidade ao estresse, interferindo na saúde e no bem-estar^(9,10).

O conjunto de estratégias que o indivíduo utiliza como resposta para se adaptar e enfrentar situações estressoras é denominado *coping*⁽¹¹⁾. Entre os modelos teóricos de *coping*, destaca-se tradicionalmente o modelo de Lazarus e Folkman⁽¹¹⁾, utilizado como referencial teórico por muitos estudos^(12,13). Esse modelo compreende duas categorias: *coping* focado no problema (estratégias que visam atuar na situação que originou o evento estressor) e *coping* focado na emoção (estratégias regulatórias para modificar a resposta emocional do indivíduo em relação à situação estressora) e que podem ser utilizadas isolada ou simultaneamente, para enfrentamento da situação estressora⁽¹⁰⁾.

A partir do trabalho de Lazarus e Folkman⁽¹¹⁾ surgiram outros modelos de *Coping*, entre eles, destaca-se a Teoria Motivacional do *Coping* (TMC)^(10,14-16). Na TMC as respostas de *coping* são compreendidas como ações autorregulatórias, desenvolvidas a partir de padrões de comportamentos, associadas às características temperamentais, qualidade dos vínculos, e ao contexto em que o sujeito está inserido^(9,10,14-16).

A TMC organiza o *coping* em um modelo estrutural hierárquico de três níveis: 1) nível inferior (respostas de *coping*); 2) nível intermediário (estratégias de *coping*) e 3) nível superior (inclui 12 categorias/famílias de *coping*: “resolução de problemas”, “busca de informações”, “desamparo”, “fuga”, “autoconfiança”, “busca de apoio”, “delegação”, “isolamento”, “acomodação”, “negociação”, “submissão”, “oposição”). Cada uma dessas categorias/famílias de enfrentamento se relaciona a um tipo de avaliação cognitiva do evento estressor, uma necessidade básica e um processo adaptativo^(9,10).

A avaliação cognitiva do evento estressor pode ser classificada como um desafio, quando o indivíduo acredita que é possível lidar com o evento estressor ou como uma ameaça quando ele percebe a situação como um prejuízo psicológico^(10,11).

As necessidades básicas do modelo da TMC podem ser relacionadas a competência, vínculo e autonomia. A competência refere-se ao desejo humano de conquistar objetivos e ser efetivo nas interações sociais. A necessidade de estabelecer vínculos refere-se ao processo de manter relacionamentos interpessoais próximos e criar laços confiáveis para se sentir valorizado e a autonomia refere-se a liberdade para realizar escolhas nas interações com o ambiente^(9,10,14-16).

No modelo, são considerados três processos adaptativos definidos como interpretações individuais sobre a situação potencialmente estressora. O processo adaptativo autorreferencial, coordenação das ações e das contingências no ambiente está relacionado à necessidade

psicológica de ter competência. O processo adaptativo coordenação da confiança e dos recursos sociais disponíveis está relacionado à necessidade de vínculo. O processo adaptativo coordenação das preferências e opções disponíveis para fazer escolhas relaciona-se à necessidade psicológica humana básica de autonomia⁽⁹⁻¹¹⁾.

Em situações de fala em público, as estratégias de enfrentamento podem auxiliar o indivíduo a lidar melhor com a situação estressora^(1,17,18). Alguns exemplos dessas estratégias são, estudar o conteúdo do que será apresentado, treinar a fala em público para outras pessoas, buscar apoio com colegas ou investir em assessorias comunicativas^(9-11,17-18). Embora essas e outras estratégias sejam preconizadas pela literatura, não se encontrou instrumentos que autoavaliassem as estratégias de enfrentamento para fala em público⁽²⁰⁾. Os instrumentos de autopercepção existentes são poucos, entre eles a *Self-Statements During Public Speaking – SSPS*⁽⁵⁾ que avalia a dimensão cognitiva da fala em público, a *Public Speaking Anxiety Scale – PSAS*⁽¹⁹⁾ que mensura os componentes comportamentais, cognitivos e fisiológicos da ansiedade ao falar em público e a *Personal Report of Public Speaking Apprehension-PRPSA*⁽²⁰⁾ que avalia o nível de desconforto ou nervosismo que os indivíduos experimentam ao enfrentar situações de fala diante de uma audiência, incluindo o medo de ser julgado.

Desta forma, propusemos uma escala de *coping*, voltada para avaliação da fala em público: Escala *Coping* para Fala em Público (ECOFAP). A escala foi elaborada segundo o referencial teórico da Fala em Público e o referencial teórico da TMC^(9,10,14-16). Esse modelo teórico foi escolhido devido à abrangência da TMC para os mecanismos de autorregulação, uma vez que esse construto é influenciado por processos genéticos, fisiológicos e sociais específicos dos ciclos vitais.

O desenvolvimento da ECOFAP seguiu os passos metodológicos necessários à sua validade e robustez científica. Todas as etapas de validação e confiabilidade do instrumento foram seguidas, de acordo com o *Standards for Educational and Psychological Testing (SEPT)*, manual que orienta a elaboração e validação de testes, e que preconiza a apresentação de cinco evidências de validade: conteúdo do teste; processos de resposta; estrutura interna; relação com outras variáveis e evidências baseadas nas consequências dos testes⁽²¹⁾.

Neste artigo, mostraremos as evidências de validade do conteúdo e processo de resposta^(22,23). A validade baseada no conteúdo está relacionada ao formato das questões/itens, incluindo estrutura sintática e semântica⁽²³⁻²⁶⁾ e os procedimentos necessários para pontuá-los^(25,26). O processo de resposta consiste na aplicação da versão do instrumento, reformulada, após consenso entre juízes especialistas, em diferentes estratos da população-alvo, para verificar o desempenho dos respondentes.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi apresentar as evidências de validade do instrumento ECOFAP, baseadas no conteúdo e nos processos de resposta.

MÉTODO

Estudo metodológico de elaboração e validação de instrumento. Seguiu-se o modelo de elaboração de instrumentos proposto por Luiz Pasquali^(24,25) que contempla procedimentos teóricos, empíricos e analíticos, atendendo aos critérios de validade orientados pelo *Standards for Educational and Psychological*

Testing (SEPT)⁽²¹⁾. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer número 5.735.670/2022.

O construto teórico da ECOFAP foi elaborado com base nos preceitos teóricos da fala em público e da TMC^(9,10,14-16). O processo de obtenção das evidências de validade baseadas no conteúdo foi realizado em duas etapas: 1) metodologia para a elaboração dos itens e 2) metodologia de avaliação de juízes especialistas. O processo de obtenção de evidências de validade baseadas nos processos de resposta foi realizado em uma única etapa intitulada: 1) Etapa de validação da resposta com indivíduos com e sem dificuldades de fala em público.

Evidências de validade baseada no conteúdo

1) Primeira etapa: metodologia para a elaboração dos itens

• Fontes para elaboração dos itens.

- Revisão integrativa da literatura sobre os instrumentos de avaliação da fala em público por Marinho et al.⁽²⁰⁾.
- Consolidado sobre o construto da fala em público, alicerçado na experiência clínica dos autores, profissionais com mais de 10 anos de experiência.
- Alinhamento do item de acordo com as bases conceituais do modelo estrutural da TMC^(9,10,14-16).
- Entrevistas com pessoas que apresentam dificuldades para falar em público em atendimento fonoaudiológico para aperfeiçoamento comunicativo em uma clínica-escola de uma universidade pública brasileira.
- Definição sintática e semântica dos itens, segundo os 10 critérios de Pasquali⁽²⁵⁾.
 - Critério comportamental: o item deve expressar um comportamento.
 - Objetividade: facilidade na identificação da resposta.
 - Simplicidade: o item deve expressar ideia única
 - Clareza: ser compreensível por todos os estratos da população alvo. Evitar frases longas
 - Relevância: a frase/ expressão deve ser capaz de avaliar o construto em questão.
 - Precisão: cada item deve ser distinto dos demais.
 - Variedade: variar a linguagem utilizada, o uso dos mesmos termos confunde as frases e dificulta diferenciá-las, formular os itens, como metade na afirmativa e metade na negativa.
 - Modalidade: não utilizar expressões extremas como “pés-simo” e “excelente”
 - Tipicidade: frases com expressões típicas do atributo;
 - Credibilidade: item não deve parecer incoerente, sem propósito ou inapropriado à faixa etária para a qual se destina.

A quantidade de itens do construto seguiu a orientação proposta por Pasquali⁽²⁵⁾, que preconiza que um instrumento deve ter no mínimo vinte itens. Os verbos iniciais dos itens da ECOFAP foram formulados para representar uma ação/esforço. Cada uma das doze famílias de *coping* deveria ter pelo menos dois itens.

2) Segunda etapa: metodologia de avaliação dos juízes especialistas

A primeira versão da ECOFAP, elaborada com 46 itens, foi analisada por um comitê de juízas especialistas, composto por dez profissionais, cinco fonoaudiólogas e cinco psicólogas, seguindo as premissas do Método Delphi, que tem por objetivo reunir e sistematizar, por consenso, opiniões de especialistas sobre determinado tema⁽²⁶⁻²⁸⁾.

As juízas eram naturais de vários estados brasileiros. As juízas, fonoaudiólogas eram especialistas em voz, doutoras, com experiência clínica na área da voz profissional há mais de cinco anos. As cinco juízas psicólogas, eram doutoras e pesquisadoras experientes no construto *coping*.

O recrutamento dos juízes aconteceu, no período de dezembro de 2021 a junho de 2022, com o envio de uma carta convite, enviada por *email*, na qual estavam anexados o link do formulário Google Forms, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE, constando os objetivos do estudo e as orientações para análise do material com as instruções para o julgamento de cada item proposto pelos pesquisadores.

Passos para avaliação das juízas

- Avaliar a pertinência teórica do item, ou seja, se o conteúdo do item representava o construto que ele pretendia medir. O avaliador deveria marcar sua resposta em uma escala *Likert*, com pontuação de 3 para adequado, 2 para indeciso e 1 para inadequado.
- Avaliar a pertinência textual do item, ou seja, se o item apresentava adequação semântica, vocabulário e expressava a ideia que se queria avaliar. O avaliador deveria marcar sua resposta em uma escala *Likert*, com pontuação de 3 para adequado, 2 para indeciso e 1 para inadequado.
- Justificar a avaliação e propor modificações para cada item julgado como inadequado.
- Classificar o item em uma das 12 famílias de *coping* da TMC: “resolução de problemas”, “busca de informações”, “desamparo”, “fuga”, “autoconfiança”, “busca de apoio”, “delegação”, “isolamento”, “acomodação”, “negociação”, “submissão”, “oposição”. Ressalta-se que os itens foram aleatorizados para evitar vies de seleção.
- Indicar se o item poderia representar mais de uma família de *coping*, em caso positivo a juíza deveria informar qual família poderia representar.
- Após todas as sugestões e comentários dos avaliadores, os pesquisadores realizaram as modificações necessárias e organizaram a segunda versão da ECOFAP, que novamente passou pela avaliação das juízas, seguindo os mesmos passos avaliativos. A segunda versão foi enviada com 60 itens.

Após a segunda avaliação do comitê de especialistas, a ECOFAP foi readequada de acordo com os comentários e analisada quantitativamente. Os itens da escala foram alocados em um banco de dados e foi calculado o Índice de Validade de Conteúdo por item (IVC-I) pelo número de juízas concordantes com o item dividido pelo número total de avaliadores. Foram aceitos apenas itens com IVC-I com valores > de 0,78, seguindo os preceitos teóricos de Polit et al.⁽²⁹⁾ Essa análise foi realizada no programa estatístico SPSS versão 25.0. Pela análise realizada 18 itens foram excluídos originando uma terceira versão de 42 itens.

**Evidências de validade baseadas nos processos de res-
posta**

Nesse processo de evidência verifica-se se há falhas na formulação e dificuldades de compreensão dos itens, e avalia-se se as questões do instrumento estão adequadas em vários estratos da população. Esse processo foi construído em uma única etapa:

- 1) Etapa de validação da resposta com indivíduos com e sem dificuldades de fala em público

A terceira versão da ECOFAP, com 42 itens, foi avaliada por uma amostra de conveniência, representada na Tabela 1. A amostra foi composta por 30 pessoas, entre 18 e 40 anos, frequentadores de uma universidade brasileira. A maioria dos participantes era do sexo feminino (66,6%), com ensino superior incompleto (53,2%), autorrelatou ter dificuldades para falar em público (73,3%). Em relação a profissão a maior parte era formada por universitários (43,3%), seguida de secretários e

técnicos administrativos (24,7%), professores universitários (21,5%) e porteiros (10,7%).

A coleta aconteceu no mês de julho do ano de 2022. Foram incluídos na amostra indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos e alfabetizados. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE, constando os objetivos do estudo e as orientações para o julgamento de cada item proposto pelos pesquisadores. Para controlar possíveis vieses, todas as entrevistas foram realizadas por dois voluntários fonoaudiólogos. Antes de aplicar o instrumento, os pesquisadores forneceram um treinamento para os fonoaudiólogos voluntários, explicando o objetivo dessa etapa de validação, e orientando quanto a detecção de dificuldades operacionais, como tempo de aplicação do instrumento, reações não verbais dos entrevistados (expressões faciais, dúvida, impaciência, manifestações de ansiedade e linguagem corporal) e sugestões dos participantes. Tais características deveriam ser registradas pelos fonoaudiólogos voluntários logo após aplicação de cada pergunta qualitativamente, sem utilização de escores.

Depois que cada pergunta foi respondida pelo participante, em escala *Likert* de 0 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), o avaliador questionou sobre a clareza do item, perguntando: “*Você entendeu a pergunta?*” e solicitou que o respondente repetisse a questão como ele tinha entendido “*Por favor, repita a pergunta do jeito que você entendeu*”. Quando a resposta tinha algum elemento diferente da proposta original, transcreveu-se a resposta no momento da entrevista. O uso dessa estratégia de paráfrase permitiu analisar a compreensão do que foi solicitado, possibilitando modificações.

Após a aplicação da ECOFAP, os pesquisadores se reuniram com os voluntários e avaliaram qualitativamente, cada item quanto à compreensão, reações não-verbais e aplicabilidade por parte dos respondentes classificando-os como adequados, quando não foi necessário realizar ajustes e inadequados, quando o item não foi compreendido de forma satisfatória. Os autores da ECOFAP fizeram as modificações que julgaram necessárias, em consenso, elaborando uma nova versão da ECOFAP.

Após a análise quali e quantitativa obteve-se a terceira versão da ECOFAP que os autores intitularam de versão piloto. A versão piloto foi formada por 48 itens e foi avaliada por indivíduos com e sem dificuldades de fala em público na etapa de validação baseadas nos processos de resposta.

RESULTADOS

Os resultados apresentam as evidências de validade baseadas no conteúdo do teste e nos processos de resposta da ECOFAP.

No Quadro 1 visualiza-se 24 itens avaliativos propostos pelos pesquisadores, categorizados nas seis famílias de *coping* relacionadas à avaliação cognitiva da situação estressora como desafio, e os comentários do comitê de especialistas sobre cada item. Os itens 1,3,4,5,9,10, 16 foram considerados adequados pelo comitê de especialistas. Os itens 2,7,8,13,17 e 18 também foram considerados adequados, mas os juízes propuseram modificações sintáticas. Os itens 6,11,12,14,15,19-24 foram considerados inadequados, não representando uma estratégia de *coping*.

Tabela 1. Características sociodemográficas e autorrelato de dificuldades para falar em público (n=30)

Variáveis	N	%
Sexo		
Feminino	20	66,6
Masculino	10	33,4
Faixa etária		
18-22 anos	3	10,2
23-26 anos	12	43,1
27-31 anos	9	26,4
32-40 anos	6	20,3
Escolaridade		
Ensino médio	9	26,6
Superior incompleto	18	53,2
Superior completo	6	20,2
Autorrelato de dificuldades para falar em público		
Sim	22	73,3
Não	8	26,7
Profissão		
Porteiro(a)	3	10,7
Estudantes universitários	12	43,1
Professores universitários	6	21,5
Secretários técnicos administrativos	9	24,7

Legenda: N = números de casos, % = frequência

Quadro 1. Itens avaliativos 1ª versão ECOFAP, relacionados à avaliação cognitiva da fala em público como um desafio (n=24)

Famílias de coping	1ª versão ECOFAP	Comentários 1ª versão ECOFAP
Resolução de problemas: tentativa ativa de modificar a situação ou suas consequências. Planejar estratégias, ações instrumentais.	1-Listo os principais tópicos do que vou falar	-
	2-Traço uma ligação entre as minhas ideias	Substituir "traço" por "faço", "estabeleço"
	3-Treino o que vou falar	-
	4-Planejo minha apresentação para falar melhor	-
	5-Procuro falar com clareza	-
	6- Mantenho uma voz firme	Item não representa uma estratégia de coping
Busca de informações: tentativa ativa para aprender mais sobre a situação. Ler, estudar, perguntar aos demais.	7-Busco aprender mais em assessorias de fala em público	O termo "assessorias" pode não ser popular para maioria das pessoas
	8-Participo de cursos de oratória	Participo como aluno
	9-Faço leituras para aprender mais sobre como falar em público	-
Autoconfiança: tentativa ativa de diminuir a angústia emocional. Regulação comportamental e autofala positiva.	10-Mantenho uma postura corporal confiante	-
	11-Penso que grande parte do meu nervosismo não é visível	Item não representa uma estratégia de coping
	12-Evito pensamentos negativos sobre mim	Item não representa uma estratégia de coping
	13-Procuro manter-me tranquilo	Completar a frase com: "enquanto eu falo"
	14-Tento enxergar a oportunidade como um crescimento	Item não representa uma estratégia de coping
	15-Ouço a opinião dos meus colegas	Item não representa uma estratégia de coping
Busca de apoio: tentativa ativa de usar recursos sociais disponíveis para lidar com a situação estressora por meio de busca de contato, ajuda, referenciamento social.	16-Busco apoio profissional	-
	17-Ensaio para pessoas conhecidas	Completar "ensaio minha fala"
	18-Converso com colegas mais experientes	Reformular item
Acomodação: tentativa ativa de redirecionar a atenção para longe da situação estressora, ocupando-se com atividades prazerosas ou modificando a visão sobre a situação. Restruturação cognitiva, aceitação, minimização.	19-Tenho medo de falar, mas continuo	Item não representa uma estratégia de coping
	20-Sinto meu coração disparado, mas acredito que logo vai passar	Item não representa uma estratégia de coping
	21-Aprendo coisas boas com cada nova experiência	Item não representa uma estratégia de coping
Negociação: tentativa ativa de encontrar novas opções, elaborar uma solução de compromisso entre as prioridades individuais e as restrições da situação, estabelecer novos objetivos. Troca.	22-Estabeleço pequenas metas a cada dia	Item não representa uma estratégia de coping
	23-Preparo respostas antevendo perguntas	Item não representa uma estratégia de coping
	24-Troco minha preocupação pela ideia de que vou me sair bem	Item não representa uma estratégia de coping

Forma de apresentação adaptada de Vasconcelos e Nascimento⁽²⁰⁾, Skinner e Zimmer-Gembeck⁽²¹⁾ e Skinner et al.⁽⁶⁾

No Quadro 2 visualiza-se os outros 22 itens avaliativos da primeira versão da ECOFAP, categorizados nas seis famílias de coping relacionadas a avaliação da fala em público com uma ameaça e os comentários do comitê de especialistas sobre cada item. As juízas avaliaram os itens 36,37,38,40 como adequados. Os itens avaliativos 25,27,41 também foram considerados adequados, mas sugeriram-se modificações. Os itens 26 a 35, 39, 42 a 46 foram considerados inadequados, não representando uma estratégia de coping.

Nas Tabelas 2 e 3 visualiza-se a segunda versão da ECOFAP de 60 itens. Na Tabela 2 visualiza-se 30 itens reescritos após sugestões do comitê de juízes especialistas, classificando nas 6 famílias de coping relacionadas a avaliação da situação estressora como desafio, com os comentários da segunda rodada de avaliação e o índice de validade de conteúdo por item (I-ICV). Os itens 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 29 e 30 foram bem avaliados apresentando I-ICV representativos, e os itens avaliativos 1, 5, 8, 13, 16, 17, 20, 24, 25, 28 foram considerados inadequados e foram retirados.

Na Tabela 3 temos 30 itens restantes da segunda versão da ECOFAP reescritos após sugestões do comitê de juízes especialistas,

classificados nas 6 famílias de coping relacionadas a avaliação da situação estressora como ameaça, com os comentários da segunda rodada de avaliação e o índice de validade de conteúdo por item (I-ICV). As juízas classificaram os itens 31 a 34, 36, 37, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58 e 60 como adequados e apresentaram I-ICV representativos. Os itens avaliativos 35, 38, 39, 43, 46, 53, 55 e 59 foram considerados inadequados, com baixo I-ICV.

O Quadro 3 apresenta a versão piloto da ECOFAP com 48 itens. Essa versão foi elaborada a partir da reestruturação da segunda versão da ECOFAP e aplicação do instrumento na amostra de conveniência de 30 pessoas, descrita no método desse artigo para obter evidências de validade baseadas nos processos de resposta.

Após aplicação os pesquisadores, em consenso, avaliaram cada questão, categorizando como adequadas as que não precisaram fazer ajustes e inadequadas as questões que não foram compreendidas de maneira satisfatória. O item "Leio sobre como falar em público" foi reescrito "Leio sobre como falar bem em público". Os itens "Visualizo-me falando bem", "Procuro sugestões de como os colegas lidam com a situação", "Concentro-me em alguma coisa boa que possa vir dessa

Quadro 2. Itens avaliativos 1ª versão ECOFAP, relacionados à avaliação cognitiva da fala em público como ameaça (n=22)

Famílias de coping	1ª versão ECOFAP	Comentários 1ª versão ECOFAP
Desamparo: O indivíduo se considera impotente frente à situação. Passividade, dúvida, desânimo.	25-Acho que vou esquecer as palavras	Substituir "acho" por "tenho medo de"
	26- Sinto que não consigo me acalmar	Item não representa uma estratégia de coping
	27- Travo na hora de falar	"fico paralisado, fico travado"
Fuga: tentativa ativa para libertar-se da situação e das dificuldades relacionadas a ela. Pessimismo, afastamento mental.	28-Falo mais rápido para ficar livre da situação	Especificar situação de falar em público
	29- Evito olhar para as pessoas enquanto falo	Item não representa uma estratégia de coping
	30- Desejo que minha fala termine logo	Item não representa uma estratégia de coping
	31- Acredito que não sou objetivo quando falo	Item não representa uma estratégia de coping
Delegação: o indivíduo tem pena de si ao avaliar que não tem recursos suficientes para lidar com o evento estressor. Reclamação, autculpa, lamentação.	32-Considero difícil saber onde colocar as mãos enquanto falo	Item não representa uma estratégia de coping
	33-Acredito que ninguém presta atenção enquanto falo	Item não representa uma estratégia de coping
	34-Imagino que ninguém entende o que eu falo	Item não representa uma estratégia de coping
	35-Sinto que falar em público é um sofrimento	Item não representa uma estratégia de coping
Isolamento: tentativa ativa de evitar as pessoas ou impede que elas saibam sobre como se sente frente a situação. Afastamento social, evitação dos demais, solidão.	36-Evito lugares onde tenha que falar	-
	37-Evito dar uma opinião, mesmo quando tenho algo a dizer	-
	38-Escondo dos colegas o que sinto quando sou obrigado a falar	-
	39- Desvio o olhar do ouvinte	Item não representa uma estratégia de coping
	40-Evito conversar com meus colegas sobre minha dificuldade de falar em público	-
Submissão: tentativa ativa de manter o foco passivo e repetitivo nos aspectos negativos e prejudiciais da situação. Rigidez, ruminação, pensamentos intrusivos.	41-Acredito que vou fracassar	Completar a ideia do item
	42-Penso que se eu errar não consigo retomar a minha fala	Item não representa uma estratégia de coping
	43-Penso que não vou saber responder a uma pergunta	Item não representa uma estratégia de coping
Oposição: tentativa ativa de usar comportamentos de raiva, explosão, para remover obstáculos impostos pela situação estressora. Agressão, explosão, culpar os outros.	44-Sinto que ninguém simpatiza comigo	Item não representa uma estratégia de coping
	45-Fico cansado de ter que repetir o que digo	Item não representa uma estratégia de coping
	46- Acredito que ninguém presta atenção enquanto falo	Item não representa uma estratégia de coping

Forma de apresentação adaptada de Vasconcelos e Nascimento²⁰, Skinner e Zimmer-Gembeck²¹ e Skinner et al.²².

Tabela 2. Itens avaliativos da 2ª versão da ECOFAP categorizado nas famílias de coping ligadas a avaliação como desafio, com comentários e índice de validade do conteúdo por item (n=30)

Famílias de coping	2ª versão ECOFAP	Comentários 2ª versão ECOFAP	I-ICV
Resolução de problemas	1-Estudo o conteúdo sobre o que vou falar	Representa a família de coping busca de informações	0,64
	2-Organizo previamente as ideias	-	0,90*
	3-Treino o que vou falar em voz alta	-	0,90*
	4-Preparo uma apresentação visualmente atraente	-	0,85*
	5- Concentro-me no conteúdo da minha apresentação enquanto estou falando	Item não representa uma estratégia de coping	0,70
	6-Me esforço para pronunciar as palavras com clareza	-	0,89*
Busca de informações	7- Leio sobre como falar em público	-	0,90*
	8- Faço treinamentos sobre como falar em público	Representa outras famílias: busca de apoio, resolução de problemas	0,60
	9- Observo como bons falantes falam	-	0,82*
	10- Observo como colegas agem nessa situação	-	0,85*
	11- Assistio vídeos sobre como falar bem	-	0,89*

Legenda: I-ICV: Índice de validade de conteúdo para cada item da escala

*I-ICV>0,78

Tabela 2. Continuação...

Famílias de coping	2ª versão ECOFAP	Comentários 2ª versão ECOFAP	I-ICV
Autoconfiança	12-Tento manter uma postura corporal confiante	-	0,92*
	13-Digo a mim mesmo (a) que essa é uma oportunidade de aprendizado	Retirar item	0,30
	14-Concentro-me em pensamentos positivos	-	0,80*
	15- Procuro manter-me tranquilo enquanto falo	-	0,95*
	16-Tento enxergar a oportunidade como um crescimento	Item não representa uma estratégia de coping	0,50
Busca de apoio	17-Peço ajuda a colegas e amigos	Item não representa uma estratégia de coping	0,55
	18-Treino a minha fala com pessoas conhecidas	-	0,80*
	19-Busco apoio de um profissional	Completar com "para aprender a falar bem em público"	0,85*
	20-Ouço a opinião dos meus colegas	Item não representa uma estratégia de coping	0,60
	21-Pergunto a colegas mais experientes o que eles fazem para falar bem	-	0,80*
Acomodação	22-Faço caminhadas	Completar com "para me distrair antes de uma apresentação em público"	0,80*
	23-Assisto televisão	Completar "para desviar minhas preocupações com a minha apresentação"	0,95*
	24-Faço algum tipo de relaxamento ou meditação	Retirar item	0,20
	25-Faço exercícios respiratórios	Item não representa uma estratégia de coping	0,50
	26- Escuto música	Completar "para relaxar antes de falar em público"	0,80*
Negociação	27-Estabeleço pequenas metas a cada dia	Completar "com o objetivo de ser um bom falante"	0,90*
	28-Preparo respostas antevendo perguntas	Item não representa uma estratégia de coping	0,45
	29-Tento substituir a tarefa de falar por uma outra atribuição	-	0,80*
	30-Negocio um prazo maior para me preparar	-	0,95*

Legenda: I-ICV: Índice de validade de conteúdo para cada item da escala
 *I-ICV>0,78

Tabela 3. Itens avaliativos 2ª versão ECOFAP categorizado nas famílias de coping ligadas a avaliação como ameaça, com comentários e índice de validade do conteúdo por item (n=30)

Famílias de coping	2ª versão ECOFAP	Comentários 2ª versão ECOFAP	I-ICV
Fuga	31-Indico outra pessoa para falar em meu lugar	"Evito essa tarefa e indico outra pessoa para falar em meu lugar"	0,80*
	32- Adio a situação de falar em público	-	0,90*
	33- Acelero a fala para terminar logo	-	0,95*
	34- Invento uma desculpa para não falar em público	-	0,85*
	35- Mudo de assunto quando alguém me faz uma pergunta	Item não representa uma estratégia de coping	0,40
Delegação	36- Reclamo com colegas por ter que ser eu a falar	-	0,90*
	37- Me culpo por não querer falar	-	0,85*
	38- Reclamo com meus familiares por ter que passar por essa situação	Retirar item	0,60
	39- Fico lamentando que não consigo falar bem	Retirar item	0,55
	40- Espero que alguém assuma a situação por mim	-	0,85*

Legenda: I-ICV: Índice de validade de conteúdo para cada item da escala
 *I-ICV>0,78

Tabela 3. Continuação...

Famílias de coping	2ª versão ECOFAP	Comentários 2ª versão ECOFAP	I-ICV
Desamparo	41-Fico desanimado ao pensar que vou ter que falar em público	Substituir Fico desanimado por "desanimo"	0,90*
	42-Travo na hora de falar em público	"Me imagino travado"	0,80*
	43-Antecipo resultados negativos	Item não representa uma estratégia de coping	0,40
	44-Tento falar melhor, mas não consigo	-	0,95*
	45- Reflito sobre o que falar, mas não encontro uma saída	-	0,80*
Isolamento	46-Desvio o olhar do ouvinte	Item não representa uma estratégia de coping	0,45
	47-Evito dar uma opinião, mesmo quando tenho algo a dizer	-	0,90*
	48-Evito lugares onde tenha que falar	-	0,85*
	49- Evito conversar com meus colegas sobre minha dificuldade de falar em público	-	0,84*
	50-Escondo dos colegas o que sinto quando sou obrigado a falar	-	0,92*
Submissão	51- Fico preso na ideia de que não adianta me preparar	Substituir "fico preso" por "persevero"	0,85*
	52-Insisto na ideia de que não terei sucesso	-	0,90*
	53-Preparo-me para o pior	Item não representa uma estratégia de coping	0,30
	54-Repito para mim mesmo que é difícil enfrentar essa situação	-	0,85*
	55-Fico ruminando as sensações negativas que a situação me causa	Item não representa uma estratégia de coping	0,25
Oposição	56-Respondo de forma ríspida quando alguém me interrompe	-	0,84*
	57-Culpo os outros por ter que falar	-	0,90*
	58-Demonstro irritação quando alguém discorda do que eu estou expondo	-	0,85*
	59- Me posiciono de forma brusca	Item não representa uma estratégia de coping	0,35
	60-Fico impaciente quando os outros pedem para eu repetir o que falei	Substituir "fico impaciente" por "reajo com impaciência"	0,95*

Legenda: I-ICV: Índice de validade de conteúdo para cada item da escala

*I-ICV>0,78

Quadro 3. Itens avaliativos da versão piloto da ECOFAP nas famílias de coping (n=48)

Famílias de coping	Versão piloto ECOFAP
DESAFIO	
Resolução de problemas	1- Organizo previamente as ideias
	2- Treino o que vou falar em voz alta
	3-Preparo uma apresentação visualmente atraente
	4-Me esforço para pronunciar as palavras com clareza
Busca de informações	5-Leio sobre como falar bem em público
	6- Observo como bons falantes falam
	7-Assisto vídeos sobre como falar bem
	8- Observo como colegas agem nessa situação
Autoconfiança	9- Visualizo-me falando bem
	10-Tento manter uma postura corporal confiante
	11-Procuro manter-me tranquilo enquanto falo
	12-Concentro-me em pensamentos positivos

Quadro 3. Continuação...

Famílias de coping	Versão piloto ECOFAP
Busca de apoio	13- Busco apoio de um profissional para aprender a falar bem em público
	14- Pergunto a colegas mais experientes o que eles fazem para falar bem
	15- Treino a minha fala com pessoas conhecidas
	16- Procuro sugestões de como os colegas lidam com a situação
Acomodação	17- Escuto música para relaxar antes de falar em público
	18- Faço caminhadas para me distrair antes de uma apresentação em público
	19- Assisto televisão para desviar minhas preocupações com a minha apresentação
	20- Concentro-me em alguma coisa boa que possa vir dessa situação
Negociação	21- Estabeleço pequenas metas a cada dia com o objetivo de ser um bom falante
	22- Negocio um prazo maior para me preparar
	23- Esclareço para todos que não me saio bem nessa atividade
	24- Tento substituir a tarefa de falar por uma outra atribuição
AMEAÇA	
Desamparo	25- Desanimo ao pensar que vou falar em público
	26- Me imagino travado na hora de falar em público
	27- Tento falar melhor, mas não consigo
	28- Reflito sobre o que vou falar, mas não encontro uma saída
Fuga	29- Adio a situação de falar em público
	30- Invento uma desculpa para não falar em público
	31- Acelero a fala para terminar logo
	32- Evito essa atividade e indico outra pessoa para falar em meu lugar
Delegação	33- Reclamo com colegas por ter que ser eu a falar
	34- Me culpo por não querer falar em público
	35- Peço que alguém fale em meu lugar
	36- Me recrimino por não saber falar bem
Isolamento	37- Evito conversar com meus colegas sobre minha dificuldade
	38- Escondo dos colegas o que sinto quando sou obrigado a falar
	39- Evito lugares onde tenha que falar
	40- Evito dar uma opinião em público mesmo quando tenho algo a dizer
Submissão	41- Persevero na ideia de que não adianta me preparar
	42- Insisto na ideia de que não terei sucesso
	43- Repito para mim mesmo que é difícil enfrentar essa situação
	44- Digo a mim mesmo que a minha apresentação vai dar errado
Oposição	45- Respondo de forma ríspida quando alguém me interrompe
	46- Demonstro irritação quando alguém discorda do que eu estou falando
	47- Reajo com impaciência quando os outros pedem para repetir o que falei
	48- Culpo os outros por ter que falar

situação”, “Esclareço para todos que não me saio bem nessa atividade”, “Peço que alguém fale em meu lugar” e “Digo a mim mesmo que minha apresentação vai dar errado” foram acrescentados como opinião dos participantes.

DISCUSSÃO

Os resultados mostraram as evidências de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta da ECOFAP. Estas evidências foram primordiais para ajustar os aspectos teóricos, contextuais, semânticos e sintáticos das versões iniciais da ECOFAP. Autores

recomendam que a apresentação das etapas de validade baseadas no conteúdo e nos processos de resposta sejam divulgadas antes de se prosseguir para investigação das outras etapas de evidência de validade do instrumento, o que confere o rigor metodológico necessário à construção de instrumentos⁽²¹⁾.

A ECOFAP é uma escala de autoavaliação das estratégias de enfrentamento para fala em público. Sabe-se que instrumentos de autoavaliação, auxiliam o sujeito a se questionar sobre determinado aspecto, muitas vezes não relatados espontaneamente e influenciam na prontidão para mudança em relação ao seu problema^(31,32). A partir da autoavaliação também é possível

verificar a percepção que a pessoa tem sobre a sua capacidade de autorregulação⁽³³⁾. Autores discutem que a autorregulação é fundamental no processo de aprendizagem e generalização de novas habilidades, além de ser importante para manejo ou manutenção de comportamentos adquiridos a longo prazo⁽³⁴⁾.

A elaboração da ECOFAP se baseou na TMC, de Skinner et al.^(9,30,14-16), que compreende o *coping*, como uma ação autorregulatória, que monitora o comportamento de resposta a situações estressoras^(9,10,14-16,30). Outros estudos, da área da saúde, também utilizaram a teoria TMC para fundamentar o desenvolvimento de instrumentos de coping^(35,36).

A versão I da ECOFAP, foi elaborada com 46 itens, divididos entre as famílias e os seus respectivos processos adaptativos, como apresentados nos Quadros 1 e 2. Os itens foram aleatorizados para avaliação dos juízes, evitando o viés de análise⁽³⁶⁾. Esse cuidado metodológico é realizado para que não haja uma tendência de o juiz avaliar todos os itens da mesma forma, sem considerar suas diferenças de conteúdo ou formato. Ao aleatorizar a ordem dos itens, cada item é avaliado de forma independente, proporcionando uma análise mais precisa e confiável, evitando-se também a fadiga do avaliador, pois não há um padrão repetitivo na apresentação dos itens⁽³⁶⁾. Na avaliação qualitativa dos itens, observa-se que a maioria das sugestões foram em relação ao uso da linguagem, verbos e tipo de família de *coping*. Sabe-se que a linguagem do item precisa ser clara, e os aspectos sintáticos e semânticos da frase devem favorecer coesão e representar apenas uma ideia, compreensível, e direcionada à população alvo⁽²³⁻²⁵⁾.

Nesta vertente, alguns termos precisaram ser revisados, como por exemplo, substituir o termo “assessorias” por treinamentos ou cursos. Observa-se que 20 itens da I versão foram avaliados como inadequados, por não representarem estratégias de *coping* para lidar com a fala em público e sim um sentimento. Os verbos desses itens precisaram ser revistos para se configurarem como uma ação regulatória para se adaptar e enfrentar situações estressoras.

Estudos descrevem as dificuldades na elaboração dos itens de um instrumento e na classificação dos itens dentro das 12 famílias de *coping* da TMC⁽³⁷⁾. Sabe-se que o processo de elaboração dos itens é um processo árduo, de rigor metodológico e que muitas vezes, depende do olhar de um especialista de fora do processo, o que reforça a importância dessa fase de validação do conteúdo. Após os comentários e sugestões na I versão, os autores se reuniram, discutiram e realizam um novo ajuste. Itens foram reformulados, ou retirados e outros foram incluídos e também reclassificados em outras famílias. Todas essas modificações só foram possíveis devido aos comentários dos especialistas, o que impulsionou os autores a reestruturar os itens, assim como observado em outros estudos na literatura^(37,38).

Na versão II da ECOFAP de 60 itens (Tabelas 2 e 3) observou-se uma maior aceitação dos juízes, com pequenas sugestões. Nesta fase se realizou uma avaliação quali e quantitativa. A avaliação quantitativa é recomendada para embasar a tomada de decisão dos pesquisadores quanto aos ajustes do instrumento, caracterizando a concordância entre os juízes através da análise de índice de validade de conteúdo⁽²⁴⁻²⁶⁾. Os resultados mostram que a grande maioria dos itens apresentou índice de validade de

conteúdo (I-ICV) com alto grau de concordância, o que mostra que os itens estavam bem redigidos e seguiram adequadamente as etapas de validação para esse fim.

Na versão III da ECOFAP (Quadro 3), os 48 itens foram definidos a partir do resultado da análise do índice de validade de conteúdo, seguido de aplicação de estudo piloto em estratos diversificados da população-alvo e opiniões dessa população. Estudos apontam que investigar as evidências de validade baseadas no processo de resposta complementam as evidências de validade baseadas no conteúdo do teste, sendo altamente relevante para realizar ajustes no instrumento, baseados em reações verbais e não verbais da população alvo^(21,38). Nesta etapa foram sugeridos acréscimos de 5 itens e um item foi reescrito. Consideramos pertinentes as mudanças para cumprir os critérios de simplicidade propostos por Pasquali, adequando a linguagem a população-alvo^(24,25).

As limitações desse estudo estão relacionadas a ausência de estudo de validade de critério (comparação com medida externa), validade de construto (análise da estrutura fatorial), fidedignidade (estabilidade temporal por meio de teste-reteste e consistência interna) e estabelecimento de ponto de corte com significado clínico.

Ressaltamos que a primeira, segunda e a versão piloto aqui apresentadas não são a versão final da ECOFAP. A escala ECOFAP ainda passará pela etapa de investigação de evidências da estrutura interna, analisando-se as características psicométricas do instrumento. Uma vez concluído o processo de validação da ECOFAP, ela poderá ser aplicada nas assessorias e pesquisas fonoaudiológicas como instrumento de autopercepção e autorregulação da fala em público. Acredita-se que a escala poderá auxiliar a condução das assessorias e como medidas de desfecho nas pesquisas científicas.

CONCLUSÃO

A ECOFAP é uma escala de autoavaliação das estratégias de enfrentamento para fala em público elaborada e obtida pelas evidências de validade baseadas no conteúdo do teste e nos processos de resposta. Apresenta itens com estruturas semântica e sintática adequadas e que representam o construto teórico de autorregulação da fala em público. Ressalta-se a importância dessas evidências serem consideradas por pesquisadores para utilizarem instrumentos confiáveis e apropriados para uma população alvo.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo auxílio à pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Lucas SE. The art of public speaking. 12th ed. New York: McGraw-Hill Education; 2015. 447 p.
2. Behlau M, Barbara M. Comunicação consciente: o que comunico quando me comunico. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thieme Revinter; 2022. 160 p.
3. Grilo APS, Oliveira AAP, Puggina ACG. Public speaking: relationship with competency in communication, anxiety and student oratory experiences. Rev Eferm Cent Oeste Min. 2019;9:e3534. <http://doi.org/10.19175/recom.v9i0.3534>.

4. Romano CC, Alves LA, Secco IA, Ricz LN, Robazzi ML. The expressiveness of a university professor in his classroom performance: analysis of verbal resources and implications for nursing. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2011;19(5):1188-96. <http://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500017>. PMID:22030584.
5. Osório FL, Crippa JA, Loureiro SR. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. *Arch Clin Psychiatry*. 2012;39(2):48-53. <http://doi.org/10.1590/S0101-60832012000200002>.
6. Oliveira BLD, Sales HFS, Lima KS, Santos NA, Galdino MKC. Adaptation of the Public Speaking Anxiety Scale (PSAS) for Brazil. *Contextos Clin*. 2020;13(1):19-35. <http://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.02>.
7. Bodie GD. A racing heart, rattling knees, and ruminative thoughts: defining, explaining, and treating Public Speaking Anxiety. *Commun Educ*. 2010;59(1):70-105. <http://doi.org/10.1080/03634520903443849>.
8. Furukawa TA, Watanabe N, Kinoshita Y, Kinoshita K, Sasaki T, Nishida A, et al. Public speaking fears and their correlates among 17,615 Japanese adolescents. *Asia-Pac Psychiatry*. 2014;6(1):99-104. <http://doi.org/10.1111/j.1758-5872.2012.00184.x>. PMID:23857766.
9. Skinner EA, Edge K, Altman J, Sherwood H. Searching for the structure of coping: a review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychol Bull*. 2003;129(2):216-69. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.216>. PMID:12696840.
10. Skinner EA, Wellborn JG. Coping during childhood and adolescence: a motivational perspective. *Life-span Development and Behavior*. 1994;12:91-133.
11. Lazarus RS, Folkman S. Stress, appraisal and coping. New York: Springer Publishing Company; 1984.
12. Pimentel CE, Vargas MM, Almeida TO, Maynard VAP, Figueiredo SMCT. Evidências de validade e precisão da Escala de Coping através de Ouvir Música. *Psico-USF*. 2012;17(91):141-51. <http://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100015>.
13. Oliveira G, Zambon F, Vaiano T, Costa F, Behlau M. Versões reduzidas para protocolo clínico de enfrentamento das disfonias. *CoDAS*. 2016;28(6):828-32. <http://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015177>. PMID:27982248.
14. Skinner EA, Zimmer-Gembeck M. Coping and the development of regulation: new directions for child and adolescent development. San Francisco: Jossey-Bass; 2009. p. 5-17.
15. Skinner EA, Edge K. Parenting, motivation, and the development of coping. Lincoln: University of Nebraska Press; 2002. p. 77-143.
16. Skinner EA, Zimmer-Gembeck MJ. The development of coping. *Annu Rev Psychol*. 2007;58(1):119-44. <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085705>. PMID:16903804.
17. Maldonado I, Reich M. Estratégias de enfrentamento y medo a hablar em público em estudantes universitários a nível de grado. *Cienc Psicol*. 2013;7(2):165-8. <http://doi.org/10.22235/cp.v7i1.1058>.
18. Marinho ACF, Medeiros AM, Pantuza JJ, Teixeira LC. Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público. *CoDAS*. 2020;32(5):e20190097. <http://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019097>. PMID:33053085.
19. Hancock AB, Stone MD, Brundage SB, Zeigler MT. Public speaking attitudes: does curriculum make a difference? *J Voice*. 2010;24(3):302-7. <http://doi.org/10.1016/j.jvoice.2008.09.007>. PMID:19481418.
20. Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Teixeira LC. Instrumentos de avaliação e autoavaliação da fala em público: uma revisão integrativa da literatura. *Audiol Commun Res*. 2022;27:e2539. <http://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2539>.
21. AERA: American Educational Research Association. American Psychological Association. National Council on Measurement in Education. Standards for educational and psychological testing. New York: AERA; 2014.
22. Carretero-Dios H, Perez C. Standards for the development and review of instrumental studies: considerations about test selection in psychological research. *Int J Clin Health Psychol*. 2007;7:863-82.
23. Pernambuco LA, Espelt A, Magalhães HV Jr, Cavalcanti RVA, Lima KC. Recommendations for elaboration, transcultural adaptation and validation process of tests in Speech, Hearing and Language Pathology. *CoDAS*. 2017;29(3):e20160217. PMID:28614460.
24. Pasquali L. Psicometria. *Rev Esc Enferm USP*. 2009;43(spe):992-9. <http://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>.
25. Pasquali L. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1999. p. 37-157.
26. Alexandre NMC, Coluci MZO. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Cien Saude Colet*. 2011;16(7):3061-8. <http://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>. PMID:21808894.
27. Gallardo RY, Olmos RC. The Delphi method and the investigation in health services. *Cienc Enferm*. 2008;14:9-15.
28. Keeney S, Hasson F, McKenna H. Consulting the oracle: ten lessons from using the Delphi technique in nursing research. *J Adv Nurs*. 2006;53(2):205-12. <http://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2006.03716.x>. PMID:16422719.
29. Polit D, Beck CT, Owen S. Is the CVI an acceptable indicator of content validity? Appraisal and recommendations. *Res Nurs Health*. 2007;30(4):459-67. <http://doi.org/10.1002/nur.20199>. PMID:17654487.
30. Vasconcelos AG, Nascimento E. Teoria Motivacional do Coping: um modelo hierárquico e desenvolvimental. *Aval Psicol*. 2016;15:77-87. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200011>.
31. Celeste LC, Lima AM, Seixas JMA, Silva MA, Silva EM. Treinamento da performance comunicativa em universitários da área da saúde. *Audiol Commun Res*. 2018;23(0):e1879. <http://doi.org/10.1590/2317-6431-2017-1879>.
32. Lira AAM, Borrego MC, Behlau M. Autoavaliação dos recursos comunicativos por representantes comerciais e sua relação com o desempenho em vendas. *CoDAS*. 2019;31(6):e20190067. <http://doi.org/10.1590/2317-1782/20192019067>. PMID:31721891.
33. Almeida AA, Behlau M. Adaptação cultural do Questionário Reduzido de Autorregulação: sugestões de aplicação para área de voz. *CoDAS*. 2017;29(5):e20160199. <http://doi.org/10.1590/2317-1782/20172016199>. PMID:28813068.
34. Vinney LA, Turkstra LS. The role of self-regulation in voice therapy. *J Voice*. 2013;27(3):390.e1-11. <http://doi.org/10.1016/j.jvoice.2013.01.003>. PMID:23639733.
35. Moraes F, Benetti ER, Herr GE, Stube M, Stumm EM, Guido LA. Coping strategies used by nursing professionals in neonatal intensive care. *Rev Min Enferm*. 2016;20:e966. <http://doi.org/10.5935/1415-2762.20160036>.
36. Silveira CM, Bellaguarda ML, Canevar B, Costa R, Knih NS, Caldeira S. Coping da equipe de enfermagem no processo morte-morrer em unidade neonatal. *Acta Paul Enferm*. 2022;35:eAPE02261. <http://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO02261>.
37. Silva AMB, et al. Scale of Coping with Pain for Dancers (COPAIN-Dancer): construction and validity evidences. *Rev Psicol*. 2019;37(1):159193. <http://doi.org/10.18800/psico.201901.006>.
38. Pernambuco LA, Espelt A, Magalhães HV Jr, Lima KC. Screening for Voice Disorders in Older Adults (RAVI)-part I: validity evidence based on test content and response processes. *J Voice*. 2016;30(2):246.e9-17. <http://doi.org/10.1016/j.jvoice.2015.04.008>. PMID:25979792.

Contribuição dos autores

ACFM participou da idealização do estudo, coleta, concepção, delineamento, análise, interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada; AMM e EPL participaram, na condição de coorientadores, da idealização, estudo, análise, interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica e aprovação da versão a ser publicada; LCT participou, na condição de orientadora, da idealização, estudo, análise, interpretação dos dados, revisão crítica e aprovação da versão a ser publicada.

5.3 Evidências de validade baseadas na estrutura interna

Artigo submetido à revista CoDas : “Escala de Coping para Fala em Público (ECOFAP): evidências de validade baseadas na estrutura interna”

RESUMO

Objetivo: apresentar as evidências de validade da Escala de *Coping* para Fala em Público (ECOFAP) baseadas na estrutura interna. **Método:** estudo metodológico de elaboração e validação de instrumento. Participaram do estudo 1.119 adultos que falam em público em contextos acadêmicos ou profissionais, com média de 25 anos. A maioria da amostra era do sexo feminino (68,5%) e com ensino superior completo (58,5%). Foi utilizado como instrumento de investigação um questionário de autorrelato incluindo: 1) características sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade, profissão); 2) perguntas sobre participação em treinamentos para aperfeiçoamento da comunicação em público e experiência de fala em público, em contextos acadêmicos e profissionais; 3) Escala de *Coping* para Fala em Público (ECOFAP – Versão piloto de 48 itens). Para as etapas de evidência de validade, foram realizadas análises da consistência interna (alfa de *Cronbach*) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC). **Resultados:** os resultados indicaram uma boa consistência interna da ECOFAP (alfa de *Cronbach* 0,87). O instrumento apresentou estrutura fatorial composta pelo fator Desafio (13 itens) e Ameaça (17itens). As cargas fatoriais variaram de 0,37 a 0,66. **Conclusão:** a ECOFAP mostra uma estrutura interna sólida e propriedades psicométricas adequadas. O instrumento é confiável e válido para autoavaliar estratégias de *coping* para fala em público de indivíduos adultos em contextos acadêmicos e profissionais.

Palavras chaves: estudo de validação, *coping*, fala em público, autoavaliação, psicometria

Resultados

Análise fatorial exploratória (AFE)

Na análise inicial os coeficientes de correlação item-total variaram de 0,08 a 0,76, os valores de alfa de *Cronbach* de 0,57 a 0,90 e as cargas fatoriais variaram de 0,14 (item 21) a 0,66 (item 23). Na sequência, foi realizada uma segunda análise retirando 12 itens cujo desempenho foi considerado insuficiente (3, 8, 11, 14, 20, 21, 25, 32, 36, 40, 41, 48). de acordo com os valores dos coeficientes correlação item-total, alfa e carga fatorial. Nessa análise todos os parâmetros foram estatisticamente significativos. Os coeficientes de correlação item-total variaram de 0,30 a 0,090, alfa de *Cronbach* variaram de 0,60 a 0,89, e as cargas fatoriais com pesos variando de 0,37 (item 22) a 0,66 (item 23).

Tabela 1- Estrutura interna da ECOFAP: coeficientes de correlação, consistência interna e cargas fatoriais

Domínios e itens	1ª análise-ECOFAP 48 itens					2ª análise ECOFAP 36 itens		
	Média	Desvio-padrão	Correlação item -total	a se o item for excluído	Carga fatorial	Correlação item -total	a se o item for excluído	Carga fatorial
Resolução de problemas				0,59			0,60	
1	24,26	0,98	0,50	0,45	0,57	0,51	0,60	0,63
2	2,96	1,72	0,31	0,51	0,53	0,30	0,44	0,61
3 ***	3,92	1,27	0,20	0,60	0,48	-	-	-
4	4,11	1,07	0,50	0,58	0,39	0,49	0,55	0,46
Busca de informações				0,73			0,72	
5	1,60	1,69	0,30	0,65	0,52	0,31	0,53	0,62
6	3,38	1,57	0,30	0,69	0,48	0,32	0,82	0,45
7	1,33	1,60	0,30	0,62	0,54	0,30	0,65	0,63
8 ***	3,78	1,28	0,21	0,72	0,44	-	-	-
Autoconfiança				0,75			0,76	
9	2,89	1,73	0,70	0,72	0,46	0,90	0,75	0,52
10	3,72	1,29	0,34	0,65	0,54	0,33	0,66	0,61
11	3,87	1,18	0,37	0,68	0,52	0,36	0,62	0,58
12***	2,73	1,63	0,70	0,76	0,46	0,70	-	-
Busca de apoio				0,72			0,60	
13	0,73	1,32	0,31	0,75	0,36	0,31	0,60	0,61
14 ***	1,48	1,62	0,26	0,60	0,57	-	-	-
15	1,98	1,82	0,32	0,72	0,44	0,32	0,43	0,48
16	1,82	1,70	0,32	0,56	0,58	0,31	0,31	0,59
Acomodação				0,59			0,60	
17	1,18	1,68	0,34	0,43	0,58	0,34	0,39	0,63

18	0,86	1,43	0,44	0,45	0,57	0,43	0,44	0,62
19	1,18	1,63	0,30	0,57	0,42	0,30	0,65	0,61
20 ***	2,68	1,74	0,08	0,60	0,38	-	-	-
Negociação				0,57			0,65	
21 ***	1,24	1,57	0,17	0,65	0,14	-	-	-
22	1,80	1,72	0,33	0,50	0,37	0,31	0,80	0,47
23	1,82	1,89	0,64	0,36	0,66	0,64	0,34	0,37
24	2,03	2,00	0,72	0,39	0,65	0,72	0,39	0,66
Desamparo				0,90			0,88	
25 ***	2,30	1,98	0,72	0,88	0,49	-	-	-
26	2,21	1,99	0,72	0,87	0,50	0,73	0,87	0,55
27	2,21	1,81	0,65	0,87	0,50	0,64	0,80	0,58
28	1,64	1,72	0,69	0,87	0,50	0,69	0,80	0,58
Fuga				0,90			0,84	
29	1,92	1,97	0,73	0,85	0,51	0,73	0,72	0,60
30	1,56	1,85	0,73	0,85	0,52	0,73	0,71	0,60
31	2,20	1,83	0,62	0,92	0,42	0,62	0,89	0,52
32 ***	1,86	1,93	0,76	0,84	0,52	-	-	-
Delegação				0,88			0,86	
33	1,44	1,81	0,67	0,86	0,49	0,66	0,80	0,58
34	1,91	2,05	0,71	0,84	0,50	0,71	0,87	0,55
35	1,57	1,85	0,74	0,84	0,51	0,74	0,76	0,59
36 ***	2,17	2,00	0,69	0,86	0,48	-	-	-
Isolamento				0,82			0,79	
37	1,48	1,74	0,46	0,77	0,50	0,46	0,66	0,60
38	1,39	1,74	0,48	0,76	0,51	0,48	0,62	0,61
39	1,92	1,91	0,67	0,77	0,49	0,67	0,85	0,50
40 ***	2,42	1,86	0,25	0,79	0,47	-	-	-
Submissão				0,89			0,89	
41***	1,08	1,57	0,59	0,89	0,47	-	-	-
42	1,20	1,62	0,67	0,84	0,52	0,65	0,82	0,58
43	1,55	1,78	0,69	0,87	0,50	0,69	0,85	0,57
44	1,10	1,56	0,60	0,86	0,49	0,61	0,85	0,57
Oposição				0,77			0,79	
45	0,70	1,23	0,32	0,71	0,50	0,33	0,75	0,56
46	1,09	1,38	0,32	0,68	0,53	0,34	0,67	0,59
47	0,90	1,37	0,40	0,68	0,53	0,41	0,71	0,57
48 ***	0,45	1,06	0,46	0,79	0,40	-	-	-

Indicadores de ajuste da MEE para validação da ECOFAP

Os índices de ajustes do MEE. Os valores iniciais dos índices GFI, AGFI, RMSEA, TLI, CFI e PGFI, estão abaixo do mínimo preconizado na literatura, não podendo confirmar a estrutura fatorial da ECOFAP com 12 fatores. Os autores decidiram testar uma nova estrutura de dois fatores agrupando seis famílias de coping com foco no

desafio (resolução de problemas, busca de informações, autoconfiança, busca de apoio, acomodação e negociação) e seis com foco na ameaça (desamparo, fuga, delegação, isolamento, submissão e oposição). Destaca-se ainda que, conforme exposto, os valores apresentaram valores adequados. Nesse processo foi necessário excluir os itens 24(0,11), 23(0,13), 1(0,15), 19(0,19), 45(0,28) e 2(0,29), começando pelo menor valor pois as cargas fatoriais foram abaixo do nível de significância de 0,30.

Tabela 2 - Indicadores de ajuste da MEE para validação da ECOFAP

Indicadores de ajuste	Modelo Final
ECOFAP-12 Fatores	
Função de discrepância: χ^2 (valor p)	29.380
Qui-quadrado normado (χ^2/gf)	0,59
GFI (índice de normalidade de ajuste)	0,78
AGFI (índice de qualidade de ajuste ajustado)	0,73
RMSEA (raiz média quadrática dos erros de aproximação)	0,50
TLI (índice Tukey-Lewis)	0,85
CFI (Índice de ajuste comparativo)	0,78
ECOFAP- 2 Fatores	
Função de discrepância: χ^2 (valor p)	4392.291
Qui-quadrado normado (χ^2/gf)	1,73
GFI (índice de normalidade de ajuste)	0,96
AGFI (índice de qualidade de ajuste ajustado)	0,93
RMSEA (raiz média quadrática dos erros de aproximação)	0,04
TLI (índice Tukey-Lewis)	0,96
CFI (Índice de ajuste comparativo)	0,92

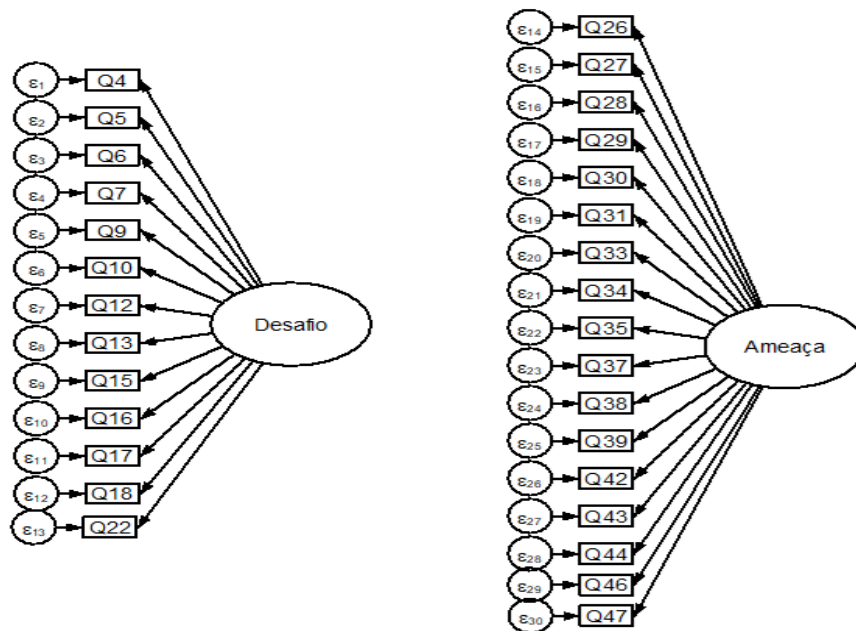
Estrutura fatorial da ECOFAP

Verificou-se que o Fator Desafio agrupou os itens 4-7,9,10,11,13,15- 18,22, sendo o item 7 “*Assisto vídeos sobre como falar bem.*” (carga fatorial = 0,75) o mais representativo deste fator. O Fator Ameaça é composto pelos itens (26-31,33-35,37-39,42-44, 46 e 47) o item 30 “*Invento uma desculpa para não falar em público*” (carga fatorial = 0,86) o mais representativo.

Tabela 4 -Estrutura fatorial da ECOFAP

Itens	Fator 1 (Desafio)	Fator 2 (Ameaça)
4-Me esforço para pronunciar as palavras com clareza	0,32	
5-Leio sobre como falar bem em público.	0,74	
6- Observo como bons falantes falam.	0,48	
7-Assisto vídeos sobre como falar bem.	0,75	
9- Visualizo-me falando bem.	0,38	
10-Tento manter uma postura corporal confiante.	0,32	
12-Procuro manter-me tranquilo enquanto falo.	0,40	
13- Busco apoio de um profissional para aprender a falar bem em público.	0,55	
15- Treino a minha fala com pessoas conhecidas.	0,38	
16- Procuro sugestões de como os colegas lidam com a situação.	0,47	
17- Escuto música para relaxar antes de falar em público.	0,31	
18- Faço caminhadas para me distrair antes de uma apresentação em público.	0,33	
22- Negocio um prazo maior para me preparar.	0,36	
26- Me imagino travado na hora de falar em público.		0,80
27- Tento falar melhor, mas não consigo.		0,77
28- Reflito sobre o que vou falar, mas não encontro uma saída.		0,79
29- Adio a situação de falar em público.		0,84
30- Invento uma desculpa para não falar em público.		0,86
31- Acelero a fala para terminar logo.		0,68
33- Reclamo com colegas por ter que ser eu a falar.		0,75
34- Me culpo por não querer falar em público.		0,82
35- Peço que alguém fale em meu lugar.		0,83
37- Evito conversar com meus colegas sobre minha dificuldade.		0,53
38- Escondo dos colegas o que sinto quando sou obrigado a falar.		0,54
39- Evito lugares onde tenha que falar.		0,80
42-Insisto na ideia de que não terei sucesso.		0,78
43-Repito para mim mesmo que é difícil enfrentar essa situação.		0,80
44- Digo a mim mesmo que a minha apresentação vai dar errado.		0,71
46- Demonstro irritação quando alguém discorda do que eu estou falando.		0,31
47-Reajo com impaciência quando os outros pedem para repetir o que falei.		0,39
Alfa de Cronbach total =0,89		
Variância total explicada =78%		

Fig 1 Diagrama estrutura fatorial ECOFAP



A versão final da ECOFAP apresentou uma estrutura de dois fatores com 30 itens e categorias de resposta do tipo *likert 1*(discordo totalmente a 5 concordo totalmente (Apêndice II). Os itens foram aleatorizados em ordem decrescente de acordo com sua carga fatorial, autovalores e variância dos domínios.

6.Considerações Finais

A ECOFAP apresenta evidências de validade adequadas baseadas no conteúdo do teste, processo de resposta e na estrutura interna. O instrumento é composto por 36 itens, divididos em 12 fatores.

O instrumento é de fácil aplicação, uma ferramenta valiosa para a área de estudos sobre comunicação, fornecendo insights significativos sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelos indivíduos ao enfrentar situações de fala em público. A escala contribui para o desenvolvimento de intervenções eficazes e personalizadas, visando melhorar a habilidade de comunicação oral e reduzir o impacto negativo da ansiedade e do estresse nas apresentações públicas.

O estudo apresentou algumas limitações como à ausência de um instrumento padrão-ouro de avaliação de estratégias de *coping* para falar em público, impossibilitando a realização de outras análises comparativas. Sugerimos que estudos futuros possam avaliar as relações da escala com outras medidas relacionadas ao *coping*, buscando avaliar evidências de validade convergente e divergente, bem como teste-reteste para avaliar a estabilidade do instrumento.

Escala *Coping* para fala em público – ECOFAP
(Marinho ACF, Medeiros AM, Lima EP, Teixeira LC)

Esta escala tem o objetivo de avaliar quais são as estratégias que você usa, no momento atual da sua vida, para enfrentar situações de fala em público. Considere "falar em público" como se comunicar em voz alta, diante de pessoas desconhecidas, em um contexto profissional ou acadêmico. Diante de cada afirmação abaixo, assinale de 1 a 5 o quanto você concorda ou discorda da afirmação, sendo 1 para "discordo totalmente" e 5 para "concordo totalmente".

1. Leio sobre como falar bem em público	1	2	3	4	5
2. Invento uma desculpa para não falar em público	1	2	3	4	5
3. Me esforço para pronunciar as palavras com clareza	1	2	3	4	5
4. Adio a situação de falar em público	1	2	3	4	5
5. Busco apoio de um profissional para aprender a falar bem em público	1	2	3	4	5
6. Me culpo por não querer falar em público	1	2	3	4	5
7. Visualizo-me falando bem	1	2	3	4	5
8. Peço que alguém fale em meu lugar	1	2	3	4	5
9. Reajo com impaciência quando os outros pedem para repetir o que falei	1	2	3	4	5
10. Negocio um prazo maior para me preparar	1	2	3	4	5
11. Observo como bons falantes falam	1	2	3	4	5
12. Me imagino travado na hora de falar em público	1	2	3	4	5
13. Evito conversar com meus colegas sobre minha dificuldade	1	2	3	4	5
14. Evito lugares onde tenha que falar	1	2	3	4	5
15. Procuo sugestões de como os colegas lidam com a situação	1	2	3	4	5
16. Repito para mim mesmo que é difícil enfrentar essa situação	1	2	3	4	5
17. Escondo dos colegas o que sinto quando sou obrigado a falar	1	2	3	4	5
18. Tento manter uma postura corporal confiante	1	2	3	4	5
19. Reflito sobre o que vou falar, mas não encontro uma saída	1	2	3	4	5
20. Treino a minha fala com pessoas conhecidas	1	2	3	4	5
21. Insisto na ideia de que não terei sucesso	1	2	3	4	5
22. Procuo manter-me tranquilo enquanto falo	1	2	3	4	5
23. Tento falar melhor, mas não consigo	1	2	3	4	5
24. Reclamo com colegas por ter que ser eu a falar	1	2	3	4	5
25. Faço caminhadas para me distrair antes de uma apresentação em público	1	2	3	4	5

26. Digo a mim mesmo que a minha apresentação vai dar errado	1	2	3	4	5
27. Acelero a fala para terminar logo	1	2	3	4	5
28. Escuto música para relaxar antes de falar em público	1	2	3	4	5
29. Demonstro irritação quando alguém discorda do que eu estou falando	1	2	3	4	5
30. Assisto vídeos sobre como falar bem	1	2	3	4	5

Correção

Calcula-se o somatório simples de cada fator:

Desafio: itens 1, 3, 5, 7, 10, 11, 15, 18, 20, 22, 25, 28 e 30 (13 itens, pontuação máxima 65)

Ameaça: itens 2, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 23, 24, 26, 27, e 29 (17 itens, pontuação máxima 85)

ANEXOS

Anexo 1- Normas do Colegiado do Programa de Pós- Graduação em Ciências Fonoaudiológicas

Resolução 09/2020 de 04 de junho de 2020.

Regulamenta o formato de teses Programa
de Pós-Graduação em Ciências
Fonoaudiológicas da Faculdade de Medicina
da UFMG

O Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas, no uso de suas atribuições, e considerando a necessidade de regulamentar o formato das teses de doutorado do Programa, RESOLVE:

Art. 1º - A tese de doutorado poderá ser elaborada no formato convencional e no formato de artigo.

§ 1º - O formato de artigo é considerado preferencial pelo colegiado do Programa. Art. 2º O Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas propõe o seguinte roteiro para elaboração da tese no formato de artigo:

1. Capa

2. Folha de Rosto

3. Folha da Instituição

4. Declaração de Defesa

5. Resumo da tese/Descritores (1300 palavras/3 a 5 descritores)

6. Abstract/Keywords

7. Sumário

8. Introdução

9. Referencial teórico

10 Hipóteses

11. Objetivos: redigido da forma convencional (uma ou duas páginas); 12. Métodos: redigido da forma convencional e detalhado (se necessário); ou Conforme julgamento dos autores, informações referentes aos materiais e métodos que estejam contidas no(s) artigo(s) podem ser suprimidas desta seção, para evitar redundância. 12. Resultados e discussão: sob a forma de artigo ou artigos, formatados de acordo com as normas do(s) periódico(s) cujo trabalho foi (ram) submetido(s).

13. Conclusão ou considerações finais: até cinco paginas.

14. Anexos/Apêndices

Art. 3º O Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas propõe o seguinte roteiro para elaboração da tese no formato convencional:

1. Capa

2. Folha de Rosto
 3. Folha da Instituição
 4. Declaração de Defesa
 5. Resumo da tese/Descritores (1300 palavras/3 a 5 descritores)
 6. Abstract/Keywords
 7. Sumário
 8. Introdução;
 9. Referencial teórico
- Hipóteses
10. Objetivos;
 11. Métodos;
 12. Resultados;
 13. Discussão;
 14. Conclusões
 15. Referências bibliográficas;
 16. Anexos/Apêndices contendo artigo completo, publicado ou aceito, oriundo da tese. Art. 4º - Outros aspectos de formatação:

I. Referências bibliográficas: serão apresentadas após cada seção da tese de acordo com as normas de Vancouver e conforme as recomendações específicas de cada periódico para os quais os artigos serão submetidos.

II. A tese poderá conter os textos escritos na língua inglesa, de acordo com esta resolução.

Art. 5º. Os casos omissos serão decididos pelo Colegiado de Pós-Graduação. Art. 6º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação. Art. 7º. Ficam revogadas todas as disposições em contrário, em especial a Resolução 01/2014.

Resolução aprovada pelo Colegiado do Curso de Mestrado em
Ciências Fonoaudiológicas em 04 de junho de 2020.

Profa. Profa. Sirley Alves da Silva Carvalho
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas

Anexo 2- Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Instrumento de enfrentamento da fala em público: Modelo teórico, desenvolvimento e validação

Pesquisador: Letícia Caldas Teixeira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59763122.0.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.735.670

Apresentação do Projeto:

Segundo as informações do resumo do projeto, a pesquisa é apresentada da seguinte forma: "Falar em público é uma habilidade multidimensional, um dos desempenhos sociais que mais exigem competência do indivíduo(1). Engloba uma combinação de fatores fisiológicos, linguísticos, psicológicos e culturais(2), utilizados para compartilhar uma ideia e influenciar outras pessoas(3). A fala em público é considerada um estressor psicossocial, uma habilidade desafiadora para muitas pessoas(4-6), que exige o uso de estratégias positivas de enfrentamento para o controle do estresse durante a exposição em público. Na comunicação em público o orador fala diante de uma plateia e será capaz de informar, entreter e inspirar o seu público por meio do equilíbrio entre o que é dito, discurso oral (comunicação verbal), e como é dito, voz, gestos, postura corporal e expressões faciais (comunicação não verbal)(7,8). A avaliação da fala em público está descrita na literatura, por diferentes áreas de conhecimento(4,5,9-23) e manifestações de ansiedade ao falar em público, aspectos da voz, fala, linguagem, gestos são investigados. Sob o referencial da Fonoaudiologia, diversos autores apresentam instrumentos de avaliação em suas pesquisas (5,9,13- 21). Os instrumentos fonoaudiológicos de investigação apresentam formas e estratégias de mensuração variadas e raramente contam com estudos psicométricos de validação(22). Alguns estudos avaliam a autopercepção do sujeito frente a sua comunicação em público (5,13-16,21) outros utilizam a avaliação feita por juízes(9,19,20) especialistas da área; há ainda estudos que combinam as duas modalidades (17,18). Os aspectos de avaliação incluem parâmetros vocais,

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º. Andar - Sala 2006 - Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.735.670

prosódia, expressividade corporal, aspectos da linguagem e organização do discurso. Outras áreas que pesquisam e avaliam a fala em público, como a Psicologia e a Linguística, frequentemente utilizam protocolos que dispõem de evidências de validade (4,10,11,12,20). Contudo, eles contemplam, de forma isolada, as dimensões comportamentais(11, 23), cognitivas(4,11) e fisiológica (11,12) de ansiedade da fala em público. Desta forma, justifica-se a necessidade de construção e validação de um instrumento que avalie o fenômeno da fala em público de forma mais ampla, incluindo potenciais respostas cognitivas, comportamentais, bem como estratégias de enfrentamento específicas em situações de comunicação oral em público. Essa justificativa para elaboração de um instrumento levou à constatação de que uma outra tarefa anterior, sem a qual não seria possível avançar, deveria ser realizada: a construção de um modelo teórico, com base em uma revisão da literatura, que direcionasse a elaboração definições constitutivas e operacionais sobre a Fala em Público. Diante da necessidade de assegurar uma prática fundamentada em evidências científicas, faz-se importante construir e validar um protocolo amplo de avaliação da fala em público, alicerçado por um modelo teórico consolidado, que acreditamos, auxiliará a clínica e a pesquisa fonoaudiológica na área... Trata-se de um estudo metodológico de elaboração e validação de instrumento, que seguirá a proposta de seguir o modelo de elaboração de instrumentos proposto por Luiz Pasquali. A amostra será não probabilística, por meio de bola de neve, constituída por 200 participantes a saber: grupo 1(10) comitê de juízes especialistas formado por fonoaudiólogos e psicólogos, grupo 2 (10) amostra pré-teste estudo piloto, grupo 3 (180) amostra de profissionais em contextos acadêmicos e ocupacionais que falam em público. O desenvolvimento do instrumento de investigação contemplará procedimentos teóricos, empíricos e analítico: 1. Definição do conceito a ser medido será realizada ampla revisão bibliográfica na literatura nacional e internacional para estabelecer a fundamentação teórica sobre o construto fala em público e definir as bases conceituais e metodológicas indicando qual modelo teórico será adotado na pesquisa. 2. Formulação dos itens do instrumento serão realizadas consultas aos itens de avaliação dos instrumentos de Fala em Público validados e disponíveis na literatura, será considerada a experiência clínica dos autores dessa pesquisa e ao referencial teórico metodológico 3. Desenvolvimento de instruções para os respondentes; (análise semântica e empírica dos itens) pela validação por juízes: os juízes realizarão análise teórica e semântica dos itens, considerando o conteúdo, sua relevância, clareza e coesão, poderão fazer comentários individuais sobre cada item do instrumento e propor a inclusão ou a exclusão de itens, caso esses sejam considerados inadequados. 4. Teste de confiabilidade e da validade do instrumento.: será aplicado a versão inicial do instrumento em uma amostra pré-teste, no intuito de avaliar a compreensão e a validade

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 - Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.735.670

de face do instrumento em diferentes extratos da população. Análise de dados A análise estatística dos dados será realizada de forma qualitativa e quantitativa. Incluindo descrição das características da fala em público, análise das propriedades psicométricas de sensibilidade, validade e confiabilidade e análise fatorial da versão validada do protocolo. Serão empregados os testes estatísticos pertinentes para análise psicométrica (incluindo análise fatorial exploratória e confirmatória, alfa de Cronbach, correlações bivariadas teste-reteste e análise de sensibilidade e especificidade) do Protocolo de Autoavaliação da Fala em Público. Serão utilizados os programas estatísticos Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e STATA, Intercooled, Stata Cooperation, Texas, Estados Unidos."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador, o objetivo principal da pesquisa é: "Elaborar e validar um instrumento de enfrentamento da fala em público."

Os objetivos secundários do projeto são "Obter evidências de validade de conteúdo do instrumento de enfrentamento da fala em público. Reunir evidências de validade de construto do instrumento de enfrentamento da fala em público. Verificar a acurácia do instrumento de avaliação da fala em público ."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados no projeto são descritos da seguinte forma do resumo do projeto: "O risco que o presente estudo oferece é mínimo, pois será feito com base em informações obtidas na coleta de dados, os sujeitos não serão identificados e o questionário só é respondido voluntariamente. Os riscos oferecidos aos usuários participantes pode ocorrer devido ao constrangimento oriundo de alguma pergunta. Contudo, será informado aos sujeitos que eles podem recusar-se a responder ou se retirar da pesquisa a qualquer momento." Estes mesmos riscos estão detalhados nos TCLEs apresentados.

Segundo o resumo da pesquisa os benefícios do projeto são descritos da seguinte forma: "Não há benefício direto para os sujeitos da pesquisa, mas será de grande relevância científica visto que existe uma carência de instrumentos validados na área da fonoaudiologia que contemplem o enfrentamento da fala em público."

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.735.670

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é bem fundamentada e tem mérito para a área. A metodologia está bem detalhada no projeto e as informações sobre o projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos: folha de rosto assinada, parecer consubstanciado, informações básicas do projeto, projeto completo, TCLE para os juízes, e TCLE para os participantes avaliadores. Não foram apresentados os instrumentos (a pesquisa se trata da elaboração do instrumento), mas houve detalhamento suficiente sobre o conteúdo do mesmo no projeto completo para determinar que não há risco adicional ao participante baseado no conteúdo do instrumento.

Os TCLEs estão escritos com linguagem adequado com todas as informações. Recomenda-se incluir espaço para rubrica do pesquisador e participante na página sem assinatura.

Recomendações:

Recomendo aprovação do projeto.

Sugere-se a seguinte recomendação nos TCLE:

- 1) Incluir espaço de rubrica nas páginas sem assinatura
- 2) Nos TCLEs, destacar que o participante receberá uma cópia física ou por email do TCLE.
- 3) No TCLE para juízes especialistas, substituir o termo "analisar o questionário" (linha 15) por "responder o questionário".
- 4) Ajustar o cronograma de execução do projeto, pois a coleta de dados só pode ser iniciada após a aprovação no CEP/UFMG.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

N/A

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3400-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.735.670

Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1947329.pdf	16/06/2022 22:50:14		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoInstrumentodeEnfrentamento.docx	16/06/2022 22:49:16	Leticia Caldas Teixeira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPROJETO.docx	10/06/2022 12:47:53	Leticia Caldas Teixeira	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAROSTO.pdf	10/06/2022 11:45:58	Leticia Caldas Teixeira	Aceito
Outros	DEPFONO.pdf	09/06/2022 15:22:44	Leticia Caldas Teixeira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 02 de Novembro de 2022

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 e 2º Andar e Sala 2005 e Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br